

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA E SOCIEDADE

*Velhice:
perda ou ganho?*

MARIA CRISTINA TRIGUERO VELOZ GUIMARÃES

FLORIANÓPOLIS
MARÇO DE 1997

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA E SOCIEDADE

Velhice *perda ou ganho?*

MARIA CRISTINA TRIGUERO VELOZ GUIMARÃES

ORIENTADOR: CLÉLIA MARIA NASCIMENTO SCHULZE

FLORIANÓPOLIS
MARÇO DE 1997

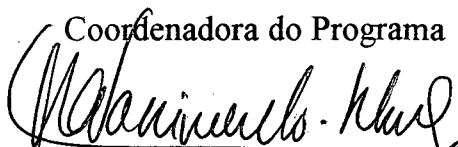
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - MESTRADO

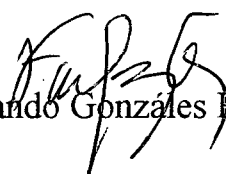
Dissertação defendida e aprovada como requisito básico para obtenção de grau de mestre, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado, Área de Concentração Psicologia e Sociedade, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:

APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM: 03/03/97


Mara Coelho de Souza Lago, Dr.^a

Coordenadora do Programa


Clélia Maria Nascimento Schulze, Dr.^a
Orientadora


Fernando Gonzáles Rey, Dr.


Maria Tereza Leopardi, Dr.^a

*A mi padre in memoriam.
Para él, mi amor eterno.*

*A mi madre y mi hermana.
Com nostalgia y amor.*

[...] Sou um homem e como tal tenho vivido em todos os que têm existido antes que eu e viverei em todos os que existam depois de mim. Viverei nos risos e nas lágrimas dos homens, nos seus pesares e nos seus temores, na sua bondade e na sua maldade, na sua debilidade e na sua força. Como homem viverei eternamente no homem[...]

Mika Waltari, 1945.

Agradecimientos:

Al Departamento de Pos-Graduación de Psicología del Departamento de Psicología del Centro de Filosofía y Ciencias Humanas de la UFSC, en especial a la Profesora Mara y la Secretaria Janeti. De ellas recibí siempre estímulo y apoyo.

A Clélia, que además de orientarme, siempre supo comprenderme.

A un amigo y profesor de la vida y de la ciencia, Miguel Angel.

A Eliana, quien há sido y será como una madre.

A toda mi familia en Cuba, en especial a Yany.

A Edson, una persona muy especial.

A Carmona, una persona a quien respeto profundamente por su sabiduría e sensibilidad. Un agradecimiento especial por tantas horas que me dedicó en mi trabajo.

A Brígido, de quien siempre recibí ayuda quando lo precisava.

A mi amiga Elvira, siempre cubana em mis momentos de nostalgia.

A mi nueva familia de Brasil, en especial Beta, Sandro, Elvira, Deomar, Didi, Marileni.

A todos las personas que se dispusieron gentilmente como sujetos de esta investigación. A ellos mis agradecimientos especiales.

A William, Edith y Corina, por su especial sensibilidad.

A Luzia, por su creatividad y estética en el acabamiento de la tesis.

A Regina, por la revisión final del texto.

RESUMO

Os indivíduos emergem através dos processos de interação social que continuamente exigem deles uma constituição e reconstituição constantes de si mesmos. A partir dessa ampla gama de interações sociais, o ser humano representa o mundo; e, dentro desse mundo, ele próprio. À medida que a pessoa se desenvolve e envelhece precisa construir inúmeras versões de seu *self* para garantir conceitos multifacetados de si próprio que lhe garantam melhor sucesso no curso da vida. Esses pressupostos levaram à realização deste trabalho, que teve como objetivos identificar em três grupos de pessoas, com experiências de vida diferentes, as representações sobre o *self* em diferentes momentos do curso das suas vidas; definir as representações sociais sobre o envelhecimento, o idoso e a velhice e definir a relação que existe entre ambas formas de representação segundo o Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido de Baltes. Os sujeitos entrevistados constituíram-se em três grupos: um deles formado de professores recentemente aposentados da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); outro grupo formado por idosos que estão se formando como Monitores de Ação Gerontológica no Núcleo de Estudos da Terceira Idade da UFSC e um grupo de idosos que moram num ambiente institucional religioso (Centro Vivencial para Idosos de Itacorubi em Florianópolis). Uma primeira análise de tipo qualitativo permitiu calcular as frequências absolutas de significados atribuídos aos conteúdos representacionais do *self* e do envelhecimento e defini-los de acordo com categorias e temáticas. Os resultados mais relevantes foram: - o significado *perdas*, expressado através de diversas referências: *perdas X ganhos*, - a palavra *corpo* (48 vezes nas representações sobre o *self*); - *o idoso como problema para a família* (29 vezes para as representações sociais sobre o envelhecimento e 24 nas representações sobre o *self*). Em relação ao significado *ganhos*, as formas referenciais de maior frequência foram: - questões referidas à: *família* (134 vezes nas representações sobre o *self* no passado; - *metas alcançadas* (122 vezes nas representações sobre o *self* no passado e no presente. Um segundo momento de análise dos dados procedeu-se ao se calcular o grau de associação das categorias obtidas a partir de uma análise de contingência

utilizando o Teste de Chi-Quadrado e a Probabilidade Exata de Fisher. Nessa análise encontraram-se vários coeficientes de associação estatisticamente significativos. Os resultados mais interessantes dessa análise foram os obtidos a partir da associação entre as mesmas categorias das representações sociais sobre o envelhecimento e entre ditas temáticas das representações sociais e aquelas referidas às representações sobre o *self*. De uma parte, concluiu-se, a partir desse trabalho, a estreita interrelação que existe, ao menos em nível das práticas discursivas, entre as representações sociais e o conceito de si ou *self*. Da outra parte, parece-nos que na amostra entrevistada o processo de reconstrução do *self* nem sempre se manifesta de acordo com as novas demandas típicas da velhice, segundo Baltes coloca: “o *self* como mecanismo de resiliência do envelhecimento”, sobretudo em pessoas próximas da terceira idade. Isso justifica o papel da linguagem e da comunicação social no processo de construção do conceito de si e como essa comunicação está atravessada por todo um conjunto de fatores sócio-culturais históricos que determinam o caráter da produção das representações, seja das representações de assuntos de relevância ou as próprias representações de si ao nível personológico.

ABSTRACT

Individuals emerge through processes of social interaction that continually demand of them a process of constituting and reconstituting themselves. From this wide range of social interactions, the individual human being represents the world; and within this world, himself. As the person develops and grows older, he/she needs to build innumerable versions of the *self*, so as to guarantee multifaceted concepts of him/herself that will be conducive to the greatest possible success throughout his/her life. These assumptions have led to the development of this study, whose aim is to identify in three groups of people, with different life experiences, the representations concerning the *self* at different moments in the course of their lives; to define the social representations concerning aging, the aged and old age and define the relation that exists between both forms of representation according to the successful aging model of Baltes. The subjects interviewed comprised three groups: one of them composed of recently retired professors from the “Universidade Federal de Santa Catarina” (UFSC); another group composed of elderly people who are studying to be Monitors of Gerontological Action in the “Núcleo da Terceira Idade” at UFSC and a group of old people who live in a religious institutional environment- “Centro Vivencial para Idosos” (Living Center for the Aged) in the district of Itacorubi in Florianópolis. The first analysis of the qualitative type made it possible to calculate the absolute frequencies of meanings attributed to the representational contents of the *self* and of aging and to define them according to categories and themes. The following results were among the most relevant: the meaning of *losses*, expressed by various references, such as, *losses vs. gains*; the word *body* (48 times in representations of the *self*); *the aged as a problem for the family* (29 times as RS regarding aging and 24 times in representations concerning the *self*). Regarding the meaning of *gains*, the most frequent forms of reference were: matters relating to the *family* (134 times in representations concerning the *self* in the past; *goals achieved* (122 times in the representations concerning the *self* in the past and the present). The second stage of analysis proceeded with the calculation of the degree of

association of the categories obtained from the contingency analysis, utilizing the Chi-Square Test and Fisher's Exact Probability. In this analysis various statistically significant coefficients of association were found. The most interesting results of this analysis were obtained from the association between the categories of social representation and those referring to the representations concerning the *self*. On the one hand, it can be concluded, from this study, that a close interrelation exists, at least on the discourse level, between the social representations and the *self*-concept. On the other hand, it appears that, in the sample interviewed, the process of *self*-reconstruction does not always take place according to the new demands typical of old age, which Baltes calls: "the *self* as a resilience mechanism in aging", especially among those nearing the third age. This explains the role of language and of social communication in the process of building a *self*-concept and the way this communication is intersected by a whole set of socio-cultural-historic factors that determine the nature of the production of representations, whether they are representations of socially relevant concerns or representations of the *self* on a personality level.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	13
2- REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1- Uma abordagem compreensiva do envelhecimento.....	17
2.2- Níveis de análise da compreensão do <i>self</i>	25
2.3- O enfoque psicossociológico das Representações Sociais de Moscovici.....	45
3- METODOLOGIA.....	57
3.1- O Problema.....	57
3.2- Objetivos.....	61
3.3- Seleção da amostra.....	61
3.4- Procedimentos da Coleta e Análise de Dados.....	64
4- DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS.....	67
4.1-Contextualização.....	67
4.2-Os resultados.....	70
5- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	110
5.1-Análise e discussão dos resultados referentes às representações sociais do envelhecimento, do idoso e da velhice.....	113
5.2-Análise e discussão dos resultados referentes às representações sobre o <i>self</i>	122
5.3-Relação entre as representações sociais do envelhecimento em geral e as representações do <i>self</i> numa perspectiva de curso de vida e de desenvolvi- mento na velhice.....	132
6-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
7-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	142
8-ANEXOS	

1 - INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui minha dissertação de conclusão do curso de Mestrado em Psicologia e Sociedade do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. O objetivo geral do trabalho foi integrar dois marcos referenciais teóricos que têm a ver com duas formas diferentes de cognição social, utilizando o Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido de Baltes. Trabalha-se com as cognições referentes à representação do *self* e as representações sociais sobre o idoso, o envelhecimento e a velhice de acordo com a perspectiva psicossociológica de Moscovici.

O interesse psicossociológico sobre as questões do conhecimento como uma forma de realidade justifica-se, entre outros elementos, por sua relatividade individual e social. Nesse sentido Berger e Luckmann (1983) marcam que o que é real para um monge tibetano pode não ser real para um homem americano de negócios.

Na atualidade o envelhecimento populacional é um fenômeno que atinge grande parte do mundo. Estima-se para os próximos vinte anos um incremento cada vez maior do número de pessoas da Terceira Idade; entretanto, em muitos países ainda se rejeita, direta ou indiretamente, o idoso. Essa rápida transformação social característica da modernidade está dando um impulso muito energizante à divisão

complexa do trabalho social e técnico, promovendo, dentro da população, ritmos acelerados de atividade e de autonomia.

Acresce-se a isso a falta de preparação das pessoas para mudar suas vidas, sobretudo depois da aposentadoria. O homem, ao longo do curso de vida, desenvolve-se através de diferentes formas de vida. Por exemplo, a vida familiar, a escolar, a profissional, a social, a pessoal e a vida no trabalho, entre outras. A sociedade prepara o indivíduo para quase todas essas formas de vida, exceto para a vida pessoal, em alguns casos nem para a vida familiar, também, sobretudo tratando-se de pessoas do sexo masculino. Chegada a idade da aposentadoria, o indivíduo fica com essas duas últimas formas: a familiar e a pessoal. Acontece então que, quando a pessoa levou uma vida muito centrada no trabalho, com a chegada da aposentadoria tanto a vida familiar quanto a pessoal podem-se tornar dois presentes envenenados.

O exposto acima me fez conjecturar sobre algumas questões. Como o indivíduo que está próximo da Terceira Idade, ou já é idoso, representa a sua condição? e como esse indivíduo representa seu *self* nos três momentos do curso de vida?.

Na tradição da sociologia do conhecimento, de orientação construtivista, o conceito de representação está ligado a uma gênese social. Esse mundo das representações é um mundo cotidiano que se origina na ação social e no pensamento do homem e, em consequência, é subjetivado como realidade por eles.

De algum modo nosso objetivo neste trabalho também coincide com a opinião de alguns autores que trabalham a construção do conhecimento. Refiro-me, aqui, a Berger e Luckmann (1983, p. 40). A respeito, eles colocam:

“a realidade da vida cotidiana, além disso apresenta-se como um mundo intersubjetivo, um mundo do que participo juntamente com outros homens [...], sei que a minha atitude natural com relação a este mundo corresponde à atitude natural dos outros, que eles também compreendem as objetivações graças às quais esse mundo é ordenado”.

Ambos os tipos de representações, sejam as representações sobre o envelhecimento e sobre o idoso, seja a representação sobre o *self*, são casos prototípicos de realidades subjetivadas no processo da interação e da comunicação social face a face. Essa interação através da linguagem e de outros meios de comunicação, incluindo os gestos, é uma interação que abrange tanto os indivíduos do grupo social mais próximo quanto os indivíduos e os grupos do macro-mundo no qual se vive. Isso confirma o caráter histórico social interativo que está na base da construção social e pessoal das realidades, assim como os efeitos da memória nesse processo.

O pensamento, as emoções, os sentimentos, o sentido pessoal, a linguagem, e com ela os significados servem para criar, para manter, para conservar e para transformar essas realidades representacionais subjetivadas. Dessa forma se legitima cada realidade dos universos representacionais dentro de um outro universo que é a realidade social na qual o homem vive e se desenvolve.

→ Uma das justificativas que me levaram a pesquisar essa temática deve-se ao fato de que a gerontologia constitui um campo de investigação no qual há alguns anos me dedico. Nesse sentido a minha prática tem estado voltada tanto à clínica quanto à investigação gerontológica social e individual. Além disso, acredito que a Psicologia, enquanto ciência que se ocupa dessa fase do desenvolvimento humano, deve contribuir para o aprofundamento do conhecimento da Gerontologia Social.

O envelhecimento populacional se constitui numa das maiores conquistas do presente século. Poder chegar a uma idade avançada já não é mais um privilégio de poucas pessoas. Em contraposição, as sociedades modernas não estão sendo conseqüentes com esse fenômeno no seguinte sentido: atribui-se a essa sociedade moderna valores relacionados com a competitividade, o industrialismo, a valorização das capacidades para o trabalho, para a independência e a autonomia funcional, entre outros. Na realidade, muitos desses valores nem sempre podem ser acompanhados pelos idosos, se levar em consideração as mudanças e as perdas que normalmente se associam a essa fase da vida.

A análise das representações que uma pessoa tem sobre o envelhecimento possibilita, de uma parte, poder identificar modos de pensar e de atuar em relação a como o indivíduo está construindo e subjetivando essa realidade e como ele representa seu *self* face à realidade do envelhecimento subjetivada. De outra, esse conhecimento é, sem dúvida alguma, de grande utilidade para a Gerontologia Social na sua pretensão de desenvolver teorias do envelhecimento centradas no sucesso.

Os padrões pelos quais a sociedade e os grupos referem-se ao envelhecimento também atravessam as formas como o indivíduo representa seu próprio *self* chegado a essa fase da vida ou próximo dela.

O trabalho de pesquisa foi desenvolvido em três grupos de sujeitos cujas experiências, práticas sociais e projetos de vida se diferenciavam entre si. A seleção dos grupos teve um caráter proposital, em função da pesquisa. A distribuição dos grupos foi da seguinte forma: um grupo formado de professores, na faixa etária de 52 até 60 anos e com dois a cinco anos de aposentadoria da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); um segundo grupo de pessoas entre 53 e 85 anos que participa de um programa especial de Universidade para a Terceira Idade do Núcleo de Estudos da Terceira Idade da UFSC, que os prepara como monitores para a ação gerontológica na comunidade e, por último, um grupo de pessoas idosas acima de 65 anos que moram em uma instituição religiosa (Centro Vivencial para Idosos de Itacorubi). Na obtenção das informações da pesquisa foi utilizada a entrevista dirigida, visando obter as representações que nos interessavam.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: resumo; introdução; referencial teórico onde se colocam os aspectos principais dos pressupostos do Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido de Baltes utilizados na pesquisa, os níveis de compreensão do *self* e o enfoque psicossociológico das representações sociais de Moscovici; um capítulo que expõe a metodologia que foi utilizada, incluindo a delimitação do problema, objetivos, técnicas e procedimentos da análise dos dados; um capítulo onde são descritos os resultados da pesquisa. Posteriormente, aparece a

discussão dos resultados obtidos e, por último, um capítulo de considerações finais, seguido do referencial bibliográfico usado e dos anexos.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

2.1- Uma abordagem compreensiva do envelhecimento

No percurso do presente século, tem acontecido um aumento considerável dos números relativos e absolutos de idosos em todo o mundo, fundamentalmente nos países desenvolvidos. As pirâmides populacionais transformaram-se a favor de um alargamento das faixas etárias dos 60 até 90 anos. Segundo dados das Estatísticas Demográficas dos Estados Europeus de 1988, existem, na década atual, aproximadamente 48 milhões de idosos, cifra que chegará aos 53 milhões no ano 2000 e a 56,5 milhões no ano 2010 (Grundy,1992). A América Latina não está isenta dessas modificações. Argentina, Uruguai e Cuba, por exemplo, já têm cifras de envelhecimento comparáveis às dos países desenvolvidos. No Brasil, também estão acontecendo transições epidemiológicas a favor do crescimento da população da terceira idade. Em termos relativos, por exemplo, no sul do país existem, dentro da população, 7 % de pessoas maiores de 60 anos e se espera um aumento de 2% a mais para o ano 2010 (Conforme citado pela Diretoria de Planejamento- Gerência de Estatística da Secretaria de Saúde do Estado de Santa Catarina, 1995).

Diante dessa nova problemática desenvolveram-se numerosas teorias que tentam explicar o processo do envelhecimento, desde óticas biológicas, psicológicas e sócio-psicológicas. Na ótica biologicista, por exemplo, as pesquisas absolutizam o fato do declínio na velhice. De uma parte, muitas dessas investigações constataam diminuições no funcionamento mental dos idosos em relação a idades anteriores ou em relação a pessoas jovens e, de outra, os dados são interpretados sob um prisma pessimista que não permite ao

pesquisador ir além dessa realidade. Em consequência, desconsideram a existência de potencialidades ainda inexploradas. Dentre essas posições encontram-se os Programas do Paradigma Evolutivo ou Paradigma do Ciclo Vital (Botwinick, apud Fernandez, 1992).

Desde as perspectivas psicossociais, por exemplo, outras pesquisas tentam demonstrar a resiliência¹ e os níveis de capacidade de reserva a partir do Modelo de Curso de Vida. Esses estudos têm tentado intervir na pragmática cognitiva² através de enfoques multidimensionais que trabalham integralmente aspectos que têm a ver com domínios da Biologia, da Psicologia, da sociedade e da cultura. Cita-se aqui o Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido de Baltes e outros trabalhos que operam com os aspectos sócio-culturais e psicossociais que regulam o enfrentamento que o idoso tem frente ao mundo, nessa fase da vida (Baltes, 1990; Nelson, 1992, Staudinger & Baltes, 1993 e Fries, 1995).

O Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido de Baltes se constitui em um dos referenciais teóricos com que esta pesquisa trabalhou. Tal modelo, que estuda a linha do desenvolvimento e a exploração das capacidades de reserva na velhice, sustenta-se, de algum modo, nas múltiplas contribuições que as tradições sócio-psicológicas oferecem à Psicologia Gerontológica, em especial as Teorias de Curso de Vida.

As teorias de curso de vida³ apareceram, pela primeira vez, na Psicologia Gerontológica, na década de 70. Como antecedentes importantes citamos aqui os estudos que Bülher (1968), realizou a respeito do curso da vida humana em diversas biografias de personagens da história. Outros autores também têm trabalhado essa perspectiva, por exemplo Jung e Erikson (Jung, 1980; Erikson, 1980). Entretanto, foram Neugarten e Hagestad (1976) os primeiros a abordarem o curso de vida a partir de uma visão gerontológica da ciência psicológica. Segundo essas teorias do curso de vida, o ser humano está em uma progressão contínua de desenvolvimento, desde o nascimento até a morte. O conceito Curso de Vida refere-se às maneiras como a sociedade atribui significados sociais

¹ Resiliência é um termo que posteriormente será definido no corpo do texto. Entretanto, para orientar ao leitor podemos ressaltar que essa categoria refere-se a um tipo particular de plasticidade, no sentido da exploração do potencial para a manutenção e a recuperação dos níveis normais de adaptação.

² É outro termo que também será definido no Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido de Baltes.

³ Curso de Vida é uma categoria que foi desenvolvida na psicologia do envelhecimento. No idioma inglês o termo utilizado é *life-span*.

e pessoais à passagem do tempo biográfico, permitindo a construção social de personalidades e trajetórias de vida, com base numa seqüência de transições demarcadas socialmente e diferenciadas pela idade. Baltes (1987) coloca alguns pressupostos que definem a Teoria de Curso de Vida. A continuação elencamos os mais importantes:

- o desenvolvimento ontogenético estende-se por todo o curso da vida,
- o desenvolvimento é um processo multidirecional e está determinado por vários aspectos que não atuam de forma isolada. Num mesmo momento do desenvolvimento as mudanças podem assumir múltiplas direções, inclusive crescimento num domínio dado, e declínio em outro,
- • o desenvolvimento envolve um equilíbrio constante entre ganhos e perdas. Isso significa uma mudança adaptativa constante. A proporcionalidade entre os ganhos e as perdas no desenvolvimento sofre alterações ao longo do curso de vida,
- existem uma variabilidade intra-individual e inter-individual consideráveis nas potencialidades e limites do desenvolvimento,
- ∅ • tanto o desenvolvimento quanto a plasticidade individual dependem das condições histórico-culturais existentes durante um período dado, que é coincidente com o curso de vida das pessoas, dos grupos etários e das gerações. A natureza das condições e o ritmo das transformações afetam o desenvolvimento dos indivíduos e dos grupos etários,
- os cursos de vida individuais resultam da interação dialética entre diferentes sistemas de influência, a saber, os de gradação por idade, os provenientes do contexto histórico e os eventos não normativos⁴.

A compreensão da velhice e do envelhecimento a partir de uma ótica de desenvolvimento é difícil. Essa perspectiva pode ser representada por muitos como uma

⁴ Para Baltes(1987), as variáveis normativas ligadas à gradação por idade são aqueles determinantes biológicos e ambientais cuja influência tem relação com a idade cronológica. Por exemplo, a maturação biológica, a socialização, a aquisição de papéis e competências sociais, entre outras. As influências normativas ligadas ao processo histórico constituem os eventos biossociais que afetam todo o grupo etário de maneira mais ou menos uniforme. Por exemplo, as guerras, crises econômicas que também podem afetar outros padrões como educação e o bem-estar dos grupos. Por último, as influências não normativas correspondem a elementos de caráter biológico e ambiental que não têm caráter universal, ou seja dependem

utopia que não ultrapassa as fronteiras de um simples mito. Para outros, em câmbio, é um grande desafio em termos de pesquisa, sobretudo no século XX, onde a credibilidade do desenvolvimento parece ser ainda um paradigma dentro da investigação gerontológica. Além disso, na ordem mais sociológica, sabe-se que com a industrialização e a urbanização crescentes, a importância do papel das pessoas idosas na sociedade tem diminuído de maneira considerável. Os idosos nem sempre estão conseguindo acompanhar as práticas sociais desse tempo. Nesse sentido Giddens (1990, pp.46-7) se inspira:

“Em todas as culturas as práticas sociais são rotineiramente alteradas à luz das descobertas sucessivas que passam a informá-las. Mas somente na era da modernidade a revisão da convenção é radicalizada para se aplicar (em princípio) a todos os aspectos da vida humana [...]. Diz-se com frequência que a modernidade é marcada por um apetite pelo novo, mas talvez isto não seja completamente preciso. O que é característico da modernidade é a suposição de uma reflexividade indiscriminada”.

X A pessoa idosa está enfrentando um século duplamente condicionado. De um lado, é um indivíduo que viveu grande parte da sua vida dentro de tradições, onde a razão como conhecimento certo existia e, de outro, enfrenta um processo social onde essa mesma razão absoluta praticamente deixa de existir; a apropriação de conhecimentos não acontece de maneira homogênea e os valores são constantemente mudados em função das novas orientações cognitivas e afetivas.

Como garantir, então, um envelhecimento bem sucedido sob a panorâmica atual?. O Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido que Baltes (1991) desenvolve deriva-se da perspectiva de curso de vida anteriormente explicada. O termo “velhice bem sucedida” depende da confluência de múltiplos fatores, dentre eles os econômicos, os sociais, os psicológicos, os biológicos e os culturais. A respeito do conceito de envelhecimento bem sucedido Baltes e Baltes (1990, p.4) colocam que:

“o envelhecimento bem sucedido precisa de uma avaliação sustentada em uma perspectiva multidimensional, onde fatores objetivos e subjetivos sejam considerados dentro de um contexto cultural, que contém demandas específicas”.

da significação individual que eles tenham para cada pessoa em particular. Por exemplo, a aposentadoria, perdas de empregos, viuvez, acidentes, doenças, entre outros.

Os fatores subjetivos referem-se ao mundo da subjetividade, a satisfação com a vida, ao *self*, ao controle pessoal percebido. Os fatores objetivos representam uma outra realidade, em função, por exemplo, do estado de saúde física, as normas ideais de saúde (segundo padrões sociais), o contexto sócio-cultural, etc.

Nessa direção, Baltes introduz um modelo que pressupõe de forma multidimensional tais fatores. Para responder a esse modelo, o autor (Baltes,1991) elabora sete pressuposições que explicam o envelhecimento bem sucedido, as quais apresento a seguir:

1. existem diferenças entre o envelhecimento normal, o envelhecimento ótimo e o envelhecimento patológico,
2. existe uma grande variabilidade inter-individual no envelhecimento,
3. existe muita capacidade de reserva na velhice,
4. existem perdas no envelhecimento perto dos limites das capacidades de reserva,
5. os conhecimentos baseados na pragmática cognitiva e na tecnologia podem compensar os declínios na mecânica cognitiva⁵,
6. com o envelhecimento, o balanço entre os ganhos e as perdas começa a ser menos positivo,
7. o *self* se mantém durante o envelhecimento como um poderoso mecanismo de resiliência.

Essa pesquisa somente trabalha com as duas últimas pressuposições. Primeiro:

“com o envelhecimento o balanço entre os ganhos e as perdas começa a ser menos positivo”

⁵ A concepção de Baltes sobre a cognição sustenta-se na dupla categorização da aprendizagem de Horn (Apud Baltes, 1991) e de Cattell (Apud Baltes, 1991), nos quais se faz uma distinção dos fatores de segunda ordem na inteligência, medida através de testes. A partir dessa diferenciação, o autor distingue dois processos nos sistemas cognitivos: **MECÂNICA COGNITIVA** (representada na concepção de Cattell pela Inteligência Fluida): concebida como o *hardware* da cognição, o qual reflete a arquitetura neurofisiológica do cérebro pela ação da evolução da espécie. Envolve a velocidade e a precisão dos processos elementares do *in put* da informação sensorial, da memória visual e motora e dos processos de discriminação, comparação e categorização e **PRAGMÁTICA COGNITIVA** (representada pela Inteligência Cristalizada de Cattell): reflete o tipo de conhecimento e de informação propiciado pela cultura, em função da participação do indivíduo no processo de socialização. Exemplo: habilidades de leitura, escrita, qualificação educacional, etc. Essa pragmática encontra-se livre dos efeitos biológicos, produzidos pelo aumento da idade (Baltes,1990).

Com essa afirmação Baltes coloca que na velhice existem, de fato, razões que justificam o anterior. O envelhecimento traz, associado a ele, uma maior probabilidade de doenças e uma diminuição nas capacidades físicas e funcionais de reserva (o qual está enunciado nas pressuposições dois e quatro anteriormente elencadas). Independentemente disso, o problema não é fazer simplesmente uma avaliação da velhice centrada somente nas perdas físicas, embora o balanço possa ser a favor delas. Também existem ganhos que devem ser levados em consideração nessa visão de equilíbrio. Para a maioria das pessoas da Terceira Idade, porém, esse equilíbrio nem sempre é aceito, já que depende de influências de tipo social, cultural e psicológico. A respeito Baltes e Baltes (1990, p.17) comentam:

“o fenômeno do incremento negativo do equilíbrio entre os ganhos e as perdas é também uma parte subjetiva das expectativas sobre a terceira idade. Relaciona-se a isso a existência de estereótipos negativos sobre o envelhecimento”.

Para comprovar esse aumento da auto-percepção de perdas nos idosos, o leitor pode se aprofundar em alguns estudos já realizados. Citamos, aqui, as investigações de Edelman (1991) e os estudos de Heckhausen (1989; 1991) sobre o aumento de mudanças não desejadas auto-percebidas.

A especificidade dessa pressuposição não se contrapõe à perspectiva de curso de vida que Baltes defende, no sentido de reconhecer que a relação entre as perdas e os ganhos não é exclusiva da velhice. É um balanço que pode ser feito em qualquer etapa do desenvolvimento humano. No envelhecimento, tal balanço adquire uma nova qualidade, porque a intensidade e a frequência das perdas físicas tornam-se mais intensas.

Nosso interesse em articular o modelo de Baltes com a Teoria das Representações Sociais de Moscovici justifica-se pelo argumento que o próprio Baltes refere a respeito dessa pressuposição. Segundo ele, a auto-percepção que as pessoas da terceira idade têm, muito centrada na questão das perdas, relaciona-se não só com determinantes de tipo biológico e ambiental, mas está atravessada por todo um conjunto de crenças e estereótipos que são construídos pelos indivíduos na cultura e na sociedade.

Segundo:

“O *self* como uma poderosa ferramenta de resiliência⁶ e de manutenção da integridade no envelhecimento”.

Neste sentido, Baltes afirma que muitas funções de auto-regulação da personalidade demonstram grande estabilidade e crescimento no envelhecimento, particularmente na velhice. Uma dessas funções constitui o processo de construção e reconstrução do *self*.

Essa pressuposição funciona como uma contrapartida da anterior, conforme segue: embora nas representações que as pessoas da terceira idade têm sobre o idoso e sobre a velhice possa predominar a visão de perdas, existem outros mecanismos representacionais sobre eles próprios que podem crescer e modificar-se nas idades avançadas. Baltes (1991) comenta que a representação do *self* que um idoso tem é configurada e ajustada dependendo do ritmo e das exigências no curso da vida.

Domínios tais como: a auto-estima, a capacidade de controle pessoal, os níveis de aspirações na vida, os modelos de ajuste e de comparação social, entre outros, podem explicar esse mecanismo da resiliência. Esse mesmo autor coloca que essas representações relativamente estáveis a favor de um crescimento da personalidade estão determinadas, entre outros fatores, pela existência em cada pessoa de múltiplos *selves*.⁷

✕ Esse pressuposto implícito no seu Modelo de Velhice Bem Sucedida pressupõe a atuação simultânea de três mecanismos: o de seleção, o de otimização e o de compensação (Baltes, 1990)⁷.

⁶ A resiliência pode ser caracterizada como a manutenção de um desenvolvimento normal apesar das ameaças e dos riscos, assim como a recuperação após um trauma. Da mesma forma que capacidade de reserva implica a existência de reservas, a resiliência representa a presença de recursos latentes que podem ser ativados (Staudinger, 1993).

⁷ O mecanismo do modelo denominado seleção está sustentado pelo argumento de que, na velhice, a redução das capacidades de reservas está associada com um incremento das perdas e com uma diminuição do sucesso em diferentes domínios das atividades da vida diária e nem sempre o indivíduo é capaz de escolher os desempenhos nos quais ele ainda continua tendo bom rendimento. A otimização deriva-se do argumento de que é possível manter altos níveis de funcionamento em determinadas áreas, sempre que sejam utilizados novos conhecimentos e técnicas e sempre que não existam crenças preconceituosas que limitem a exploração de potencialidades básicas (mecânica cognitiva), (Smith, 1990). Por último, em relação ao mecanismo da compensação, o autor refere que ele passa a ter relevância quando o indivíduo se coloca frente a situações de alta demanda física ou mental e suas limitações na mecânica cognitiva começam a ser compensadas através de uma ótima seleção das suas reservas, e tentando manter a integridade do *self* que, seguindo o curso do senso comum geral, no caso das reservas, quase sempre se mantém inexploradas na terceira idade.

Para Baltes (1991), o sentido subjetivo e a forma como o sujeito representa a si mesmo afeta o funcionamento do *self*: ele influi no que sentimos e pensamos sobre a vida em geral; sobre o presente, sobre o passado e sobre o futuro. Essas representações se constituem num domínio da pragmática da vida, a qual deverá ser explorada a partir dos três mecanismos do modelo. Assim, indicadores do *self* relacionados com a autoestima, o controle pessoal, a existência de múltiplos *selves*⁸, etc, são considerados exemplos da resiliência do *self*.

No sentido pragmático do *self*, Baltes (1994,p 38) questiona:

“A que podemos atribuir essa aparentemente contraintuitiva informação de que o *self* pode permanecer saudável, a despeito das perdas objetivas e subjetivas no funcionamento?”.

A questão torna-se sociológica e psicologicamente interessante na medida em que tentamos estudar as representações do *self* em indivíduos da terceira idade, ou próximos dessa fase em relação a outro tipo de representação acerca do envelhecimento e da velhice nessas mesmas pessoas. Por isso perguntamos na nossa pesquisa como seria o poder pragmático do *self* para reorganizar-se e reajustar-se, tanto respondendo às várias circunstâncias da vida quanto antecipando-se a elas.

Segundo Baltes(1991), as crescentes capacidades do *self* para reconfigurar-se e reajustar-se, em função da história social e pessoal do indivíduo e de toda uma trama social de interações, constituem uma pré-condição da eficácia da otimização seletiva com compensação. Aponta também que a efetividade do *self* consiste fundamentalmente, no fato de ser um órgão de construção e reconstrução, ou seja, não existe somente um *self* estático e único ao longo do curso de vida.

Na área da Teoria das Representações Sociais existem alguns trabalhos que associam esse tipo de cognições ao conceito de identidade pessoal. Por exemplo, os trabalhos de Medrado (1994) e de Santos (1990; 1996). Entretanto, vale dizer que até o presente são escassos os estudos que analisam a relação existente entre esses dois tipos de

⁸ No corpo teórico da tese o *self* pode aparecer referenciado com a palavra *self* propriamente dita ou através do termo *selves*. O conceito de *self* é para referir genericamente o(s) auto-conceito(s) do(s) sujeito (s). Quando aparece o termo *selves* é para destacar a existência em cada pessoa de múltiplas formas do *self* ou diferentes conceitos do eu (*self* físico, *self* psíquico, *self* espiritual, *self* enquanto características de personalidade, *self* moral, o *self* nas atividades quotidianas, entre outros).

representações desde a ótica de um modelo de envelhecimento bem sucedido. Esses dois tipos de representações referem-se à representação do *self* que a pessoa tem, a representação do assunto “envelhecimento” que funciona no cenário das convencionalidades da comunicação; é dizer, as representações sociais que esse sujeito constrói acerca de determinados objetos que podem resultar-lhe socialmente importantes. É justamente nesse ponto que o presente estudo pretendeu chegar.

O interesse em estudar as duas últimas pressuposições do Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido de Baltes em articulação com a Teoria das Representações Sociais de Moscovici supõe que sejam pesquisadas essas duas formas de representação: a representação sobre o *self* e as representações sobre os assuntos que nos interessavam: o idoso, o envelhecimento e a velhice.

Ambas as abordagens, ou seja, as representações sobre o *self* e as representações sociais sobre o idoso, o envelhecimento e a velhice situam a cognição no patamar da prática social historicamente construída pelos indivíduos.

Como se articulam, então, ambos os tipos de representações no nível epistemológico?. Com relação a essa questão Costalat-Founeau (1995, p.58) aponta:

“a representação do *eu* é uma representação social entanto obriga a considerar ao *eu* em termos públicos ao nível de uma história sobre si mesmo dentro de uma concepção estratégica do *eu* em uma noção de negócio público[...]. A representação do *eu* é atravessada pelas crenças e ideologias, até o ponto que a representação do *eu* pode ser, de certa maneira também, uma representação social”.

2.2-Níveis de análise da compreensão do *self*

É hábito nos seres humanos serem conscientes da sua inteligência, serem conscientes da sua diferenciação das outras pessoas no mundo, mas nem sempre é usual o fato de que essas pessoas sejam “objetos” de avaliação de si mesmos e, ao mesmo tempo eles reconheçam que sejam auto-conhecidos e auto-julgados. Justamente aqui, que é onde o indivíduo se torna um objeto da sua própria avaliação

para poder ter um conceito de si mesmo; um conceito do seu próprio *self* ou do seu próprio *eu*, da mesma forma que as outras pessoas têm um conceito de nós.

No dia a dia, a emissão desse conceito do *self* torna-se para muitas pessoas contraditório. Elas podem experienciar seu próprio *self* coerente e fragmentado, como sendo uma mesma coisa ou coisas diferentes; como aquilo que é conhecido, mas ao mesmo tempo desconhecido, como continuidade e descontinuidade.

Na ciência psicológica, o estudo do *self* também tem denotado dificuldades. Ao longo da sua história existiram, e ainda existem, excessivas pretensões taxonômicas na hora de definir um termo apropriado a seu respeito. Na realidade, essa dificuldade não é privativa do estudo do *self*, já que um dos problemas da Psicologia, hoje, além da diversidade de tradições psicológicas, é que existe, como consequência do anterior, uma multiplicidade considerável de categorias que em muitas ocasiões se referem a um mesmo objeto, nas quais o conceito somente muda em função da escola que o estuda.

No sentido geral, o estudo do *self*, tanto na Psicologia quanto na Sociologia, tem apresentado algumas particularidades. A Sociologia, por exemplo, trabalha fundamentalmente sobre como o *self* ou a representação desse *self* se forma segundo os padrões sociais da interação. É como se essa abordagem se interessasse essencialmente sobre as causas do processo, da sua formação fora do indivíduo, quer dizer, na situação social, na cultura, nas diferentes sociedades. De outro ponto de vista, o estudo do *self* tornou-se por muito tempo a pedra angular da Psicologia. As abordagens de tipo psicossocial e personológico, por exemplo, têm focado seus estudos em diferentes linhas de pesquisa. Assim, as teorias psicológico-personológicas trabalham fundamentalmente aqueles elementos do *self* que têm relações de causa ou de consequência no comportamento, aparecendo com isso categorias tais como: auto-estima, consistência de motivos, auto-eficácia, auto-percepção da motivação, etc. Os estudos de tipo psicossocial têm se encarregado, desde outro ângulo, de pesquisar elementos do *self* em relação ao processo de

aquisição da identidade e a construção do conceito do *eu* dentro dos grupos, entre outros (Gecas, 1982).

Desde um ponto de vista filosófico, a questão do auto-conhecimento humano também foi trabalhada desde a antigüidade. Conhece-se, por exemplo, o saber ou preceito socrático “*conhece-te a ti próprio*”; além dele, nenhuma certeza (Descartes, apud Wallon, 1973). Descartes também trabalhou esse problema transformando essa dúvida empírica em dúvida metódica. Para ele, a essência da realidade ou fundamento da existência era seu próprio pensamento. Lembremos aqui o preceito cartesiano “*Penso, logo existo*”(Descartes, apud Wallon, 1973). De outra parte, Montaigne (apud Wallon, 1973) também defendia a idéia de que somente são certos aqueles conhecimentos que cada um pode ter de si próprios.

A construção do *self* próprio e sua distinção do *self* do *outro* por parte da consciência do sujeito, fazem-se simultaneamente (o *outro* é entendido aqui como o *self* da outra pessoa). São processos conexos, cujas variações são complementares e as suas diferenciações, recíprocas.

Para facilitar a leitura do referencial apresento os elementos teóricos que serão introduzidos em relação à compreensão do *self* que abrangem três níveis de análise. A saber: (1) um nível de análise psicossocial e personológico; (2) um nível histórico-sociológico e (3) um nível de compreensão do *self* segundo o pressuposto básico do Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido de Baltes. Na seqüência apresento os meus pressupostos teóricos em relação à compreensão do *self* e em relação a determinados aspectos da Teoria das Representações Sociais de Moscovici.

O nível de compreensão psicossocial do *self* demanda uma análise histórica da Psicologia através de um dos seus mais importantes fundadores: Williams James.

Desde o começo da ciência psicológica, o *self* recebe um cunho particular na teoria de James (Apud Levin, 1992). Ele analisa esse conceito desde dois enfoques: um de tipo psicossocial e o outro de caráter personológico. Em relação ao ponto de

vista personológico, o autor descreve o *self* formado por dois grandes constituintes: o *self* puro ou *ego* puro e o *self* empírico ou *mim*. Esse último é explicado através de três componentes: o *self* material, o *self* social e o *self* espiritual.

O *self* puro ou *ego* puro representa a síntese subjetiva do fluxo de pensamentos; síntese que, segundo James, é diferente em cada momento. A respeito dele, James aponta:

“O eu é uma unidade. Isto é, se o fluxo de pensamentos é uma unidade e o eu é um fluxo de pensamentos; o eu é a síntese subjetiva; a unidade; o sentido da identidade pessoal.” (James, apud Levin, 1992, p.81).

O *self* material como um dos componentes do *self* empírico ou *mim* significa basicamente o próprio corpo e é, no desenvolvimento da personalidade da criança, a possibilidade de identificar as partes de dito corpo, embora dita criança não tenha formada ainda a consciência de si. Esse *self* material, segundo James (Apud Levin, 1992), inclui também as posses do homem: sua casa, seus livros, seu carro. Esse processo de aquisição do *self* material ou físico referido às questões corporais, tem sido trabalhado por outros autores desde óticas semelhantes às de James. A respeito, por exemplo, os teóricos da Psicologia do Desenvolvimento têm se auxiliado nas técnicas do espelho para estimular na criança essas aquisições do *self* corporal (Amsterdam, 1972; Gallup, 1977). Ao longo de todo o desenvolvimento psicossocial, o indivíduo percebe que essa capacidade para diferenciar-se a si mesmo no mundo não é um fenômeno simples; ao contrário, é um processo muito complexo.

Desde o ponto de vista psicossocial James estuda o conceito de *self* social julgando a influência das outras pessoas. Em dito conceito de *self* social estão implicados aqueles aspectos do *self* como um objeto relacional. Para chamar a atenção desses aspectos relacionais do *self*, o autor utiliza algumas expressões tais como:

“meu *self* social é ambas coisas; o que eu sou para os outros e o que eu sou a partir dos outros” (James apud Levin, 1992, p.77).

Também desde essa mesma ótica psicossocial o autor analisa a categoria *self* social pressupondo que existirão múltiplos *selves* em função da variabilidade de papéis sociais que o indivíduo adota no percurso da vida, incluindo também a existência de ideais nos *selves* (quando aponta a importância da temporalidade na conceitualização do *self*). Esse enfoque psicossocial que o autor oferece em relação à existência de múltiplos *selves* não impede para o autor que o *self* seja concebido como uma estrutura monolítica e unitária. Ou seja, os *selves* no indivíduo formam um contínuo, um fluxo, uma unidade coerente (James, apud Levin, 1992).

Por último, o *self* espiritual é definido como ser subjetivo interior. É a parte mais íntima do *self*. Ele representa, segundo o autor, o âmago do *self*, o fluxo contínuo da consciência pessoal, através de uma existência concreta no tempo (James, apud Levin, 1992, p.77). É interessante destacar aqui que, nos trabalhos desenvolvidos por ele, aparece uma distinção entre o *self* como um conhecedor e o *self* como um objeto que pode ser conhecido.

Para referir a interrelação entre as diferentes formas de *self* empírico e o *self* puro, o autor aponta:

“Há no fluxo dos *selves* uma continuidade[...]. Esse é o sentido da experiência e da continuidade do fluxo de pensamentos para o ajuste central do *self* nuclear que se constitui na nossa identidade pessoal. Esses são os motores para os quais as partes representadas do *self* são assimiladas e entrelaçadas” (James, apud Levin, 1992, p.81).

Na abordagem psicossocial e personológica do conceito de *self* existem outros autores que também concebem o *self* como uma estrutura unitária que representa o núcleo da personalidade. Por exemplo, Snygs e Combs (1984), que definem o *self* a partir daquelas características mais estáveis da personalidade do sujeito. Rogers

(1984) também refere nos seus trabalhos que o *self* representa a unidade monolítica daquelas características de personalidade sobre as quais a pessoa tem consciência e controle.

É Allport (1984) quem provavelmente descreve com melhor clareza o *self* como uma estrutura unitária. Nesse sentido, o autor propõe um termo muito sugestivo. Ele fala do *proprium*⁹ como um nome alternativo ao *self* diferente do simples auto-conceito do indivíduo. O *self* como uma expressão do *proprium* é aquilo através do qual o indivíduo define-se a si mesmo, é a extensão do homem para si mesmo, diria Allport (1984). Para ele, todas essas facetas da definição de si mesmo estão entrelaçadas e unificadas para dar o sentido ao *self*, ao *proprium*.

A perspectiva do *self*, como um auto-conceito unitário, tem sido trabalhada, também, por outros autores. Markus e Nurius (1986), por exemplo, estudam o *self* tanto do ponto de vista psicossocial quanto personológico. Eles argumentam que o mesmo representa um auto-conceito uniforme, identificado através de uma estrutura monolítica que é consistente no tempo e que compreende um conjunto de fatores físicos, psicológicos e sócio-culturais da vida da pessoa (Markus & Nurius, 1986).

Também, desde a perspectiva psicossocial, o estudo do *self* tem sido associado com o conceito de identidade pessoal. Nesse sentido, Davies e Harré assinalam:

“Um indivíduo emerge através dos processos de interação social, não como um produto final relativamente fixo, mas como um indivíduo que é constituído e reconstituído através das várias práticas discursivas das quais participa.[...] Os seres humanos são caracterizados tanto pela identidade pessoal continuada como pela descontinuidade da diversidade pessoal”
(Davies & Harré apud Spink, 1996, p.7):

A ênfase aqui, segundo comentários de Spink (1996), é que tanto a identidade social quanto a aquisição do *self* constituem dois processos identitários em nível de grupo, caracterizados por uma polissemia de pensamentos. Essa diversidade do *self*

enquanto processo aparece para o indivíduo de forma mais nítida no momento em que tem que emitir um conceito de seu próprio *self*. A conceitualização que as pessoas podem fazer dos seus próprios *selves* ou do *self* em sentido geral é reconhecida na literatura com o termo de auto-conceito¹⁰.

A noção de que as identidades representam significados que as pessoas atribuem ao seu *self* é colocada por vários autores (Lidesmith & Strauss, 1980; Rose 1980; Osgood, 1980). O próprio James (apud Burke, 1980) quando explica os múltiplos *selves* comenta que a identidade é uma sub-unidade do *self*. Para definir essa relação entre identidade e *self* Osgood (apud Burke, 1980, p.19) usa a expressão “processo de mediação representacional”. Segundo esse autor, a compreensão do próprio conceito do *self* somente acontece na relação com as outras pessoas. Nessa relação o indivíduo reage para essas pessoas como se ele tivesse uma identidade apropriada para os papéis que está desempenhando. Por essa razão Osgood (apud Burke, 1980) coloca que, tanto a aquisição de uma identidade, quanto o desenvolvimento do conceito do *self* são relacionais e reflexivos. As identidades influenciam indiretamente sobre a execução dos papéis sociais através da construção de imagens acerca dos *selves*, inerentes a esses papéis.

No contexto das relações sociais, a representação ou conceito que um indivíduo tem do seu *self* nem sempre tem que coincidir com a representação ou com o conceito que as outras pessoas têm dele. Nesse processo, participam inúmeros fatores. Por exemplo, a história da pessoa, os grupos de referência, os modelos de comparação social dentro e fora da família; o *self* desejado em termos ideais; etc. Essa falta de congruência já foi confirmada em algumas pesquisas (Markus & Smith; 1984; Cantor e Kihlstrom, 1984).

⁹ *Proprium* refere-se aqui àquelas características que a pessoa identifica em si mesma como centrais da sua própria personalidade e que conforma aquelas facetas entrelaçadas numa unidade, unificando e denotando no indivíduo o sentido de si mesmo (Allport, 1984).

¹⁰ Esse auto-conceito aparece no idioma inglês como *self-concept*.

Os trabalhos desses autores demonstraram que a valorização subjetiva que o indivíduo dá a essa falta de correspondência não acontece em todos os domínios do *self* já que isso depende dos aspectos dos *selves* que estejam sendo avaliados, da importância que tem para o sujeito avaliado, da própria significação que o sujeito avaliador tem para o sujeito avaliado e do grau de relação e de intimidade que existe entre eles, entre outros.

A respeito do papel dos processos de interação social no desenvolvimento do *self*, Wegner e Wallager apontam:

“De forma geral o *self* representa uma interrelação entre a realidade social e a realidade individual, e por essa razão ele passa a ser um importante conceito em todos os domínios da psicologia social. A interação social produz uma consciência do *self* em primeiro lugar, e os fatos da vida diária contribuem com o refinamento do próprio *self*; neste sentido o *self* é um produto da realidade social. O *self* é também causal, as pessoas percebem e interagem com suas realidades sociais na base dos seus próprios *selves*” (Wegner e Wallager, 1980, p.28).

Na história da investigação psicossocial em geral, existem alguns questionamentos-chaves que têm norteado as pesquisas, por exemplo: o que é o *self*?; como o indivíduo avalia seu *self*?; o desenvolvimento do *self* implica sempre uma relação de comparação com outras pessoas?; a consciência de *self* é resultado da interação social?; é a reflexão sobre o próprio *self* uma consciência de múltiplos *selves* a respeito dos múltiplos pontos de vista dos outros ou somente a respeito de si mesmo; ou de ambos?

Um outro nível de compreensão do *self* refere-se aos estudos de tipo histórico-sociológico. Nessas tradições encontra-se, em primeira instância, o ponto de vista de Cooley (Apud Levin, 1992). Para esse autor, o *self* é visto tanto como um produto da interação social quanto como um modo reativo ao ambiente social. O indivíduo sempre percebe seus próprios *selves* através dos *selves* das outras pessoas, ou seja, formará o conceito do *self* a partir das relações com os outros. Esse fenômeno é conhecido na literatura com o nome de “*self* refletido ou olhando o espelho do *self*”

¹¹ . Para Cooley (apud Levin, 1992), cada indivíduo possui vários *selves*, da mesma forma que múltiplas são também as pessoas significativas com as quais ele se relaciona.

Posteriormente aparece no mundo uma tradição sociológica, representada na figura de Mead, que também se ocupou de estudar diferentes aspectos sociológicos na conceitualização do *self* Mead (1972), de modo semelhante a Cooley, também compartilha a idéia de que existem múltiplos *selves*, da mesma forma que existem diversos papéis sociais que a pessoa tem que desenvolver na vida. Defende a idéia de que, assim como existem papéis sociais pouco importantes para o indivíduo, existem *selves* associados a esses papéis que também não serão importantes.

As referências mais importantes de Mead a respeito do *self* encontram-se formuladas dentro da sua teoria interacionista-simbólica¹² (Mead, 1972). O autor propõe que o *self* é um fenômeno reflexivo que se desenvolve na interação social, baseado no caráter humano e social da linguagem.

Dentro da perspectiva interacionista, Mead (1972) oferece uma análise estrutural do *self*: o *eu* e o *mim*. Qual é, pois, a distinção entre essas estruturas?. Diz ele:

“A adoção de todas as atitudes organizadas lhe proporcionam ao indivíduo seu *mim*; e essa é a pessoa da qual ele tem consciência”.(Mead, 1972, p.203).

De outra parte o *eu* é conceitualizado da seguinte forma:

“É a ação do indivíduo frente à situação social que existe dentro da sua própria conduta e que se incorpora a sua experiência só depois de ter levado à realização o ato. Só aí é que o indivíduo tem consciência deste”(Mead, 1972, p. 203).

¹¹ Esses termos aparecem no idioma inglês com a expressão: *looking glass self*.

¹² A origem dos termos *interacionista* e *simbólico* deve-se ao papel que Mead dá às interações sociais e à linguagem na formação da consciência de si.

É como se a pessoa precisasse do ato em si mesmo para tomar consciência de alguma coisa em relação a seu *eu*. Mead continua argumentando a relação entre o *eu* e o *mim*, colocando o seguinte:

”O *mim* surge para cumprir um dever, tal é a forma em que nasce na sua experiência. Tinha em si todas as atitudes dos outros, provocando certas reações; esse é o *mim* da situação, e a sua reação, é o *eu*” (Mead, 1972, p. 203).

A diferenciação que o autor faz dos termos indica que o *mim* é uma expressão generalizada dos *selves* das outras pessoas que o indivíduo incorpora para si. Parece que o *eu* sempre vai provocar o *mim* da mesma forma que ele também reage ao *mim*. O *mim*, de outra parte, é um certo motor do *eu*.

Todo *mim* exige certa classe de *eu*, são duas estruturas que, embora possam ser diferenciadas no comportamento social da pessoa, apresentam-se na forma de unidade interdependente. O *eu* na teoria de Mead (1972) é a resposta do organismo¹³ às atitudes dos outros; entretanto, o *mim* se constitui como aquele grupo de atitudes organizadas e internalizadas a partir das atitudes dos outros. É nítido, na teoria de Mead, a existência de múltiplos *selves*. Isso implica que, segundo esse autor, o que existe, na realidade, é uma internalização e uma incorporação generalizada de vários *selves* e de múltiplas atitudes das outras pessoas.

Tudo parece indicar que a parte do *self* referida ao *mim* funciona como se ela fosse o aspecto reflexivo do *self*, como o auto-conceito que o indivíduo tem de si próprio. O *mim* é um processo que se desenvolve a partir da incorporação do outro, generalizado na interrelação social. De outra parte, o *eu* representa o comportamento propriamente dito.

A respeito desse processo da incorporação do outro generalizado, Mead (1972) coloca o papel relevante da linguagem e da comunicação. Para o autor, o *self*, na suas formas iniciais de desenvolvimento, pode ser entendido como uma forma de

¹³ É utilizada nesse contexto a palavra “organismo” porque é o termo que Mead coloca para referir a pessoa na sua totalidade, ou seja, a pessoa enquanto corpo e mente

diálogo com os outros. Somente mais tarde é que esse *self* adota a forma de diálogo internalizado, quer dizer, o diálogo do *self* com o próprio *self*. Justamente aqui é onde Mead explica o funcionamento simultâneo do *self* enquanto sujeito e objeto. No momento em que o *self* começa a ser internalizado, ele torna-se um objeto do próprio *self*. O *self* como objeto de si mesmo é, segundo Mead (1972), uma estrutura social. Ele é interativo, dialético e sempre está mediatizado pela linguagem (o *self* é inconcebível sem as palavras). O caráter de sujeito do *self* aparece quando o organismo refere-se a ele como se fosse um objeto, produto das subjetividades dos outros. Vê-se que ambos os termos encerram o profundo caráter ativo com que o indivíduo constrói o seu *self*.

Mead contribuiu grandemente com a colocação de outros conceitos importantes para a compreensão *self*. Por exemplo, o termo temporalidade nos *selves* para se referir a todo um processo de formação e re-estruturação dos *selves* ao longo do tempo com a participação de distintos processos psicológicos afetivos, cognitivos e comportamentais. A noção de temporalidade nos *selves* também está relacionada com o conceito de *self* potencial. Sempre que o indivíduo adota determinados papéis, ele, ao mesmo tempo, está num processo de criação de *selves* potenciais, na medida que o *self* será continuamente um objeto de definição, reestruturação e recomparação social.

Há, nesse mesmo nível sociológico de compreensão do *self*, outras orientações de base fenomenológica que colocam o conceito do *self* (nesse caso referido como auto-conceito) como aquela teoria que a pessoa constrói acerca de si mesmo, na interrelação com o mundo e com os outros indivíduos. Aqui um dos autores de maior destaque é Epstein (1972). Ele compartilha vários aspectos da perspectiva interacionista simbólica de Mead, e desenvolve outros elementos teóricos a respeito do que Mead coloca sobre o *self* como aquilo que efetivamente o sujeito é, ao mesmo tempo, como aquele objeto que pode ser conhecido pelo sujeito, quer dizer, o *self* como objeto de conhecimento do sujeito. A respeito, Epstein define o auto-

conceito ou *self* como a teoria da teoria que o indivíduo constrói ao longo da vida nas interações sociais. O autor aponta o seguinte:

“O reconhecimento de que a teoria do *self* é uma teoria, resolve o problema de como o *self* pode ser ao mesmo tempo o sujeito e o objeto do sujeito que pode ser conhecido por ele. Todas as teorias contêm conhecimentos que podem ser mudados pela aquisição de novos conhecimentos [...]. Por essa razão existe um princípio inerente ao *self* que é o princípio de crescimento, de acordo com as formulações de humanistas e fenomenologistas [...]. A teoria do *self* é uma teoria como qualquer outra que se organiza hierarquicamente num sistema conceitual para a solução de problemas”. (Epstein,1972, p.415).

Epstein enfatiza os conhecimentos e as crenças que a pessoa tem de si próprio, que levam o indivíduo a construir e reconstruir constantemente teorias acerca do seu próprio *self*

A interpretação do *self* também teve importantes contribuições na sociologia do conhecimento de Berger e Luckmann (1983)¹⁴. Para se referir ao *self*, os autores denominam o termo identidade. A identidade é um processo chave da realidade subjetiva do indivíduo, que está em relação dialética com a sociedade e os processos de interação social. Cada estrutura social e cada sociedade, segundo Berger e Luckmann (1983), engendram formas particulares de identidades.

Um outro autor atual na abordagem do *self* na perspectiva construcionista social é Gergen (1991). O construcionismo, no sentido geral, coloca o conhecimento da realidade no interior dos processos de intercâmbio social. Nesse sentido o autor assinala:

“Os pontos de vista contemporâneos da profissão [psicologia] em questões como cognição, motivação, percepção, processamento de informação, e assim por diante, tornam-se candidatos à comparação histórica e intercultural. O que se entende por processo psicológico se converte em princípio num

¹⁴ A Sociologia do Conhecimento diz respeito à análise da construção social da realidade. É um termo que apareceu pela primeira vez na Alemanha em 1920, através da filosofia de Scheler (Berger e Luckmann, 1983).

derivativo do intercâmbio social. A pergunta “por quê?” se responde não com um estado ou processo psicológico, mas considerando as pessoas em relação”.(Gergen, apud Filho, 1996, p.8).

Num dos últimos trabalhos acerca do *self*, Gergen (1991) faz uma análise dos processos de saturação do *self* desde a ótica sócio-cultural da modernidade. Ele coloca pressupostos gerais de tipo sociológico e cultural que na atualidade estão determinando mudanças nos selves. No livro “*The Saturated Self*”, Gergen oferece sua tese fundamental sobre o *self*. Diz ele:

“Os processos de saturação social estão produzindo profundas mudanças nas nossas formas de compreensão do *self*. A vida cultural do século XX está sendo dominada por dois grandes vocabulários a respeito do *self*. Desde o século XIX se tem a herança do ponto de vista romântico sobre o *self* como atributos profundos pessoais em relação às paixões, à alma, à criatividade, à moral. [...]. Com a ascensão da modernidade, desde começos do século XX esse vocabulário romântico está sendo ameaçado. Para os modernistas a principal característica do *self* reside não no domínio da profundidade e sim na nossa capacidade para raciocinar acerca das nossas crenças, opiniões e intenções”.(Gergen, 1991, p.6).

Segundo Gergen (1991), o *self* na modernidade existe num contínuo estado de construção e reconstrução, onde cada uma das realidades desse *self* permanece constantemente questionada e ironizada. A essência do homem no século XX parece ser mais reflexiva. Por esse motivo o ser humano está se construindo e reconstruindo continuamente. O autor coloca um termo muito *sugeneris* para definir esse processo de múltiplos *selves* em constante construção: “*Multifrenia*”. A perspectiva de multifrenia de Gergen é enfocada a partir do argumento de síndrome, para englobar toda uma desintegração do indivíduo dentro de uma multiplicidade de *selves*, determinado por um fenômeno característico deste século, que ele denomina como “tecnologia de saturação social”, por exemplo: o rádio, os serviços de correios, o telefone, a fotografia, entre outros.

Dentro da perspectiva sociológica, o autor que mais tem aprofundado essas questões relativas às influências dos processos sociais da modernidade sobre o *self* é Giddens (1993). O autor conceitualiza a modernidade da seguinte forma:

“É aquele conjunto de instituições e modos de comportamento estabelecidos depois da Europa pós-feudal, mas que no século XX tem se incrementado com um impacto importante no mundo histórico [...]. A modernidade pode ser compreendida como um equivalente ao mundo industrial”.(Giddens,1993,p.14-5).

Afirma ainda que as dimensões dessa modernidade seriam o industrialismo e o capitalismo (Giddens,1993). O industrialismo, no sentido do amplo uso de maquinarias e de forças materiais no processo de produção, e o capitalismo, como aquele sistema de comodidade produtiva que envolve constantemente a commodificação das forças de trabalho e dos produtos competitivos. Giddens (1993) assinala que os contornos da modernidade, ao nível institucional, diferem de todas as formas precedentes de ordem social. É como se a modernidade estivesse alterando radicalmente a natureza do dia a dia e os aspectos pessoais de nossa experiência. O autor coloca que, na modernidade, o princípio que por excelência predomina é o princípio da dúvida radical, em que todos os conhecimentos adotam a forma de hipóteses, e dentre esses conhecimentos encontra-se o conhecimento que o indivíduo tem acerca do seu próprio *self* (Giddens,1993).

Todos os seres humanos são capazes de fornecer interpretações discursivas quando lhes é perguntado acerca do seu comportamento ou acerca de si mesmos. Essa simples reflexão, que poderia ser eliciada por uma simples pergunta, torna-se na modernidade, segundo Giddens (1993), um processo reflexivo natural, tornando-se ainda mais um projeto reflexivo do *self*¹⁵. Entre as múltiplas características da

¹⁵ O autor conceitualiza o termo projeto reflexivo do *self* como o processo através do qual é constituída a auto-identidade a partir de narrativas reflexivas. De outra parte, a auto-identidade é definida como aquele *self* que é entendido reflexivamente pelo indivíduo em termos da sua biografia. Por último, narrativas do *self* é a história ou as histórias por meio das quais, a auto-identidade é reflexivamente compreendida, tanto pelo próprio indivíduo, quanto pelas outras pessoas(Giddens,1993, p.244).

trajetória do *self*, na modernidade, encontra-se a reflexividade¹⁶. Para o autor a reflexividade do *self* é um contínuo. A cada momento ou pelo menos a intervalos regulares, o indivíduo é interrogado ou conduzido à auto-interrogação em termos do que ele faz, do que ele espera, do que ele quer, etc. (Giddens, 1993).

Ainda propõe o autor que, nessa auto-reflexividade constante, o indivíduo enfrenta diversos dilemas do *self*. Esses dilemas são: o dilema da unificação *versus* a fragmentação, no sentido de que o projeto reflexivo do *self* incorpora numerosos contextos da experiência mediatizada, criando uma falsa segurança ontológica, onde o indivíduo vai sentir segurança psicológica somente em relação a sua própria auto-identidade; o dilema da impotência *versus* apropriação, quando aponta dito sentimento de impotência que as pessoas podem sentir perante a multiplicidade de apropriações individuais que fazem do mundo; o dilema da autoridade *versus* incerteza, quando reflete acerca da ausência de autoridades na modernidade, contrário às culturas pré-modernas. Esta falta de autoridade, no sentido mais tradicional, provoca que o projeto reflexivo do *self* tenha que caminhar através das incertezas. O último dilema é o *self* personalizado *versus* experiência modificada, no sentido de que a modernidade abre novos projetos ao *self*, só que o faz sob determinadas condições fortemente influenciadas pelos efeitos padronizados da comodidade e do consumismo, típicos do capitalismo.

O último nível de compreensão do *self* a ser analisado no referencial teórico está relacionado ao Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido de Baltes (1987).

Nesse modelo, o autor denota que, dentre os sete pressupostos básicos que garantem o envelhecimento bem sucedido encontra-se o *self* como uma ferramenta de resiliência no curso de vida. O *self*, segundo o autor (Baltes,1987), é uma estrutura que existe de forma multifacetada na personalidade, ou seja, cada pessoa

¹⁶ A reflexividade que o autor coloca pertence, segundo ele, à historicidade reflexiva da modernidade o qual é diferente da reflexividade genérica que monitora qualquer ação (Giddens, 1993,p.76).

desenvolve no curso de vida múltiplos *selves* que vão sendo ativados pragmaticamente em função das exigências do dia a dia (Baltes,1987).

É preciso aqui relembrarmos alguns elementos do Modelo de Curso de Vida que o autor sustenta, no sentido de aceitar o princípio do desenvolvimento, desde o nascimento até a velhice, esclarecendo que no caso da terceira idade, o desenvolvimento das potencialidades de reserva age dependendo de três mecanismos básicos: a seleção, a compensação e a otimização.

Baltes (1987) trabalha com dois conceitos chaves para explicar que o *self* é um dos potenciais básicos a serem explorados no envelhecimento. Um desses conceitos é o desenvolvimento enquanto processo multidirecional e multidimensional.

Para o autor, a multidirecionalidade e a multidimensionalidade caracterizam-se pelo fato de que o indivíduo sempre vai agir com base em recursos mutáveis, que não são fixos no tempo. Por isso, quando o autor explica uma das pressuposições a respeito das crenças acerca do envelhecimento, baseando-se na valorização conjunta de ganhos e de perdas (porém, a favor das perdas), o conceito de resiliência, em relação às representações sobre os *selves*, funciona como um indicativo da existência desse potencial de mudanças no indivíduo, possibilitando a flexibilidade e resistência para lidar com os desafios e exigências da vida e, em consequência, garantindo a manutenção e recuperação dos níveis normais de adaptação ao meio.

O funcionamento resiliente dos *selves* como estrutura básica da personalidade funciona de acordo com toda uma pragmática cognitiva¹⁷ que, segundo Baltes, tem um certo caráter paradoxal. Nesse sentido, ele assinala:

“Com certeza, a discrepância entre um crescente número de riscos, por um lado, e a manutenção do funcionamento

¹⁷ O termo pragmática cognitiva é utilizado na Teoria de Curso de Vida desde diferentes pontos de vista. Um outro enfoque é o referido à sabedoria como uma forma de especialização na pragmática fundamental da vida. Nesse contexto, a sabedoria é definida como um sistema de conhecimentos especializados na pragmática fundamental da vida, que permite julgamento e aconselhamento em questões concernentes à condução, à interpretação e ao manejo da vida. Um conceito chave aqui é o contexto da experiência de vida (Baltes & Smith, apud Neri, 1995, p.210).

adaptativo do *self* por outro, é considerada um paradoxo”.
(Baltes, 1991, p. 849).

As crescentes capacidades do *self* para reconfigurar-se e reajustar-se, em função da história do indivíduo e da trama social de interações, constituem uma pré-condição da eficácia da otimização seletiva com compensação. A efetividade do *self* consiste, fundamentalmente, no fato de ser ele um órgão de construção e reconstrução, ou seja, não existe somente um *self*. O que existe na realidade é um sistema de *selves* em função da premissa de que todos os seres humanos têm diferentes expectativas acerca de quem eles são, quem eles foram, quem eles gostariam de ser ou de quem eles não gostariam de ser. Baltes (1991) aponta que a estrutura da personalidade através de múltiplos *selves* se constitui num mecanismo eficaz de ajuste nas diversas circunstâncias da vida. Por exemplo, se um dos *selves* fala a respeito de ser um grande atleta, o outro pode falar a respeito de um *self* que ama a música.

Para Baltes (1991), um outro mecanismo de resiliência dos *selves* está relacionado com as mudanças nas aspirações e metas durante a vida. A respeito, ele coloca que o ser humano reajusta e muda as suas aspirações em função das circunstâncias da vida. Assim, com a chegada da velhice a pessoa começa a reajustar todo um conjunto de metas e atividades em relação às suas capacidades objetivas nesse momento.

O exame acerca das diferentes abordagens teóricas do *self* nos permite elaborar os pressupostos a seguir:

- Ao longo desta pesquisa trabalhou-se o conceito de *self*, embora existam outros conceitos afins na área da psicologia da personalidade, por exemplo, o conceito de identidade. O fato de ter utilizado o conceito de *self* e não o conceito de identidade deveu-se a dois fatores fundamentais.

Primeiro: o modelo que Baltes propõe faz referência ao *self* como uma forma de resiliência na velhice, no sentido da manutenção da integridade.

Segundo: para nós, a definição de *self* em termos teóricos refere-se essencialmente ao conceito de si, aquela “teoria” que o indivíduo constrói sobre si mesmo na interrelação com as outras pessoas, o conceito sobre como e quem foi, como e quem é e como gostaria de ser em termos ideais, a partir de todo um conjunto de aspectos físicos, morais, traços de personalidade e papéis sociais, entre outros.

Vale justificar aqui, que neste estudo não se trabalha com o conceito de identidade embora o mesmo possua elementos teóricos estreitamente relacionados com o conceito de si ou *self*. A identidade pode ser conceitualizada num espectro, onde são preponderados aspectos relacionados com papéis e funções sociais que tornam o indivíduo semelhante e, ao mesmo tempo, diferente dos outros enquanto ator social.

Vê-se aqui que ambas definições podem se complementar em alguns aspectos. Mas se retomamos a etimologia da palavra *self* na sua própria origem, ou seja, no idioma inglês, parece-nos razoável concordar com Baltes, na utilização da definição de *self* para expor uma das pressuposições do Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido.

- O ser humano se desenvolve através dos processos sociais de interação e de comunicação. Esse processo supõe que, da mesma maneira que o indivíduo se espelha nos outros para constituir seu próprio *self*, ele, também, é um espelho dos *selves* das outras pessoas.

- O termo *self* significa muito mais que uma simples estrutura unitária; ele em si mesmo representa um processo que implica outros processos. Isto é, tem a ver com o desenvolvimento da personalidade, com a diferenciação e, ao mesmo tempo, com a integração do indivíduo no contexto do grupo. No percurso de todo esse processo, o *self* denota o sujeito, enquanto individualidade subjetiva e objetiva: subjetiva, porque depende do sujeito como indivíduo ativo e objetiva, porque depende da relação social com as outras pessoas.

- Compartilhamos com a perspectiva interacionista simbólica de Mead e os trabalhos de Cooley que o desenvolvimento do *self* depende da incorporação e generalização social das subjetividades dos outros no processo de comunicação e interação social. Adquirir uma identidade e desenvolver o *self* no mundo das relações significa, antes de tudo, ter um sentido subjetivo e, ao mesmo tempo, social, da representação de si mesmo.

- O *self*, da mesma forma que é objeto de conhecimento das ciências sociais, é, também, um objeto de conhecimento para a mesma pessoa. A reflexividade acerca do próprio *self*, como rotina, é um fenômeno característico deste século que tem tido um condicionamento histórico, cultural e social. O termo “projeto reflexivo do *self*” no sentido que Giddens coloca (contínua reflexividade e reformulação do *self*), parece ser peculiar do século XX.

- No desenvolvimento dos *selves* a linguagem tem uma função básica, a linguagem pelo seu caráter social. Não se está tratando aqui de uma linguagem individualizada ou basicamente inconsciente no sentido freudiano; mas sim de uma linguagem que pressupõe que para compreender a mente individual, e, com ela, o próprio processo de estruturação e reestruturação do *self*, é imprescindível um entendimento das relações sociais, das experiências de vida, dos projetos de vida, das comunicações sociais, dos conteúdos dessas comunicações e, ao mesmo tempo, das representações que os indivíduos têm de seus próprios *selves* em diferentes momentos da vida, seja no passado, no presente ou no futuro. O anterior não exclui que o *self* não possa ser constituído, também, dentro de um monólogo interior (os indivíduos podem falar a si mesmos a respeito de quem eles são, como eles são, quem eles foram, como eles foram, etc).

- A representação do *self* que a pessoa tem sobre de si mesma é organizada hierarquicamente através de diferentes conceitos a respeito das experiências no mundo social em que se desenvolve, e dentre desse mundo o próprio *self* também vai se construindo a partir dos papéis que o sujeito desempenha ao longo da vida.

- Desde uma perspectiva personológica o *self* é multifacetado. Não é suficiente no estudo do *self* uma simples incursão na experiência atual de vida, sobre como a pessoa acha que é no presente, sem perguntarmos acerca da sua experiência passada, como a pessoa foi e, ainda mais, como essa pessoa gostaria de ser no futuro. O caráter multifacetado e diversificado do *self* tem um condicionamento histórico-social pelo fato de ter uma origem relacional (sujeito-sujeito), pela multiplicidade de papéis que o sujeito vai assumindo no curso de vida e pela variabilidade das experiências de vida. O anterior confirma também o caráter processual da construção do *self*.

- O *self* é constituído polissemicamente. Ao mesmo tempo que ele é sintetizador, é síntese. A aquisição do *self* ocorre através de um processo de construção identitária de caráter múltiplo. Essa representação se constitui através de um discurso polissêmico.

À guisa de observação final, gostaríamos de colocar um pressuposto básico relacionado com o Modelo de Curso de Vida, o qual estabelece a extensão dos limites de reserva na velhice. Dito modelo pressupõe que, de fato, pode existir uma velhice bem sucedida sempre que possam ser ativados diferentes mecanismos resilientes sendo um desses mecanismos o *self*. Propomos neste estudo que, além de identificar os conteúdos representacionais do *self*, acrescentemos um outro aspecto a ser estudado: as representações sociais acerca do envelhecimento, da velhice e do idoso.

Com esse último propósito acreditamos ser possível determinar a relação que existe entre os dois tipos de representações e recolocar o caráter resiliente do *self* na velhice a despeito de representações sociais relativamente cristalizadas acerca do objeto do envelhecimento. A partir desse pressuposto ultrapassamos os limites de uma análise psicológica do *self* para penetrar num outro nível de discussão de caráter essencialmente psicossociológico. Dessa maneira, o trabalho faria uma

integração da Teoria das Representações Sociais de Moscovici com os dois pressupostos do Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido.

De qual ângulo dita teoria moscoviciana tornou-se uma ferramenta importante para o presente estudo? Se a sociedade; especificamente os grupos, produzem no processo de comunicação teorias de senso comum, quais são os conteúdos das diferentes representações sociais acerca de um assunto que alcançou, nos últimos cinquenta anos, uma relevância extraordinária?. Refiro-me aqui à temática do envelhecimento populacional. Como os grupos representam esse fenômeno?, o que significa ser idoso na sociedade moderna? Essas foram algumas das questões deste estudo em relação às representações sociais.

A seguir, será apresentada uma revisão seletiva da Teoria das Representações Sociais de Moscovici, que fundamenta os elementos teóricos de utilidade no estudo.

2.3 - O enfoque psicossociológico das Representações Sociais de Moscovici

A origem do estudo das cognições sociais situa-se nas tradições clássicas da sociologia de Weber(1981) e de Durkheim(1981). Foram eles os pioneiros ao assinalar, como essencial para a psicologia social, as noções de interdependência entre a realidade social e as formas individuais de pensamento, o que foi rejeitado por muito tempo pelas tendências individualistas e comportamentalistas da psicologia social.

Sob essa nova ótica compreende-se, na psicologia social, que, além de existirem indivíduos pensantes, existem, também, sociedades pensantes, termo cunhado por Moscovici (1988). Com isso o autor demonstra que as sociedades produzem as suas próprias interpretações e representações dos fatos da vida diária. Essas sociedades constroem teorias e explicações que não deixam de ser, também, formas de atividades cognitivas.

No estudo das cognições sociais, a Teoria das Representações Sociais de Moscovici tem representado um avanço importante durante as últimas duas décadas. Na teoria de Moscovici (1988), o termo representação social pode ser entendido desde dois pontos de vista. Num deles, como estruturas cognitivas, avaliativas, afetivas e simbólicas acerca de fenômenos socialmente relevantes e que podem ser compartilhadas entre os indivíduos na sociedade e no outro, como processos públicos de criação, elaboração, difusão e mudança de conhecimentos compartilhados no discurso do dia a dia das pessoas e dos grupos sociais.

A sociologia do conhecimento fez alguns aportes importantes à gênese social daquelas realidades construídas pelos homens. As representações sociais são uma dessas realidades. A respeito dessa origem social das representações uma das contribuições mais importantes na sociologia do conhecimento foi a descoberta de Berger e Luckmann (1983). Eles assinalam a relação recíproca entre aspectos sociológicos e psicológicos na construção das realidades. Para esses autores, a sociologia do conhecimento deve analisar não só os processos através dos quais ocorre a construção da realidade social, mas, também, os processos através dos quais o conhecimento se objetiva e legitima. Nesse sentido eles apontam:

“a representação da realidade da vida cotidiana apresenta-se a mim como um mundo intersubjetivo, um mundo de que participo juntamente com os outros homens [...]. Sei que minha atitude natural com relação a esse mundo corresponde à atitude natural dos outros, que eles também compreendem as objetivações graças às quais esse mundo é ordenado” (Berger e Luckmann, 1983, p.40).

A publicação do livro de Berger e Luckmann foi posterior ao primeiro trabalho de Moscovici acerca das representações sociais sobre a psicanálise, mas nas duas obras existem diferentes elementos estreitamente relacionados a respeito da sociogênese das representações sociais. O conceito de representação social proposto por Moscovici permite articular tanto as instâncias psicológicas quanto as instâncias sociológicas do processo representacional da realidade, instâncias que Berger e

Luckmann (1983) também referenciam, só que, a diferença deles, Moscovici aponta que as representações sociais geram-se nas mesmas circunstâncias em que se manifestam, isto é, nas próprias interações e comunicações quotidianas, naquelas conversações que caracterizam a vida diária do homem. Ditas representações somente fazem sentido no cenário das práticas comunicacionais.

A Teoria das Representações Sociais originou-se na Europa com os trabalhos de Moscovici sobre a representação social da psicanálise na França. Os campos representacionais aceitos na teoria moscoviciano compreendem uma unidade hierarquizada de elementos que denota a organização dos conteúdos em relações de predominância e/ou de oposição de um elemento sobre o outro, mostrando o vasto caráter desses conteúdos, que remetem a uma ou mais atitudes sociais manifestas em relação ao objeto da representação.

Segundo Moscovici (1988), o caráter social das representações sociais explica-se não só pelo fato de serem simplesmente compartilhadas, mas também, por serem social e coletivamente construídas e produzidas. Elas são um produto das interações e dos fenômenos de comunicação no interior de um grupo social, refletindo a situação do grupo e do indivíduo em relação aos assuntos que são objetos das suas problemáticas do dia a dia. Nas palavras de Jodelet (1993), as representações sociais são um saber prático.

As teorias que os grupos criam na base das comunicações quotidianas têm sido denominadas na literatura como teorias de senso comum¹⁸. São justamente esses corpos de conhecimentos os principais objetos de estudo das representações sociais.

Esse conhecimento do mundo social comunicacional e comportamental dos indivíduos, pode contribuir, no futuro, para que o escopo das consequências inesperadas na sociedade torne-se cada vez mais confinado e as consequências

¹⁸ Segundo Forgas (1981), a palavra senso comum no contexto das representações sociais significa totalidade de representações cognitivas e de processos que guiam as ações práticas quotidianas, daí que o termo seja sinônimo das cognições sociais. Moscovici (1981) interpreta o senso comum como aquilo que corresponde à ciência com uma aparência de quotidiano.

indesejáveis cada vez mais raras. O mesmo Moscovici (1988) refere que o estudo da estrutura e da dinâmica da representação social é um dos núcleos centrais da psicologia social, assim como a física quântica se encarrega do estudo da estrutura e da dinâmica interna do átomo.

Considera-se a seguir o conceito de representação social apresentado por Moscovici (1981, p.181):

“Por representação social nós queremos dizer um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originadas no quotidiano, no decurso de comunicações interindividuais. Elas são equivalentes, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças nas sociedades tradicionais; elas podem até mesmo ser vistas como uma versão contemporânea do senso comum”.

Segundo o autor (Moscovici,1981), na sociedade atual as representações sociais são construídas num tempo tão curto que não permitem a sedimentação que é característica das tradições imutáveis e, paradoxalmente, a psicossociologia ainda conhece pouco acerca desse processo de construção e reconstrução das representações. A respeito o autor denota:

“somos quase completamente ignorantes sobre essa alquimia que transmuta o metal básico de nosso conhecimento no ouro de nossas realidades” (Moscovici, 1981,p.185).

A respeito da gênese das representações e do termo senso comum, anteriormente referido, Moscovici (1981) comenta: elas são o resultado da necessidade cada vez maior de reconstituir todo um senso comum de conhecimentos, sem os quais nenhuma coletividade pode operar no cotidiano, sobretudo na sociedade moderna, onde o universo de conhecimentos produzidos pela ciência aumenta e se complexifica vertiginosamente.

Nesse contexto, o termo sociedade moderna tem a ver com algumas das formulações já feitas a respeito da modernidade que determinados autores trabalham, dentre eles, Giddens (1990). O próprio Moscovici (1981) refere-se à modernidade como uma das causas pelas quais existem hoje inúmeras teorias de

senso comum tentando explicar o mundo. Um mundo que muda em proporção direta com o aumento vertiginoso dos conhecimentos científicos da vida moderna.

A modernidade não se caracteriza somente pelo aumento e pela super-especialização dos saberes. A ela corresponde, também, uma proliferação considerável das taxas de reflexividade das pessoas, repensando e refletindo sobre o mundo em geral, sobre os assuntos de interesse ou sobre eles mesmos.

No processo das comunicações interindividuais do mundo moderno, as estruturas cognitivas representacionais que são geradas diferem daquelas estruturas representacionais clássicas muito mediatizadas por fatores formais e estáticos do conhecimento. Hoje, uma idéia ou até uma simples informação pode ser rapidamente transformada quando a colocamos à disposição da sociedade no convívio comunicacional do dia a dia. Esse indivíduo, que representa e compartilha o mundo com os outros, seria, sobretudo, um indivíduo profundamente social e lógico à hora de trasladar os conhecimentos de seu mundo às suas conversações quotidianas.

As ciências sociais têm um papel muito importante no estudo da natureza psicossociológica desse problema. A relação sujeito-sujeito, à qual tanto têm se referido a psicologia e a sociologia, constitui o objeto fundamental dessas ciências. É a prática dos indivíduos nos grupos sociais seu objeto mais importante, que, no caso da Teoria das Representações Sociais de Moscovici, trata-se, também, de uma prática comunicacional entre grupos. O autor delinea isso quando comenta:

“o estudo das representações sociais focaliza a maneira pela qual os seres humanos tentam captar e compreender as coisas que os circundam e resolver os lugares comuns e quebra-cabeças que envolvem seu nascimento, seus corpos, suas humilhações, o céu que vêem, os humores de seu vizinho [...]. Seres humanos, deste ponto de vista, não encaram pensamentos e palavras como epifenômenos”. (Moscovici, 1981, p.182).

A teoria desenvolvida por Moscovici proporcionou um interessante modelo acerca do papel dos fatores cognitivos e socio-psicológicos na construção social das

representações que as pessoas podem ter sobre a realidade. As representações têm um poder convencional e prescritivo acerca do mundo circundante e, ao final, acabam por constituir todo um pensamento que medeia o comportamento do indivíduo na realidade.

Para Moscovici (1988), as representações podem ser analisadas em dois níveis diferentes de compreensão: o nível intrapessoal e o nível interpessoal.

Em nível intrapessoal, as representações que os indivíduos possuem jamais serão idênticas, na medida em que os sujeitos também não são idênticos, pois suas histórias e os modos de compreensão da realidade estão condicionados a seus projetos de vida e ao momento sócio-histórico no qual estão inseridos. O conteúdo participativo do sujeito na elaboração das representações se encontra exatamente nessas diferenças individuais, essencialmente frutos de vivências sociais.

Em nível interpessoal, impõe-se uma análise das questões sócio-culturais e históricas contextualizadas. Assim, na medida em que a representação é uma modalidade de conhecimento e uma interpretação da realidade, indubitavelmente ela é determinada pela estrutura da sociedade onde a pessoa se desenvolve e, especificamente ao grupo ao qual pertence. Por compreender formas de conhecimentos compartilhados e modelos de pensamentos existentes, que serão apropriados pelo sujeito ao longo do seu processo de socialização, as representações constituem-se como mecanismos de controle social. Elas funcionam com o intuito de manter a ordem social estabelecida, regulando, até certo ponto, o comportamento dos indivíduos e influenciando a própria construção da sua identidade pessoal. Todo grupo converte-se em um instrumento de referência, permitindo a comunicação compartilhada, possibilitando o questionamento, a mudança social e influenciando nas ações individuais.

A utilidade em diferenciar, na ordem teórica, esses dois níveis antes expostos, é destacada pelo próprio Moscovici, quando comenta:

“Há um mundo de diferença entre representações trabalhadas ao nível pessoa-a-pessoa, ao nível das relações entre indivíduos e o grupo, ou ao nível da consciência compartilhada da sociedade. Em cada um desses níveis as representações têm um sentido diferente”. (Moscovici, 1988, p.228).

O nível teórico de interesse para Moscovici (1981) é o relacionado com as representações em nível de grupo. Nesse sentido ele descreve quais seriam os principais processos formadores das representações sociais. A respeito disso, o autor os classifica em dois tipos: a ancoragem e a objetivação. Para este autor, a ancoragem das representações significa trazer de volta os novos objetos às categorias e imagens diárias, ou seja, relacionando-os com marcos de referência reconhecíveis, onde ditos objetos possam ser comparados e interpretados.

Ancorar significa, segundo Moscovici (1981), classificar e denominar. Para ele a reconstrução de um determinado objeto é feita executando diferentes tipos de classificações. Na sua teoria, esses processos significam impor, no novo assunto que está sendo representado, um certo conjunto de comportamentos, regras ou, simplesmente, características prototípicas, a partir daquilo que já está na nossa memória e nos nossos conhecimentos anteriores. A respeito dos fatores que determinam esse processo de generalização com que é representado um objeto ou assunto da realidade social, o autor aponta o seguinte:

“Na verdade, o que determina o tipo de generalização ou individualização, não é meramente uma escolha intelectual e sim a expressão de uma atitude em relação a uma pessoa ou uma coisa e o desejo de vê-la como normal ou desviante”. (Moscovici, 1981, p.195).

De outra parte, o processo de objetivação tenta transformar esses assuntos todavia abstratos para as pessoas, em elementos que sejam tangíveis e visíveis; quer dizer, a objetivação é um processo que consiste em certas operações imaginantes e estruturantes, pelas quais se dá uma forma ou se materializa esse conhecimento acerca da realidade que está sendo representada. Segundo palavras de Jodelet (1993), é a operação que permite a materialização da palavra. Nesse mesmo sentido

estruturantes, pelas quais se dá uma forma ou se materializa esse conhecimento acerca da realidade que está sendo representada. Segundo palavras de Jodelet (1993), é a operação que permite a materialização da palavra. Nesse mesmo sentido Moscovici (1981) ressalta que objetivar implica reabsorver o excesso de significados com que uma realidade é representada.

A partir dessa teorização o autor explica que, de todas as palavras e significações com que um objeto pode ser representado, aquelas frações que melhor o descrevem conceitualmente constituem os núcleos figurativos. Nesse sentido o autor assinala:

“Aquelas palavras que, devido à sua capacidade para serem representadas, tiverem sido selecionadas, [...] são integradas ao que eu chamei de um padrão de *núcleo figurativo*, um complexo de imagens que reproduz visivelmente um complexo de idéias[...] Uma vez que a sociedade tenha adotado tal paradigma ou núcleo figurativo, fica mais fácil falar sobre qualquer coisa que possa ser associada ao paradigma e, por causa desta facilidade, as palavras referentes a ele são usadas mais freqüentemente”. (Moscovici, 1993, p.41).

Representar um objeto é construir formas de pensar e explicar esse objeto. Como diz Santos (1990), construir uma representação social de um objeto é compartilhar modelos de pensamento e de explicações existentes na sociedade, que são construídos e reconstruídos pelos grupos ao longo do processo de socialização. Em relação à utilidade da Teoria das Representações Sociais, a autora (Santos, 1990) também aponta que é fundamental ter acesso a essas representações, na medida em que elas fornecem indícios sobre as formas de pensar e agir relativas aos objetos sociais.

No presente estudo, a utilização de uma das pressuposições do Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido de Baltes¹⁹ nos levou a utilizar a Teoria das

¹⁹ Essa pressuposição refere-se ao seguinte: “com o envelhecimento o balanço entre os ganhos e as perdas que os indivíduos fazem dessa etapa da vida começa ser menos positivo, ou seja, predominam as percepções centradas nas perdas”. (Baltes, 1987).

em compreender os elementos comuns que sobre o envelhecimento podem existir, mas, também, identificar em nível intergrupar aqueles elementos representacionais que são diferentes e que de alguma maneira refletem trajetórias de vida distintas no contexto das interações e das comunicações sociais.

Uma representação social (até uma simples palavra ou um clichê) vai além do próprio fato da representação de um fenômeno. Ela envolve todo um processo de formação para terminar cumprindo diferentes funções, ao longo da vida.

No Brasil, por exemplo, têm sido realizadas algumas pesquisas que constata a existência, nas pessoas idosas, de estereotípias negativas acerca deles mesmos e do processo de envelhecimento, muitas das quais, além de simplificar um fenômeno tão complexo como o envelhecimento humano, acompanham-se de predisposições desfavoráveis em relação a esta etapa do desenvolvimento.

A seguir relacionamos segmentos lingüísticos de entrevistas feitas a um grupo de idosos do município de Carnaíba na Bahia, a respeito das representações sociais que eles têm sobre as pessoas da terceira idade e sobre a velhice(Medrado, 1994, p.63):

- Não serve para nada, inutilidade.
- Não vai para a frente.
- Não tem saúde, só doença.
- Não volta.
- Não tem destino.
- Esquecidos.
- Dependentes.
- Dogmatismo, resistentes, estereotipados.

Contextualizando o estudo de Medrado, segundo os elementos da Teoria das Representações Sociais de Moscovici, poderíamos inferir que nos segmentos lingüísticos antes elencados descrevem-se nitidamente os núcleos figurativos que

Moscovici define como aquelas imagens que reproduzem um complexo de idéias acerca de um objeto representacional.

Qualquer questão socialmente relevante para a sociedade, ou para um grupo em particular, suscita a necessidade nos indivíduos de se comunicar, teorizando na base do senso comum sobre dita questão. Assim, vai se constituindo todo um universo consensual de conhecimentos que facilita as comunicações inter-individuais e com isso se produzem as representações sociais do objeto questionado. Na atualidade, a velhice constitui um fenômeno social relevante, não só para pessoas que se encontram próximas dessa faixa etária, senão também para a sociedade em geral.

O envelhecimento constitui um assunto relativamente novo, tanto na população em geral quanto nos cientistas que tentam formular as especificidades e leis desse processo. As significações mediante as quais os indivíduos representam esses assuntos são influenciadas por todo um conjunto de fatores psicossociais que, de algum modo, modulam as comunicações interindividuais. As representações dependerão então, do grau de familiaridade que os sujeitos manifestem com os objetos da representação; dependerá, também, dos projetos de vida, dos contextos sócio-históricos em que vivem e dos esquemas de referência anteriores que as pessoas têm, que lhes servem para se familiarizar com o desconhecido ou com aquilo que lhe é medianamente conhecido.

Como é representado o envelhecimento, como é representada a velhice e como é representada uma pessoa idosa?. Essas são questões altamente controvertidas, não só nas pesquisas relativas às representações sociais, mas, também, nos discursos de senso comum das pessoas em geral. Na sociedade, a temática do envelhecimento tornou-se interesse para muitos sujeitos e grupos, sobretudo se levamos em conta que as pessoas idosas constituem indivíduos cujo crescimento físico acabou, porém, não o seu desenvolvimento. Paradoxalmente, com isso, a credibilidade nas possibilidades desse desenvolvimento na velhice ainda é controvertida, já que as informações que se tem acerca do desenvolvimento são relativamente escassas e, em

alguns casos, contraditórias, tanto nas teorias científicas, quanto nas teorias de senso comum.

Na representação social desses assuntos (o envelhecimento, a velhice e o idoso), ocorre um fenômeno compatível com um dos mecanismos cognitivos que fundamenta a criação dos universos de conhecimentos de senso comum. Dito mecanismo relaciona-se com a tentativa de representar-se essas realidades todavia desconhecidas a partir do que se conhece delas. Dessa forma e perante as incertezas que se tem sobre as possibilidades de desenvolvimento na velhice, as pessoas podem representar o tema somente a partir das evidências empíricas das perdas, das incapacidades e das doenças, que só caracterizam parcial e incompletamente o quadro de um idoso. E se a isso adicionamos um outro fator em relação à rejeição social implícita e explícita que existe a respeito da velhice, teríamos, em consequência, uma representação social do envelhecimento injustamente sustentada só na base do declínio.

Uma pesquisa realizada num contexto rural do nordeste do Brasil encontrou representações sociais acerca da velhice centradas nas questões relativas às perdas e ao declínio. Refiro-me aqui à pesquisa de Santos (1996). A seguir elencamos uma das expressões referidas por um dos sujeitos entrevistados nesse estudo:

“A velhice lembra doença, sofrimento. Quando a gente é novo a gente é forte. Pula daqui, vai *prá* lá, *né* [...]. Depois as carnes vão se acabando, o corpo vai se acabando [...]. O cabelo vai ficando branco, velho. Vai ficando toda feia, *véia*, toda franzida”.(Santos,1996,p.11).

Outros trabalhos podem ser consultados a respeito das representações da velhice em função de perdas ou de ganhos: são as pesquisas de Heckhausen (1989) e Heckhausen e Baltes (1991).

Os estudos psicossociais acerca das representações da velhice têm um interesse particular na gerontologia. Compreender as representações sociais que os grupos têm sobre o envelhecimento fornece subsídios sobre as formas de pensar e agir do

indivíduo com relação a essa fase da vida e, em consequência, com relação a si mesmo, quando se trata de uma pessoa que já está nessa etapa do desenvolvimento. Esclarecer a representação social que um idoso possa ter acerca da velhice permite compreender não só as imagens e os significados atribuídos a esse assunto, mas também, a relação existente entre essas representações e seu desempenho diário; sua identidade no espaço de interação social no qual vive e suas perspectivas futuras.

A preocupação de Baltes (1991) a respeito das crenças e estereótipos negativos sobre o envelhecimento tem uma relação importante com o Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido. Como já foi explicado, o modelo está sustentado na interação de três componentes: seleção, otimização e compensação. A seleção, segundo Baltes e Smith (1991), relaciona-se ao fato de que o indivíduo tem que eleger e selecionar da sua vida aqueles domínios nos quais ele ainda é bom, tendo em consideração a relação entre ganhos e perdas que naturalmente ocorrem na velhice, como em qualquer outra etapa do desenvolvimento. A otimização exige manter através do exercício e da prática diária, um nível ótimo de funcionamento e flexibilidade perante as demandas da vida, interagindo tanto com as perdas quanto com os ganhos. Por último, a compensação é o resultado final da interrelação entre a seleção e a otimização. Ela representa uma vida efetiva, embora algo restrita em função das perdas.

Meus pressupostos a respeito das representações sociais sobre a realidade do envelhecimento são os que seguem:

- Compreendermos as representações sociais que os grupos de indivíduos têm sobre o envelhecimento significa identificar modos de pensar em relação a como esse sujeito constrói e subjetiviza essa realidade. Ditas representações sociais sobre a velhice em geral podem tornar-se indicadores indiretos de como a pessoa se define em relação a esse assunto.

- Os discursos representacionais (sejam sobre determinados objetos, assuntos,

sejam sobre si mesmos) são constantemente constituídos e reconstituídos a partir das experiências de vida. Existe uma relação de continuidade e de descontinuidade entre as duas formas de representações que são objeto desta pesquisa, a saber: as representações sociais relativamente cristalizadas nos discursos sociais e as representações que os indivíduos têm sobre seu próprio *self*. A representação polissêmica do *self* mantém certa relação de coerência sócio-histórica com as representações sociais, porém existe também entre elas uma descontinuidade no sentido de que não existe entre as duas uma relação de coincidência. Todavia, podem ainda existir relações conflituosas entre as duas formas representacionais.

3 - METODOLOGIA

3.1 - O Problema

“La vejez excluye del manejo de los negocios. De cuáles negocios?. De aquellos que se manejan con la juventud y con fuerzas[...] Porque no se administran los asuntos graves con fuerza, prontitud y movimientos acelerados del cuerpo, sino con autoridad, prudencia y consejo: prendas que no solamente no se pierden en la vejez, sino que suelen alimentarse y perfeccionarse en ella[...] El envejecimiento, la razón y el consejo residen en los viejos, que si no los hubiera, ni repúblicas hubiera tampoco”(Ciceron, 44 AC, 1937).

As implicações psicossociais do envelhecimento ultrapassam os limites da ciência gerontológica. As temáticas da velhice e do envelhecimento já estão chamando a atenção de outras áreas do conhecimento científico, como a Psicologia, a Sociologia e a Epidemiologia, para citar algumas das ciências contemporâneas.

A Terceira Idade é uma das fases da vida onde o indivíduo, de maneira geral, começa a questionar seu sucesso na vida, seja por crenças preconceituosas negativas em relação à velhice, seja por fatos que testemunham as perdas e incapacidades frequentes nessa etapa do desenvolvimento humano.

⋈ Nem sempre são encontrados na população critérios favoráveis à velhice. De um lado, a maioria das pessoas aspiram viver muitos anos e, do outro, não gostariam de viver a sua velhice padecendo algumas das manifestações características desta fase da vida, por exemplo, doenças, problemas físicos, perda de memória, etc.

✕ Acreditar no sucesso, no envelhecimento, ainda é difícil. Em inúmeras situações, essa falta de credibilidade não se deve somente a fatores biológicos, mas, também, a fatores de tipo psicossocial. Um exemplo desses fatores são as representações e as crenças preconceituosas negativas que se tem a respeito da Terceira Idade. Sabe-se, também, que os indivíduos estão constantemente construindo formas de pensar para explicar aqueles objetos e assuntos sociais que lhes interessam. É óbvio, então, que quando as pessoas estão próximas da velhice ou já ultrapassaram os 60 anos²⁰, os temas relativos ao envelhecimento começam a se tornar assuntos sociais relevantes das práticas comunicacionais que precisam ser explicados e representados pelos grupos de pessoas.

Associadas a essas representações sociais, que são construídas, existem, também, outras representações sobre as quais a pessoa já está interessada há muito tempo. Refiro-me, aqui, à representação que o indivíduo tem sobre si mesmo, sobre seu próprio *self*. Essas últimas formas representacionais se desenvolvem no homem desde a infância no momento que o indivíduo começa sentir a vivência de unidade pessoal de seu *self*, diferenciada e, ao mesmo tempo, semelhante ao *self* das outras pessoas.

Para a psicologia gerontológica o conhecimento dessas duas representações nas pessoas idosas, ou próximas da Terceira Idade, se constitui numa perspectiva psicossociológica de grande importância. Compreender a representação social da velhice, em geral, permite explicar não só o comportamento em relação ao processo de envelhecimento, mas, também, conhecer sob a base de quais conteúdos se formam esses modos de pensar. Ainda mais, permite determinar indicadores indiretos sobre como esse indivíduo conceitualiza a si mesmo. Associado ao anterior e pela própria especificidade da realidade social que está sendo

²⁰ Fala-se aqui a idade de 60 anos porque a Assembleia Mundial do Envelhecimento de Viena do ano 1982 proclamou dita idade como o limite a partir do qual o indivíduo iria ser considerado idoso (Organización Mundial de la Salud, 1984).

representada (nesse caso, a velhice), torna-se muito mais interessante o fato de poder saber quais são as representações que as pessoas têm sobre seu próprio *self*.

A partir desse último elemento, a psicologia poderia integrar ao nível psicossociológico duas alternativas importantes de investigação. De uma parte, as representações sociais da velhice e, da outra, a representação do *self* face à realidade do envelhecimento subjetivamente apropriada. Esse pressuposto teórico está implícito no Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido que Baltes (1991) desenvolve a partir das sete pressuposições elencadas no referencial teórico, especificamente nos dois pressupostos que sustentam o presente estudo.

Baltes, nesses dois pressupostos, refere que, embora as representações sociais sobre a velhice possam estar centradas nas perdas, mais do que nos ganhos, existe na representação que os indivíduos têm de seu próprio *self* um certo efeito protetor, no seguinte sentido: as representações sobre o *self* mostram um crescimento constante que determina a existência na personalidade de múltiplas formas de *selves* que vão sendo ativadas em função das exigências do curso de vida.

Enfim, a gênese desse trabalho, organizou-se a partir dos seguintes problemas:

1. Como três grupos de indivíduos representam as realidades do envelhecimento e da velhice e como representa uma pessoa idosa?

2. Como esses indivíduos representam seu próprio *self* em três momentos do curso da vida?

X 3. Em que medida as experiências de vida anteriores e atuais determinam diferenças na representação social sobre a velhice e na representação sobre o *self*, que têm os indivíduos de cada grupo?

4. Em que medida a representação social sobre a velhice e sobre o envelhecimento estão relacionadas com a representação sobre o *self*?

X Esses questionamentos me fizeram refletir sobre um outro elemento de importância para a pesquisa psicológica, que é a relação indivíduo-sociedade e

sociedade-indivíduo. A colocação de um valor hierárquico absoluto num dos dois pólos, separados um do outro, poderia levar a um absolutismo rígido na hora de entender a dinâmica desse movimento. Uma pesquisa de integração tal como se propõe aqui, tentou trabalhar com a dialética entre essas duas subjetividades, ou seja, a referida ao *self* e a referida às representações sociais sobre a temática do envelhecimento.

3.2 - Objetivos

O objetivo geral deste trabalho foi integrar dois referenciais teóricos utilizando a perspectiva psicossociológica de Moscovici como ferramenta na interpretação de dois dos pressupostos do Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido de Baltes, a saber: com o envelhecimento, o balanço que o indivíduo faz entre os ganhos e as perdas começa a ser menos positivo, e o *self*, durante o envelhecimento, pode se manter como um poderoso mecanismo de resiliência.

O objetivo geral compreende três objetivos específicos:

1. definir os conteúdos que caracterizam as representações sociais sobre o idoso, sobre o envelhecimento e sobre a velhice em três grupos de sujeitos,
2. identificar os conteúdos que caracterizam as representações do *self* em três grupos de sujeitos,
3. comparar, em função das experiências do curso de vida, os conteúdos das representações sociais sobre o idoso, a velhice e o envelhecimento com os conteúdos das representações sobre o *self*.

3.3 Seleção da amostra.

Para responder aos objetivos supra elencados foi realizado um estudo transversal com trinta e sete pessoas, diferenciadas através de três grupos, cuja

seleção teve um caráter proposital, segundo os interesses do trabalho. Os critérios para a seleção dos três grupos estiveram determinados pelas diferenças nas experiências do curso da vida passada e atual.

A seleção dos participantes foi de acordo com critérios de voluntariedade, controlando-se através de um exame clínico-psicológico que as pessoas tivessem uma capacidade funcional e mental normais e que fossem indivíduos escolarizados. Um grupo esteve formado por treze pessoas aposentadas, na faixa etária de 52 até 67 anos, com dois a cinco anos de aposentadoria, professores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A escolha desse grupo esteve determinada pelos seguintes critérios: - são pessoas com uma história de vida laboral, que recentemente foi mudada pela condição da aposentadoria, fato que, segundo a literatura revisada, influi significativamente na percepção que os indivíduos têm de si mesmos e pela associação que geralmente é feita entre a palavra aposentadoria e o processo do envelhecimento; os sujeitos entrevistados não mantinham nenhum outro vínculo laboral durante a aposentadoria e todos moravam na zona urbana do município de Florianópolis, com o objetivo de facilitar a execução da pesquisa. Todos eles fazem parte de um grupo sindical da Associação de Professores da UFSC (APUFSC), que se reúne periodicamente para realizar diferentes atividades em conjunto.

Um outro grupo foi formado por doze pessoas idosas acima de 53 anos que participam de um programa especial de Universidade da Terceira Idade, Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) da Universidade Federal de Santa Catarina, que os prepara como monitores para a ação gerontológica na comunidade. Do universo de sujeitos que se preparam nesse curso, doze foram entrevistados segundo o princípio de voluntariedade para participar do estudo. Os critérios na escolha dessa amostra do NETI estão relacionados ao tratamento especial que supostamente esses indivíduos devem dar à temática do envelhecimento em função das características do curso que fazem. O NETI funciona segundo os seguintes objetivos: ver a pessoa

idosa com potenciais constantes de desenvolvimento; oferecer diferentes conhecimentos técnicos e especializados sobre o processo do envelhecimento; formar recursos humanos que podem trabalhar na comunidade sob a forma de prestação de serviços.

O terceiro grupo de pessoas foram doze idosos com idades a partir de 70 anos que moram em uma instituição religiosa (Centro Vivencial para Idosos de Itacorubi- Florianópolis). Do universo de dezesseis pessoas que residem na instituição, somente integraram a amostra do estudo doze sujeitos. Os quatro idosos que não participaram desse estudo não o fizeram pelas razões seguintes: dois deles não preenchiam os critérios assinalados anteriormente (apresentavam problemas de saúde), um idoso estava fora da instituição e uma outra pessoa não aceitou ser entrevistada. O critério que determinou a seleção dos sujeitos dessa instituição deve-se ao fato de ser uma residência que garante as condições físicas e psicossociais de conforto para seus moradores, o que pode influenciar na percepção do envelhecimento que os sujeitos possam ter. Trata-se de um centro para pessoas idosas auspiciado por uma Associação Religiosa Metodista. As características estruturais e de funcionamento proporcionam um ambiente residencial que, além de ser confortável, favorece altos níveis de interação social e de autonomia. A instituição consta de uma série de características que, segundo as normas mundiais de ambientes residenciais, são definidas como um bom contexto institucional ²¹ (obviamente dentro de determinados limites se se compara com a vida na comunidade). Dentre as vantagens destacamos: boas características físicas e arquitetônicas; a política organizacional e de funcionamento do ambiente; as características dos seus habitantes, que nesse caso são idosos com escolarização e sem doenças de tipo demencial ou de outra índole que provoquem transtornos nas funções cognitivas (com exceção da pessoa que estava apresentando os primeiros sintomas de uma doença demencial) . Todos os participantes praticam algum tipo de religião. As vantagens de tipo psicossocial referem-se ao clima social, à

qualidade das relações interpessoais e seus efeitos positivos no desenvolvimento individual dos seus moradores. Das atividades realizadas na instituição muitas delas têm caráter educativo, sócio-recreativo, estimulando habilidades funcionais e, em alguns casos, atividades que utilizam técnicas de estimulação cognitiva (especificamente mnemônica), sem que isso seja um objetivo cientemente proposto pela direção da instituição.

3.4 -Procedimentos da Coleta e Análise de Dados:

Sobre a técnica de coleta:

A técnica de entrevista possibilita ao pesquisador abordar aquilo que lhe interessa de duas formas. De um lado, permite obter informações relativamente uniformizadas a partir das perguntas que eliciam as respostas e, de outro, garante a expressão livre do sujeito.

Na coleta de dados foi utilizada a técnica de entrevista, visando obter as representações que nos interessavam (Anexo 1). Para facilitar dita coleta e a posterior análise, a mesma foi gravada com o consentimento prévio dos entrevistados.

Sobre as técnicas de análise e de interpretação dos dados:

A interpretação das produções lingüísticas das entrevistas baseou-se na Análise de Conteúdo, segundo Bardin (1977, p 38-9). A autora define essa técnica como:

“Conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza conhecimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens. Sua intenção é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção [...] Essas inferências podem responder a dois tipos de problemas: -o que é que conduziu a um determinado enunciado? Este aspecto diz respeito às causas ou antecedentes da mensagem, -quais são as

²¹ Refiro me aqui ao Sistema de Classificação dos Ambientes Residenciais de Moos (1992).

**conseqüências que um determinado enunciado vai provocar?
Isto se refere aos possíveis efeitos das mensagens”.**

Com a utilização dessa técnica, foram determinadas as freqüências absolutas das palavras e estruturas lingüísticas que se relacionaram com as representações sociais do envelhecimento, da velhice e do idoso, e as representações sobre o *self* de nosso interesse. Essa análise esteve dirigida à busca e à definição categorial daqueles elementos presentes nos corpos lingüísticos em relação ao idoso: ao envelhecimento, à velhice e ao *self* em três momentos do curso de vida dos sujeitos.

A seguir apresentamos os procedimentos metodológicos gerais utilizados na obtenção dos resultados de pesquisa:

- ◆ Foram transcritas as entrevistas dos trinta e sete sujeitos participantes.
- ◆ Foi feita uma contagem da freqüência absoluta das palavras que tinham significados em relação aos interesses da pesquisa. Para a seleção de tais palavras, os corpos lingüísticos das entrevistas foram lidos várias vezes. Posteriormente foi calculado, através do Processador de Textos do Programa *Word for Windows*, o número de vezes que apareciam essas palavras. As freqüências absolutas serviram de indicadores da relevância dos termos representacionais com que os sujeitos representavam o idoso, o envelhecimento, a velhice e o *self*.

A seguir são relacionados os procedimentos específicos da análise de dados:

Para definir os conteúdos que caracterizam as representações sociais sobre o idoso, sobre o envelhecimento e sobre a velhice (objetivo específico 1) e para identificar os conteúdos que caracterizam as representações do *self* nos três grupos de sujeitos (objetivo específico 2), foram executados os procedimentos seguintes:

- ◆ As entrevistas foram lidas várias vezes para facilitar a impregnação dos dados nelas contidas. Os corpos lingüísticos das mesmas foram organizados, relacionando textualmente todas as frases de interesse para a investigação. Com esse passo, descartam-se, da produção lingüística, todas as frases de caráter

instrumental ou aquelas que não têm relevância para a pesquisa. As palavras de maior frequência que, por sua vez, são de relevância para a identificação de ambas as formas representacionais do estudo, estão contidas nas frases selecionadas.

◆ Do exposto anteriormente, foram definidas as categorias que possibilitaram a criação de Redes de Significação a partir dos conteúdos explicitados. Essas Redes de Significação continham, de forma polarizada, grupos de significados que podiam ser atribuídos às formas representacionais (seja do envelhecimento, da velhice, do idoso, seja da representação do *self*). Essas redes contribuíram para ilustrar os conteúdos representacionais que serão ilustrados com exemplos contidos nos discursos dos sujeitos (segmentos de conteúdo).

Para comparar, em função das experiências do curso de vida, os conteúdos das representações sociais sobre o idoso, a velhice e o envelhecimento com os conteúdos das representações sobre o *self* nos três grupos de sujeitos (objetivo específico 3) foram realizados os seguintes procedimentos:

◆ Novamente leu-se cada uma das entrevistas com a finalidade de identificar em cada um dos três grupos de sujeitos a presença ou ausência das categorias definidas.

◆ A partir do procedimento anterior foi executada uma análise estatística quantitativa que visava obter, de uma parte, o grau de associação entre ditas categorias e as variáveis gerais referidas à idade, nível de escolaridade, sexo e tempo de aposentadoria e, de outra parte, o grau de associação existente entre as mesmas categorias definidas, ou seja, aquelas referidas às representações sociais sobre o idoso, a velhice e o envelhecimento e aquelas referidas às representações sobre o *self*. Para isso, foi realizada uma análise de contingência através do Teste Chi-Quadrado e a Probabilidade Exata de Fisher, através do Processador Estatístico Epi-Info, na versão 6.04 (Center for Disease Control and Prevention- CDC, 1996).

◆ Foram analisadas cada uma das entrevistas dos sujeitos de cada um dos três grupos com o propósito de descrever os conteúdos representacionais mais frequentes sobre os assuntos de interesse dessa pesquisa, a saber: o idoso, o envelhecimento, a velhice e o *self*.

Na continuação serão descritos os resultados mais relevantes do estudo, de acordo com os objetivos propostos.

4 - DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

4.1 - Contextualização

Deste estudo participaram três grupos de sujeitos com idades acima de cinquenta anos. No momento da pesquisa cada um dos grupos desenvolvia diferentes tipos de atividades.

O grupo formado por doze pessoas que moram na cidade de Florianópolis e que cursam o programa especial no NETI da UFSC está se preparando como monitores de ação gerontológica para realizar no futuro outras atividades direcionadas a oferecer programas de intercâmbio comunitário em gerontologia. O NETI foi fundado na UFSC há quinze anos, com o propósito de realizar atividades de educação continuada com os idosos que moram na comunidade e oferecer conhecimentos científicos sobre o processo de envelhecimento. Este curso é considerado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC como um curso de extensão universitária. Alguns dos objetivos do NETI são ampliar e sistematizar o conhecimento da gerontologia, formar recursos humanos, assessorar entidades na organização de programas de valorização do idoso e oferecer subsídios para políticas de resgate do papel do idoso na sociedade, entre outros. A equipe multidisciplinar que dá as aulas está formada por professores da UFSC e alunos de graduação e pós-graduação que apóiam o trabalho do grupo.

As pessoas entrevistadas nesse grupo estão na faixa etária entre 53 a 85 anos, com uma média de 63.3 anos. Sete pertencem ao sexo feminino e cinco ao

masculino e delas, sete são universitárias e cinco pessoas têm primeiro ou segundo graus.

O outro grupo de participantes está formado por treze pessoas, professores da UFSC de diversos centros, aposentados entre dois e cinco anos. A faixa etária desses sujeitos está entre 52 e 67 anos, com uma média de idade de 58.5 anos. Oito pessoas pertencem ao sexo feminino e cinco ao masculino. A média de tempo de aposentadoria do grupo é de 4.1 anos. Esses sujeitos realizam no seu cotidiano diversas atividades. Entre elas: a leitura de livros; vida familiar, viagens; lazer; atividades que, segundo a grande maioria dos entrevistados, não tinham sido executadas por falta de disponibilidade de tempo durante a vida laboral.

Os participantes do terceiro grupo constituem doze pessoas idosas acima de 70 anos que moram numa instituição residencial de caráter religioso (Centro Vivencial para Idosos de Itacorubi- Florianópolis). Esses idosos moram voluntariamente na instituição. Todos mantêm os seus vínculos familiares e muitos deles passam os fins de semana com a família. A própria residência estimula também o relacionamento do idoso com a família. O grau de conformidade e bem-estar subjetivo dentro do ambiente residencial é alto. Nas entrevistas eles manifestaram a sua conformidade com as características e estilo de trabalho das pessoas que prestam serviços na instituição.

Os idosos que moram no centro vivem em quartos independentes, e dentro de cada apartamento têm os principais objetos de posse pessoal que tinham nas suas casas antes de irem morar na instituição. Como foi descrito no capítulo de metodologia, a instituição fornece condições favoráveis para o desenvolvimento físico e psicossocial dos idosos.

A faixa etária do grupo está entre 70 e 92 anos, como uma média de idade de 79.1 anos. Desses participantes, três pertencem ao sexo masculino e nove ao sexo feminino. Cinco sujeitos têm nível universitário de escolaridade, e sete têm primeiro ou segundo graus.

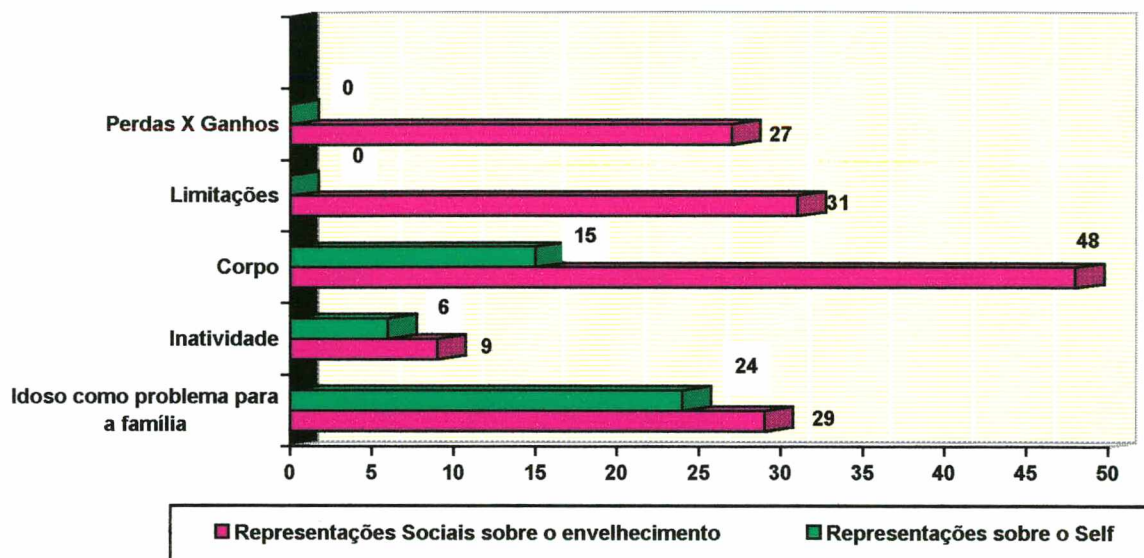
Das trinta e sete pessoas entrevistadas, dezessete estão na faixa etária de 52 a 60 anos (46%); doze entre 61 e 74 anos (32%) e oito com idades acima de 75 anos (22%). Ao primeiro grupo etário (52 a 60 anos) pertencem majoritariamente os professores aposentados da UFSC. O segundo grupo etário (61 a 74 anos) é representado fundamentalmente pelos sujeitos que participam do NETI e alguns do Centro Vivencial para Idosos. Por último, as pessoas acima de 75 anos pertencem, na sua maioria, ao dito centro vivencial. Também aqui, como na faixa etária anterior, existem idosos acima de 75 anos que pertencem ao NETI. A média total de idade de todos os participantes é de 66.9 anos. Da totalidade de sujeitos, 16.2% têm primeiro grau, 18.9% têm segundo grau e 64.6% têm nível universitário. Quanto ao sexo, 24 são mulheres (64.9%) e 13 são homens (35.1%).

4.2 - Os resultados

Nas páginas que seguem, apresento os resultados obtidos relacionados com as freqüências absolutas das palavras significativas aos conteúdos representacionais, que foram encontradas nas produções lingüísticas dos entrevistados.

No gráfico 1 observa-se o número de freqüências absolutas com que aparecem os significados atribuídos à palavra “perdas” nos corpos lingüísticos das entrevistas. Esse gráfico abrange as duas formas representacionais: as referidas ao idoso, ao envelhecimento, à velhice e as referidas às representações sobre o *self*.

Gráfico 1-Freqüência absoluta de significados atribuídos à palavra "Perdas" no Corpo Lingüístico das entrevistas . Florianópolis,1997.



Em relação às perdas, a palavra “corpo” aparece referenciada 48 vezes nas representações sobre o envelhecimento e a velhice, significando perdas físicas e transformações de tipo corporal que acontecem no ser humano. Esses argumentos apareceram em relação a todo um conjunto de “**mudanças feias**” e desagradáveis desde o ponto de vista estético que, embora a pessoa não deseja que ocorram, elas aparecem sem possibilidades de serem controladas. Esses significados ao redor das mudanças corporais estéticas verificaram-se somente nos sujeitos do sexo feminino, fundamentalmente nas mulheres aposentadas da UFSC e nas que pertencem ao NETI. Também a mesma referência à palavra corpo apareceu 15 vezes nos corpos lingüísticos das representações sobre o *self* no grupo de mulheres ao se referirem ao tempo passado com atributos pertencentes a um *self* físico. Aqui surgiram argumentos em função de melhores condições corporais estéticas, maior beleza física, menor peso corporal, entre outros.

O outro significado da palavra “perdas” foi referenciado através da representação do idoso como problema para a família. Nos corpos lingüísticos das representações sobre o idoso esse termo apareceu 29 vezes. Os sujeitos referiam

representações sobre o idoso esse termo apareceu 29 vezes. Os sujeitos referiam diversos elementos caracterizando o idoso como pessoa que entorpece a vida familiar por ser, com muita frequência, portador de doenças, problemas físicos ou estados de invalidez; o idoso como aquela pessoa que somente atrapalha a vida das outras pessoas. Esses significados apareceram de maneira mais freqüente no grupo de mulheres acima de 75 anos. Como o gráfico 1 mostra as outras 24 vezes com que o termo: “idoso como problema na família” aparece, é em relação às representações de si mesmo no futuro. Os argumentos referenciados aqui somente apareceram no grupo das mulheres. Dessa vez, foram mulheres que estavam na faixa etária de 52 a 60 anos (na sua maioria, membros do grupo de mulheres aposentadas da UFSC e algumas do NETI). Aqui as colocações correspondem às representações sobre si mesmas no futuro como pessoas que teriam problemas físicos de saúde e que, em consequência, seriam uma carga para a família.

Outra forma referencial da palavra “perdas” foi através do argumento polarizado: “perdas *versus* ganhos”. Como se observa no gráfico 1, as referências a ela somente ocorreram em relação às representações sociais sobre o idoso (27 vezes). Nesse gráfico, é apresentada a dupla de palavras porque dessa mesma forma os sujeitos a colocaram nas entrevistas. Os participantes que representaram “a pessoa idosa” com essa dualidade argumentavam que elas têm qualidades boas e qualidades ruins a partir de argumentos polarizados. De uma parte as coisas boas, segundo eles, indicam experiência, conhecimentos, uma vida experienciada e as coisas ruins, que são referidas como doenças, problemas de saúde, inatividade. Essas referências apareceram de maneira geral na totalidade dos entrevistados, porém com uma certa predominância nos sujeitos acima de 74 anos.

A limitação foi o outro significado relacionado com a palavra “perdas” e igual ao caso anterior, a mesma verificou-se em relação somente às representações sociais sobre o idoso, o envelhecimento e a velhice (31 vezes). Esse significado também se manifestou de forma generalizada nos três grupos. Os argumentos aqui colocados

foram a respeito de ver o idoso, o envelhecimento ou a velhice sob o prisma de incapacidades, das limitações físicas, da inutilidade, das doenças, da incompetência e até com termos tais como a velhice como “paralisia”.

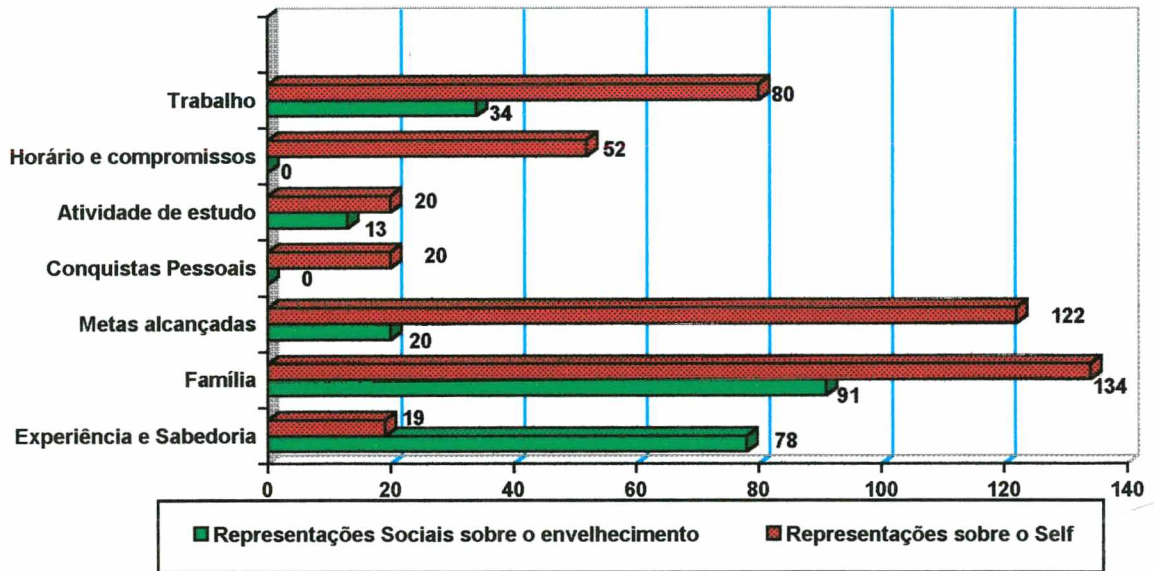
Por último, aparece em menor frequência o termo “inatividade”, como uma outra forma de significação da palavra “perdas”. Observa-se aqui que a frequência é relativamente baixa (9 vezes nas representações sobre o idoso e 6 vezes nas representações sobre o *self*). Os termos referidos à inatividade na representação social sobre o idoso somente apareceram no grupo de pessoas do sexo masculino, fundamentalmente os que estavam na faixa etária de 52 a 60 anos. Apareceram aqui colocações tais como:

“o idoso como a passagem à inatividade, o idoso como aquela pessoa que representa o ócio, que não faz quase nada, que está em repouso, que perdeu o ritmo de trabalho, entre outros”(dsa 3)²².

Esse último elemento esteve relacionado com a aposentadoria como fato que determina a condição de inatividade numa pessoa idosa. As outras 6 vezes foram a respeito da representação do *self* no presente e no futuro. O grupo de sujeitos que com maior frequência colocaram esses argumentos nas suas práticas discursivas foi o que estava na faixa etária de 52 e 60 anos.

²²As letras dsa simbolizam o discurso dos sujeitos entrevistados aposentados da UFSC e o número ao lado corresponde à ordem do mesmo no Banco de Dados.

Gráfico 2- Frequência absoluta das significações referidas à palavra "Ganhos" no Corpo Lingüístico das entrevistas . Florianópolis, 1997.



No gráfico 2 são apresentados os diferentes significados da palavra “ganhos” nos contextos representacionais dos dois assuntos pesquisados (aqueles em relação ao envelhecimento, o idoso, a velhice e os referentes às representações sobre o *self*).

O termo trabalho (80 vezes), atividade de estudo (20 vezes) e constituição da família (134 vezes) tiveram altas frequências nos corpos lingüísticos das representações sobre o *self* no passado nos três grupos de sujeitos entrevistados. Aqui, o *self* é representado através de atividades habituais que a pessoa fez. Por exemplo, quando referiam ganhos em função do trabalho apareciam significados tais como: o conceito de si somente em função do trabalho, o conceito de si como uma pessoa mais trabalhadora e ativa, representação do *self* segundo critérios de utilidade e aproveitamento da idade do trabalho, entre outros. As 34 vezes referenciadas no outro tipo de representações foram em relação ao idoso. Esse tipo de significado foi explicitado somente no grupo de sujeitos entre 61 e 74 anos, fundamentalmente nos homens. Nessa situação, os ganhos em função da palavra trabalho foram relacionados com crenças sobre o idoso como aquela pessoa que representa um patrimônio do trabalho; o idoso representando o indivíduo que já

representa um patrimônio do trabalho; o idoso representando o indivíduo que já trabalhou bastante, mas que ainda deve trabalhar para não se tornar um incapaz; o idoso representando toda uma vida de trabalho, entre outros.

Esse mesmo grupo de sujeitos também representa a palavra “ganhos”, a partir do termo “atividade de estudo”. Aqui as referências em relação ao *self* no passado foram semelhantes às expostas anteriormente sobre a palavra “trabalho”. O *self* no passado é representado através do estudo. Nas 13 vezes em que aparece essa palavra nas representações sociais sobre o idoso, é para argumentar que o idoso representa aquela pessoa que adquiriu uma sabedoria sobre a vida.

Em relação aos significados contidos na palavra “família”, verifica-se no gráfico 2 que ela foi mencionada 134 vezes, quando valoravam seu próprio *self* no passado em função da constituição da família, naquela época em que estavam formando o matrimônio, criando ou educando os seus filhos. As 91 vezes em que essa mesma palavra apareceu nas representações sociais foram, fundamentalmente, em relação à temática idoso. Nesse caso apareceram referências de que um idoso é aquela pessoa que é respeitada e aceita na família e que a condição de idoso representa um ganho individual e, ao mesmo tempo, uma conquista familiar. Esses resultados foram observados nos três grupos de sujeitos.

Nas representações sobre o *self* no passado apareceram outros argumentos referidos como ganhos em relação a metas alcançadas e conquistas pessoais (122 vezes e 20 vezes respectivamente). Essas colocações foram expressas por todos os participantes da pesquisa. Mencionaram-se aqui elementos tais como:

“metas atingidas, época da realização de sonhos pessoais, momento de querer conquistar tudo na vida” (dsa, dsv²³, dsn²⁴).

²³ As letras dsv simbolizam o discurso dos sujeitos entrevistados do Centro Vivencial e o número ao lado corresponde à ordem do mesmo no Banco de Dados.

²⁴ As letras dsn simbolizam o discurso dos sujeitos entrevistados do NETI e o número ao lado corresponde à ordem do mesmo no Banco de Dados.

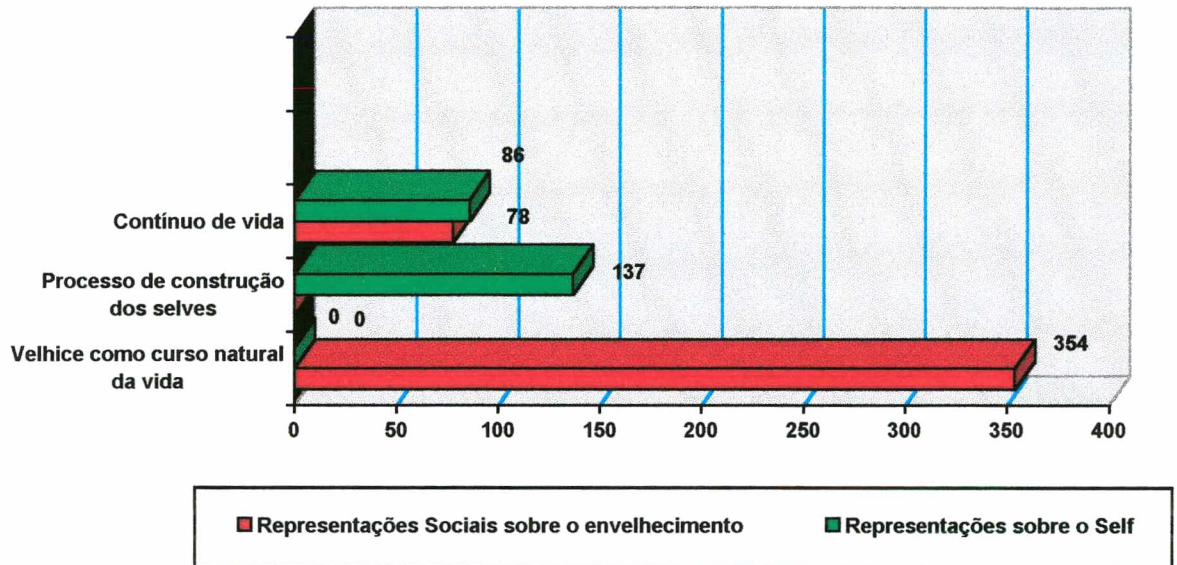
É importante destacar aqui que as 22 vezes que aparece o termo “metas alcançadas” nas representações sociais é quando se referem ao idoso. Nesse caso os discursos relativos aos ganhos são em função da pessoa idosa como aquela que já ganhou muitas coisas na vida, mas que ainda deve continuar essa trajetória das metas.

Os significados dos ganhos em função do termo “horário e compromisso” (52 vezes nos discursos das representações sobre o *self* no presente) foram colocados somente no grupo de professores aposentados da UFSC. Nesses discursos mencionaram-se elementos tais como:

“posso me ver agora como uma pessoa livre dos compromissos formais; de horários; no presente eu estou mais relaxado, mais *soft*; sem obrigações; fazendo as coisas que quiser na hora desejada, sem datas pré-estabelecidas”(dsa 9).

Por último, a palavra “ganhos” em função da sabedoria aparece com mais frequência nos discursos acerca das representações sociais sobre o idoso (78 vezes) que sobre o *self* (19 vezes). Esse foi um resultado que apareceu em cada um dos três grupos. Os sujeitos representaram o idoso como uma pessoa experiente; com maiores conhecimentos da vida; com maior flexibilidade, sabedoria, entre outros. Da mesma maneira, os sujeitos que pertencem ao Centro Vivencial para Idosos representam seu *self* no presente a partir de auto-percepções de pessoas mais experientes, com maiores conhecimentos da vida, maior flexibilidade, etc (19 vezes). Vê-se assim que aqui coincidem as duas formas representacionais: a referida à representação do *self* no presente e as representações do idoso, ambas em função da experiência e da sabedoria.

Gráfico 3- Frequência absoluta de significações referidas à palavra "Processo de Vida" no Corpo Lingüístico das entrevistas. Florianópolis, 1997.



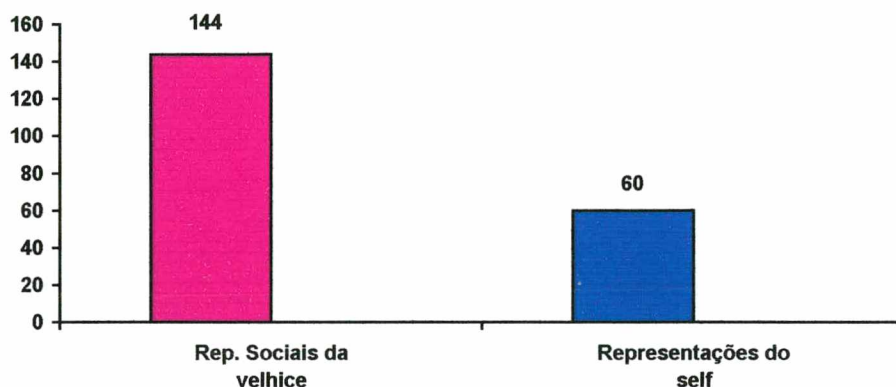
No gráfico 3 são apresentados os significados atribuídos à palavra “processo”. É interessante notar a alta frequência com que as representações sobre a velhice aparecem referenciadas em termos de “curso natural da vida”(354 vezes) ou a velhice como um “contínuo da vida”(78 vezes). Essas atribuições estão presentes nos discursos de muitos dos sujeitos entrevistados, porém a sua frequência resultou majoritária naquelas pessoas acima de 75 anos. A seguir elencamos alguns termos a que os participantes se referiram:

γ **“[...] a velhice é um processo gradativo normal; [...] ela representa o curso da vida; [...]. A velhice e o envelhecimento constituem duas formas diferentes de um mesmo processo cronológico; [...]. A velhice é o contínuo da vida”(dsv 28).**

Também nas representações do *self* os sujeitos atribuíram significados à palavra “processo” através dos termos “contínuo da vida”(86 vezes) e “processo de construção dos *selves*” (137 vezes). Da mesma forma que no parágrafo anterior, isso resultou mais marcante na amostra de sujeitos acima de 75 anos. Os argumentos

implícitos aqui apareciam quando os sujeitos eram interrogados acerca das representações dos seus *selves* no presente e no futuro. Atribuíram-se elementos em relação a um processo contínuo de construção e reconstrução; o *self* a partir de um processo contínuo de amadurecimento e auto-realização constante; o *self* do presente e do futuro com uma continuação do *self* do passado, entre outros.

Gráfico 4- Frequência absoluta da palavra de conteúdo "Acho" nos corpos lingüísticos. Florianópolis, 1997.

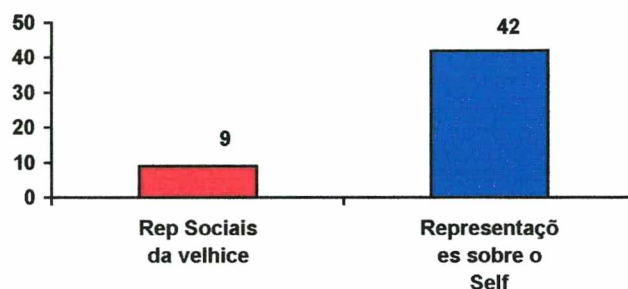


No gráfico 4 verificam-se as frequências absolutas com que a palavra “acho” aparece nos discursos de todos os sujeitos. Essa palavra não tem particular interesse em termos de atribuição de significados a uma ou a outra forma de representação, mas constitui uma palavra que diz a respeito da implicação pessoal dos sujeitos no momento de responder as perguntas da entrevista. Observe-se que ela é mais frequente nos discursos das representações sociais sobre o envelhecimento (144 vezes), que quando aparece nos discursos das representações sobre o *self*. Normalmente as pessoas podem experimentar mais dificuldades no momento de emitir uma opinião sobre seu próprio *self* que quando emitem uma opinião sobre outros temas.

O gráfico 5 mostra a frequência absoluta com que a palavra “aposentadoria” apareceu nos discursos: 9 vezes nas representações sociais sobre o envelhecimento e 42 vezes nas representações sobre o *self* no tempo presente. Esse termo verificou-se

somente nas pessoas pertencentes ao grupo de professores aposentados da UFSC. A aposentadoria foi avaliada por eles como um fato vital que estabelece um limite importante no *self* do indivíduo ao longo do curso de vida.

Gráfico 5- Frequência absoluta da palavra "Aposentadoria" nos corpos lingüísticos. Florianópolis, 1997.



Nesse grupo, os sujeitos avaliaram várias vezes o fato da aposentadoria como um elemento que divide suas vidas em duas fases, como se ele estabeleceria duas formas de ser:

“uma pessoa antes da aposentadoria e outra após a aposentadoria”(dsa 11).

Quando os sujeitos desse grupo se referem à aposentadoria nos discursos sobre o *self* o fazem fundamentalmente em relação ao *self* no presente. Por exemplo:

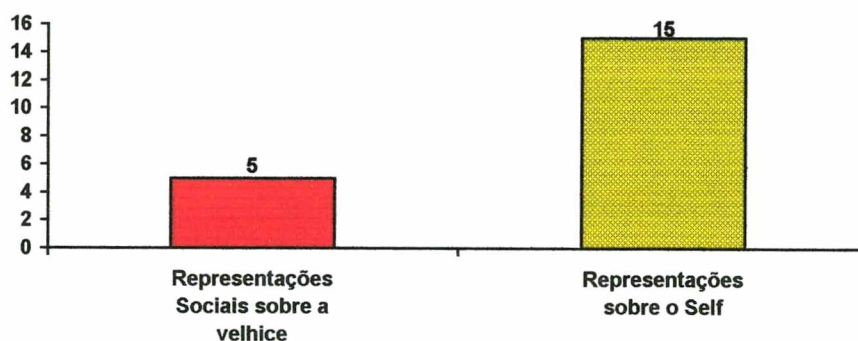
“A aposentadoria como evento marcante do presente. Eu na vida de aposentado[...]. É difícil e muito diferente de como eu era no passado; a aposentadoria[...] é uma fase preta da vida, é uma época de crise” (dsa 9).

Os elementos da aposentadoria como ruptura do *self* poder-se-ão observar no diagrama 6, que será apresentado mais adiante. As 9 vezes em que a palavra é referida nos outros discursos representacionais é em relação à velhice. Nesse caso as referências foram feitas pelo mesmo grupo de sujeitos aposentados entre 2 e 5 anos. Aqui a aposentadoria significa para esse grupo a proximidade da velhice.

No gráfico 6 observam-se as frequências absolutas com que aparecem nos discursos de ambos tipos de representações as palavras “espelho e imagem”. Vê-se

que, para o *self*, a frequência é relativamente alta (15 vezes). A utilização desses termos foi característica do grupo de mulheres ao se referirem às representações do *self* no presente. Os argumentos foram atribuídos a características físicas e corporais do *self*. Foram mencionados alguns elementos, tais como: necessidade de se colocar frente ao espelho para acreditar na sua nova imagem física, nas suas mudanças corporais não desejadas, no novo corpo mudado sob os efeitos do tempo, entre outros. Esse resultado confirma o já apresentado no gráfico 1 em relação ao corpo como um dos significados atribuídos à palavra “perdas”. Por último, as 5 vezes em que as palavras “espelho e imagem” são mencionadas nos discursos sobre as representações sociais, também coincide com o grupo de mulheres. Aqui os termos emergiram quando se falava sobre o idoso, na medida em que comparava uma pessoa idosa com ela mesma no momento de se colocar frente a um espelho para analisar as mudanças físicas e corporais típicas do envelhecimento, por exemplo.

Gráfico 6- Frequência absoluta das palavras "Espelho/Imagem" referidas pelo grupo de mulheres em relação às representações sobre a velhice e sobre o self. Florianópolis, 1997.



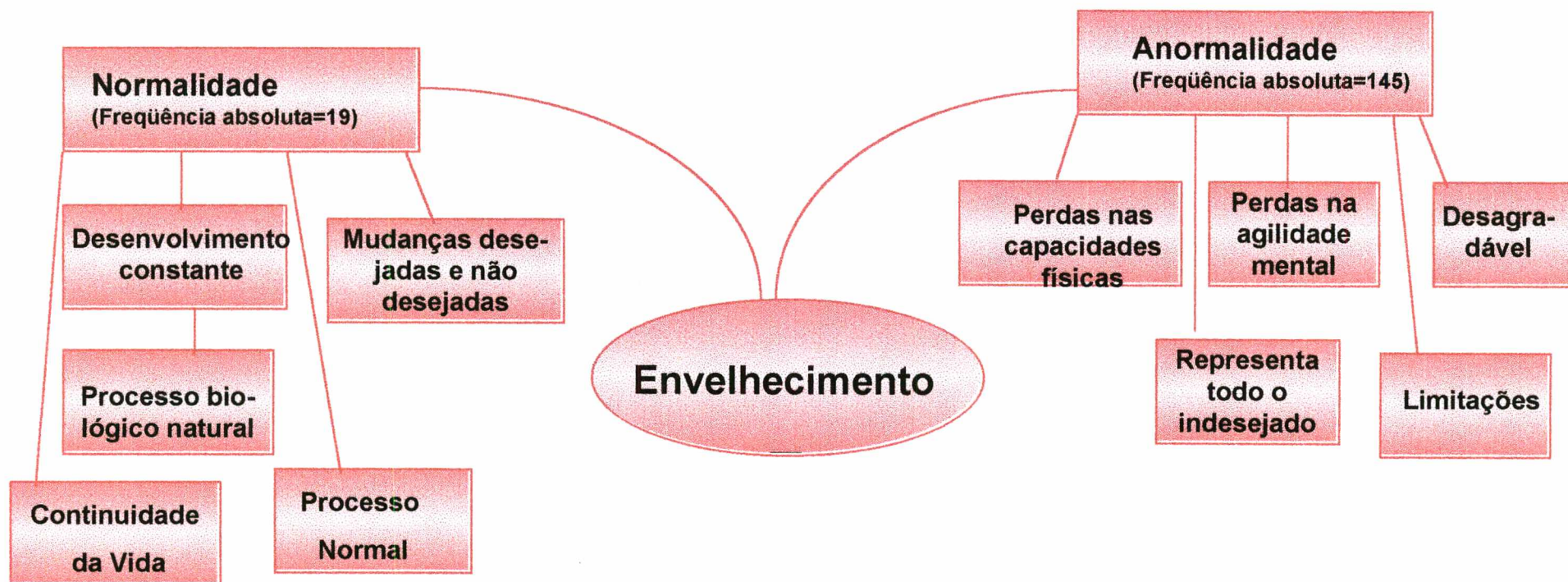
Conforme explicado no capítulo da metodologia, foram construídas algumas Redes de Significação através da associação de categorias temáticas a cada uma das palavras, termos e frases relevantes dos conteúdos representacionais identificados. Relembramos aqui os procedimentos seguidos para a construção dessas redes.

palavras, termos e frases relevantes dos conteúdos representacionais identificados. Relembramos aqui os procedimentos seguidos para a construção dessas redes. Primeiro: as entrevistas foram lidas várias vezes para facilitar a impregnação dos dados contidos nas mesmas. Segundo: de acordo com os interesses da pesquisa, foram analisadas todas as frases de cada uma das entrevistas. Terceiro: na seqüência realizou-se uma seleção daquelas frases que, nos corpos lingüísticos, continham elementos de interesse para a pesquisa. Quarto: as frases selecionadas continham as palavras e as significações que foram descritas nos gráficos anteriores. Quinto: a partir de cada uma das frases previamente selecionadas definiram-se categorias que as pudessem sintetizar. Sexto: das frases analisadas selecionaram-se segmentos de conteúdos que podiam ilustrar com maior clareza as Redes de Significação. A seguir apresentamos os sete diagramas que contêm as Redes de Significação.

No diagrama 1 (p.81) aparecem as categorias associadas à palavra envelhecimento. Nos discursos lingüísticos a avaliação do envelhecimento esteve definida através de duas temáticas polarizadas: uma que unificava diversos elementos significando o envelhecimento como normalidade (19 vezes- freqüência absoluta) e outra temática que unificava categorias em torno do envelhecimento como anormalidade (145 vezes- freqüência absoluta). Observa-se que, sob a temática da normalidade, foram incluídas respostas representacionais relacionadas com o envelhecimento como um processo constante de desenvolvimento; que implica tanto as mudanças desejadas quanto as não desejadas; a qualificação do envelhecimento como um processo normal, que depende de causas biológicas e que em geral representa uma continuidade da vida.

A variável idade determinou algumas diferenças enquanto a freqüência de argumentos relacionados com essa categoria. Por exemplo, os sujeitos que estavam acima de 75 anos interpretam o envelhecimento freqüentemente como normalidade, diferentemente dos sujeitos entre 52 e 60 anos e de alguns dos que estão entre 61 e 74 anos, que o interpretam com maior freqüência em termos de anormalidade.

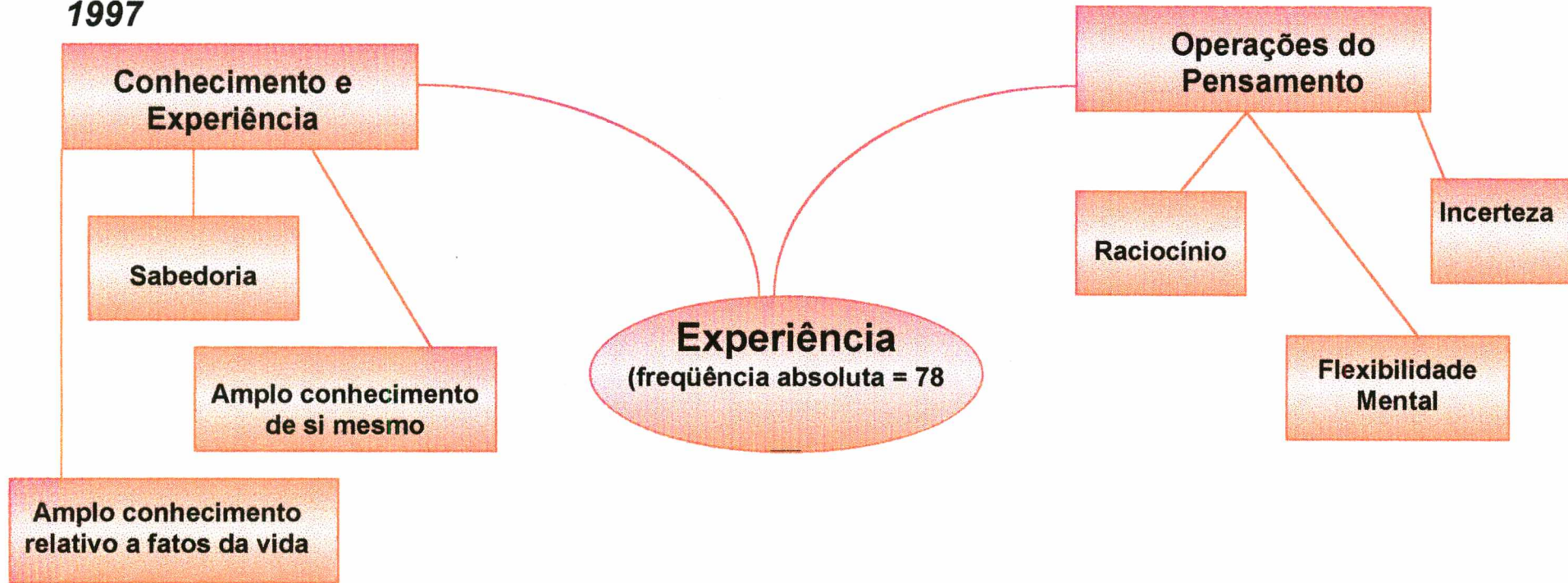
Diagrama 1 - Redes de Significações associadas à palavra “envelhecimento”, no corpo linguístico das Representações Sociais sobre o envelhecimento nos três grupos. Florianópolis, 1997



Segmentos de Conteúdo

- *A gente quer que nada ocorra, mas tudo o que não desejamos ocorre.*
- *Tem coisas boas e coisas ruins.*
- *Para mim a questão do envelhecimento é a perda da capacidade física.*
- *Eu vejo no envelhecimento a perda da agilidade mental.*
- *O envelhecimento não é bom.*
- *O envelhecimento somente são limitações.*
- *Eu acho que é um processo normal e como tal, tem que ser aceito.*
- *É quando as pessoas começam usar artifícios para se proteger.*

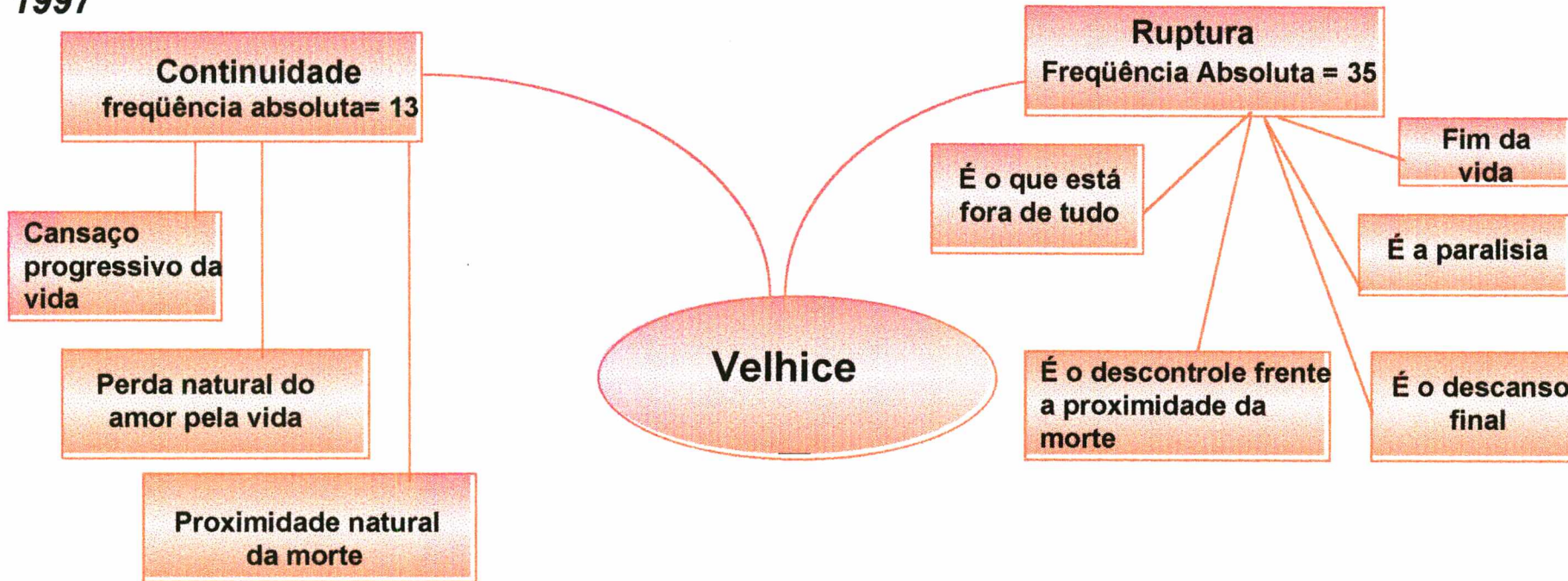
Diagrama 2 - Redes de Significações associadas à palavra “experiência”, no corpo lingüístico das Representações Sociais sobre o idoso nos três grupos. Florianópolis, 1997



Segmentos de Conteúdo

- *Pessoas idosas com experiência são um patrimônio da humanidade.*
- *É uma pessoa madura, com muita experiência.*
- *O idoso representa para mim a experiência.*
- *O idoso é a pessoa que tem muita flexibilidade nos seus pontos de vista.*
- *É uma pessoa que não tem certeza absoluta da verdade.*
- *É uma pessoa que tem muito conhecimento da vida.*

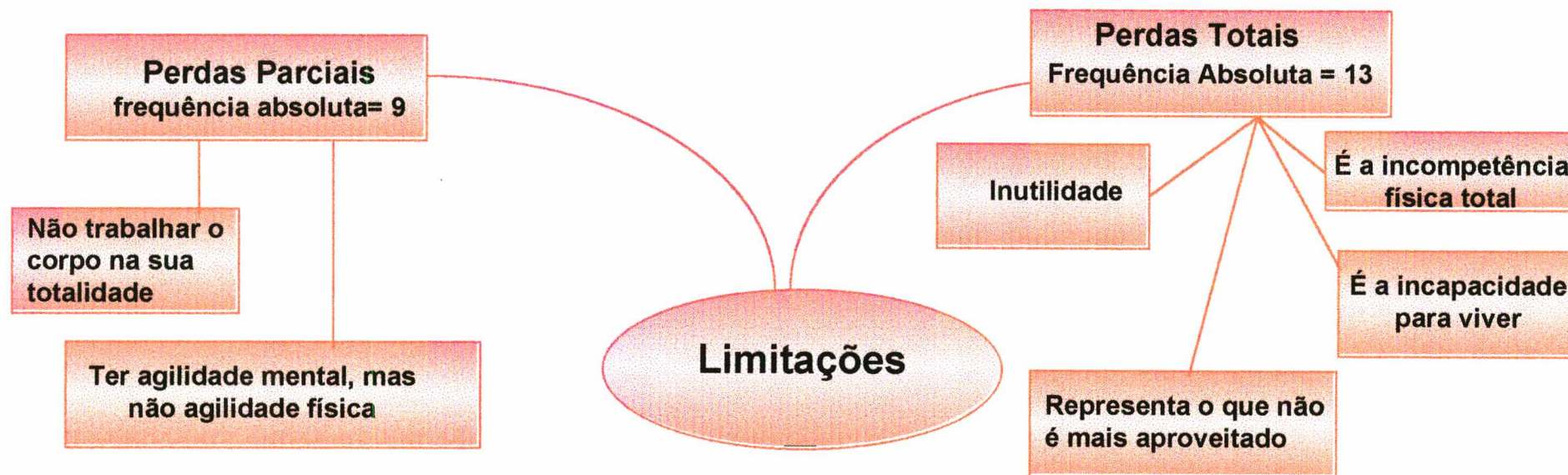
Diagrama 3 - Redes de Significações associadas à palavra “velhice”, no corpo lingüístico das Representações Sociais sobre a velhice nos três grupos. Florianópolis, 1997



Segmentos de Conteúdo

- *Quando se chega a certa idade, aí está o fim da vida.*
- *A velhice significa o cansaço da vida e por isso a morte é seu descanso.*
- *A velhice para mim representa uma paralisia progressiva do corpo.*
- *A velhice é a perda do amor pela vida.*
- *A velhice é a proximidade da morte.*
- *Acreditar em Deus ajuda a enfrentar a morte tranquilamente.*
- *É o que está fora de tudo.*

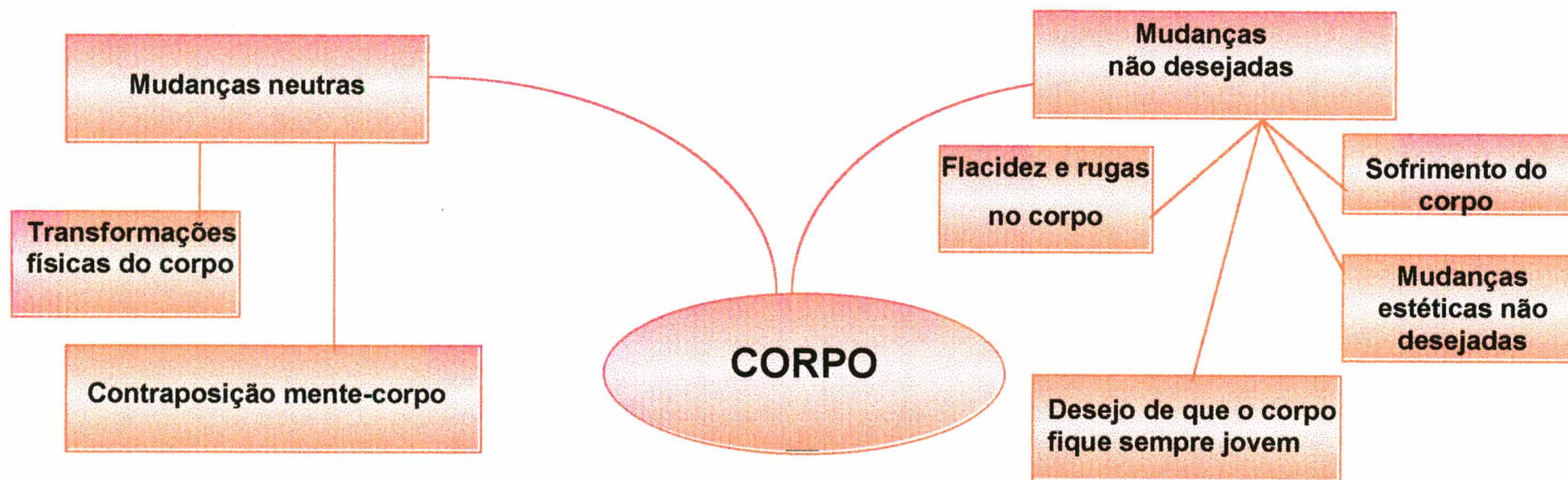
Diagrama 4 - Redes de Significações associadas à palavra “limitações”, no corpo lingüístico das Representações Sociais sobre a velhice nos três grupos. Florianópolis, 1997



Segmentos de Conteúdo:

- *É quando os sonhos estão acontecendo e o corpo não responde mais.*
- *A velhice é para mim a entrega ao tempo, quando se é incapaz de amar e viver.*
- *Eu vejo a velhice uma pessoa muito acabada em todos os sentidos.*
- *A velhice é não trabalhar mais o corpo na sua totalidade.*

Diagrama 5 - Redes de Significações associadas à palavra “corpo”, no corpo lingüístico das Representações Sociais sobre o envelhecimento e da representação do “self” no presente grupo de mulheres. Florianópolis, 1997.

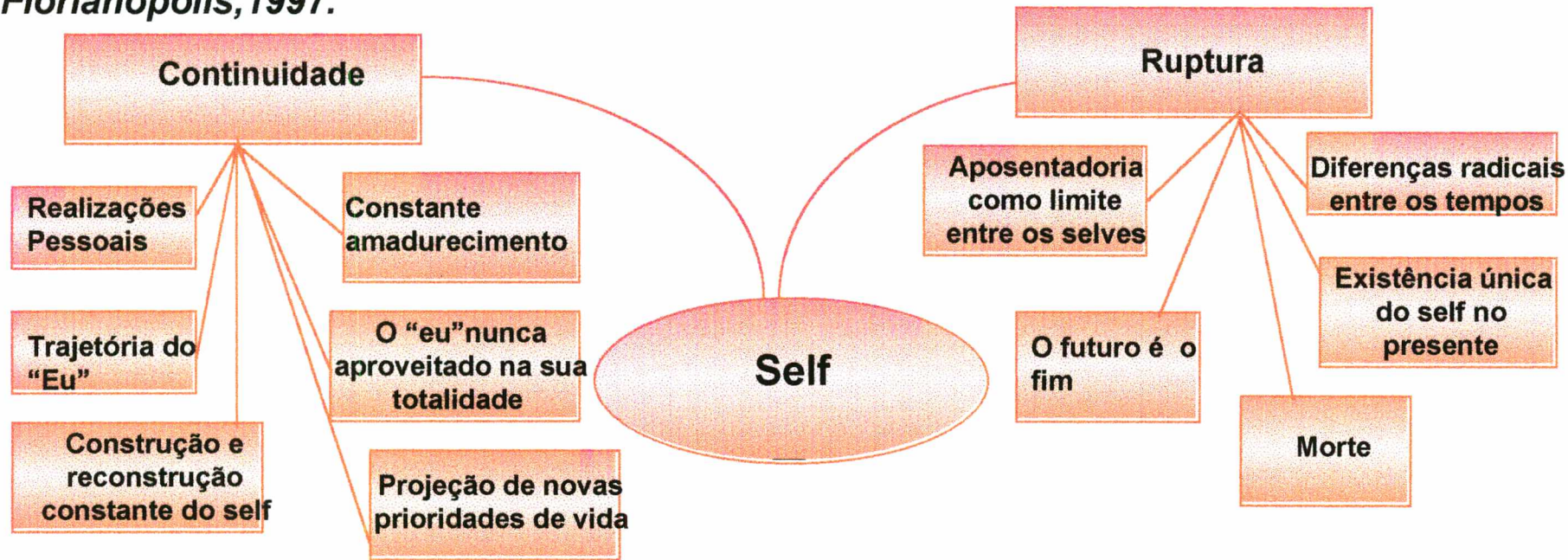


Frequência Absoluta das Representações Sociais do Envelhecimento = 48
Frequência Absoluta das Representações sobre o “self” = 15

Segmentos de Conteúdo:

- *O que eu acho é que o corpo não deveria sofrer tanto assim.*
- *O envelhecimento é quando o corpo começa a ficar flácido e cheio de rugas.*
- *Aquele corpo não obedece àquilo que você queria ser e a imagem que tens é que os sonhos estão acontecendo mas o corpo não obedece.*
- *O corpo na velhice vai ficando horrível.*

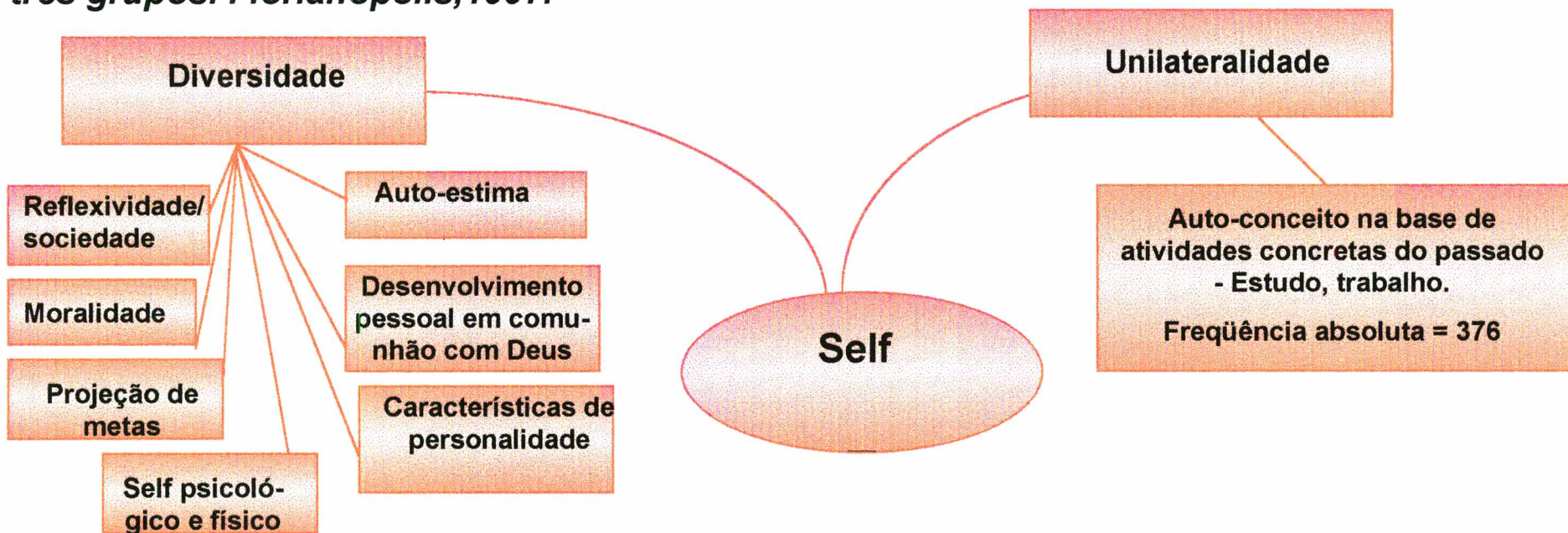
Diagrama 6 - Redes de Significações associadas às palavras “continuidade-ruptura”, nas Representações sobre o o “self” no passado, presente futuro nos três grupos. Florianópolis, 1997.



Segmentos de Conteúdo

- *Contínuo e continuarei sendo um pouco do que sempre fui.*
- *Eu agora sou uma projeção do que eu era no passado.*
- *Só agradecer a Deus o curso da minha vida no futuro.*
- *Eu não posso ser diferente de mim. Eu quero continuar essa trajetória de vida.*
- *Eu já estou pronta até a hora da morte chegar para mim.*
- *No futuro eu serei meu desfez.*
- *No futuro eu me enxergo diferente. Nunca a gente é igual.*
- *Eu me sinto diferente depois da aposentadoria. É algo difícil de explicar.*
- *Estou passando por uma crise depois que me aposentei.*
-

Diagrama 7 - Redes de Significações associadas às palavras “diversidade-unilateralidade”, nas Representações sobre o o “self” no passado, presente e futuro dos três grupos. Florianópolis,1997.



Segmentos de conteúdo

- *Eu gosto de mim, sempre gostei de mim.*
- *Eu sinto bem minha vida com a minha consciência. Ela é um livro aberto.*
- *Eu sempre era dedicada a meu marido.*
- *O que sempre me caracterizou foi a sinceridade e o respeito.*
- *Eu no futuro não vou perder o ritmo e largar tudo na vida.*
- *Tenho que continuar no futuro com as antenas ligadas, ler mais.*
- *Agora eu tenho uma imagem de ser uma pessoa mais “light”.*
- *Tenho para o futuro muitos planos e anseios.*
- *Naquela época eu trabalhava, hoje é o tempo do ócio.*
- *Naquele época eu estava estudando. Estudava muito. O tempo todo.*
- *Eu me vejo naquela época absolutamente dedicada à minha família.*

A temática do envelhecimento como anormalidade esteve associada com aqueles argumentos que se concentram fora das normas tradicionais do envelhecimento humano.

Sabe-se, por exemplo, que o desenvolvimento sempre tem sido normatizado a partir da aquisição de capacidades e de habilidades. Daí que essa temática da anormalidade signifique o contrário: é dizer que representa as perdas e as incapacidades. É interessante observar que ao redor da anormalidade se associam elementos, tais como: perdas nas capacidades físicas; perdas na agilidade mental; as mudanças não desejadas, aquilo que é avaliado como desagradável, as limitações. Para maior clareza na exemplificação dessas redes aparecem, no diagrama, segmentos textuais dos corpos lingüísticos das entrevistas que ilustram as interpretações contidas nas temáticas das redes.

No diagrama 2 (p.82) verificam-se as temáticas e as categorias associadas à palavra “experiência”. No gráfico 2 observou-se que a experiência é um dos significados que os entrevistados relacionam com a palavra “ganhos” nas representações sociais sobre o idoso (78 vezes) e sobre o *self* no presente (19 vezes). Neste diagrama são mostradas as temáticas e as categorias que surgiram das representações sociais sobre o idoso. Observa-se que as categorias sabedoria, amplo conhecimento relativo a fatos da vida, e amplo conhecimento sobre si mesmo foram unificadas na temática “conhecimento e experiência”. Uma outra temática unificou outros elementos da experiência na forma de “operações de pensamento”. As categorias interpretativas dessa temática estão ao redor da flexibilidade mental, a capacidade de raciocínio e a incerteza. Essa última, em relação á relatividade dos conhecimentos na vida, ou seja, o reconhecimento de que nunca é possível saber tudo acerca dos fatos da vida. A representação do idoso na base da experiência constituiu um argumento que esteve presente na totalidade dos entrevistados. No diagrama são apresentados alguns segmentos de conteúdos dos textos das entrevistas que exemplificam as categorias e as temáticas contidas na rede.

A representação e interpretação da velhice em termos de continuidade de vida ou de ruptura de vida teve um conjunto de categorias bastante rico. O diagrama 3 (p. 83) mostra ditas temáticas “continuidade e ruptura” que surgiram após a análise das frases lingüísticas de cada um dos sujeitos. Esse diagrama está associado com o gráfico 3, que apresentou as freqüências absolutas de significados associados à palavra “processo” na representação social do envelhecimento. Em torno da velhice, como “continuidade de vida” (13 vezes), emergem categorias como cansaço progressivo da vida; perda natural do amor pela vida e proximidade natural à morte. Essas interpretações foram relevantes no grupo acima de 75 anos que pertencem fundamentalmente aos idosos do Centro Vivencial para Idosos. Uma interpretação freqüentemente encontrada nas interpretações da velhice desse grupo de pessoas esteve relacionada com as crenças religiosas como suporte no enfrentamento da morte.

Diferente disso, os sujeitos entre 52 e 74 anos (professores aposentados da UFSC e alguns dos sujeitos que participam do programa do NETI) representam com maior freqüência a velhice sob o prisma da ruptura (35 vezes). As interpretações aqui foram unificadas em torno às seguintes categorias: velhice como aquilo que está fora de tudo; velhice como o fim da vida; velhice como uma paralisia; velhice como o descontrole frente à proximidade da morte, e a velhice como o descanso final. Observa-se que muitas dessas interpretações traduzem conteúdos emocionais negativos e interpretações sobre a velhice como uma fase da vida que estabelece uma fronteira ou um limite entre as outras etapas anteriormente experienciadas e a velhice propriamente dita. Os exemplos de segmentos de textos das entrevistas podem ajudar na ilustração das temáticas.

No diagrama 4 (p. 84) são observadas as categorias e temáticas associadas à palavra “limitações”. A freqüência com que essa palavra apareceu nos discursos dos sujeitos entrevistados foi de 22 vezes (segundo o que foi mostrado no gráfico 1 em relação aos significados associados à palavra “perdas” nas representações sociais

sobre o envelhecimento e a velhice). Este diagrama 4 expõe duas temáticas que unificam os conteúdos com que as limitações são interpretadas na velhice. Verifica-se que a interpretação da velhice em função de limitações e perdas parciais caracteriza-se pela atribuição de categorias tais como: “não trabalhar o corpo na sua totalidade”; “ter agilidade mental, mas não a agilidade física” (9 vezes). Esses tipos de interpretações foram predominantes nos sujeitos maiores de 61 anos que pertencem ao NETI e em alguns idosos do Centro Vivencial. Entretanto, a interpretação da velhice em termos de “perdas totais” é característica dos entrevistados mais jovens, ou seja, aqueles que estão na faixa etária de 52 até 60 anos dos sujeitos professores da UFSC, recentemente aposentados (desta vez a frequência é superior a treze vezes).

O diagrama 5 (p. 85) mostra as Redes de Significações associadas à palavra “corpo”, tanto nas representações sociais sobre o envelhecimento, quanto nas representações sobre o *self* no tempo presente dos participantes do sexo feminino. No gráfico 1 foram apresentadas as frequências absolutas com que aparece a palavra nessas duas formas de representações (48 vezes para as representações sociais do envelhecimento e 15 para as representações do *self*). O diagrama que se descreve aqui mostra duas temáticas polarizadas. Uma delas contém uma interpretação emocionalmente neutra no momento de avaliar as mudanças corporais associadas ao envelhecimento com categorias em torno às “transformações físicas do corpo” e a “contraposição mente-corpo”. Essa última, segundo mostram os segmentos de conteúdo, refere-se às dificuldades da capacidade corporal para acompanhar as vontades e motivações, ou seja, tudo aquilo que está relacionado com o componente afetivo ou espiritual.

Em relação à temática “mudanças não desejadas” observam-se, nesse diagrama-5, determinadas categorias que refletem um conteúdo emocional, geralmente negativo e não desejado. Por exemplo, “flacidez e rugas no corpo”; “o sofrimento do corpo”; “mudanças estéticas não desejadas” e “desejo de que o corpo se

mantenha sempre jovem”. Essas últimas categorias em relação à interpretação das mudanças do corpo, tanto nas representações sociais do envelhecimento quanto nas próprias representações do *self* no presente, verificaram-se fundamentalmente nas mulheres de menor idade, ou seja, as que estão na faixa etária de 52 até 60 anos (dentre elas, as mulheres do NETI e as mulheres professoras da UFSC). Somente uma idosa maior de 75 anos referiu-se ao corpo dessa forma.

As Redes de Significações apresentadas no diagrama 6 (.p 86) mostram as temáticas envolvidas na interpretação do *self* nos três tempos pesquisados (passado, presente e futuro). A atribuição ao *self* das temáticas “continuidade” e “ruptura” tem a ver com as representações que eles fazem de si mesmos ao longo desses tempos, ou seja, se a interpretação está baseada em diferenças radicais entre um e outro momento; se existem fatos marcantes que contribuem com uma visão de ruptura no momento da avaliação em cada tempo, ou se a passagem de uma à outra forma de representar seu próprio *self* é interpretada como um contínuo. Vê-se que quando o *self* é representado em termos de continuidade, as categorias associadas são: “o *self* nunca aproveitado na sua totalidade”; “constante construção e reconstrução do *self*”; “amadurecimento constante”, entre outras. De outra forma, quando ao *self* são atribuídos elementos de ruptura, associam-se várias categorias que anunciam a presença de fatos que estão contribuindo com essa visão de ruptura entre um e outro tempo. Por exemplo: aposentadoria como limite entre os *selves*; a morte; diferenças radicais entre os três tempos da representação, entre outras. É interessante aqui voltar ao gráfico 5 onde aparece, por exemplo, a frequência absoluta da palavra “aposentadoria”-51 vezes na totalidade de ambas formas representacionais.

As interpretações a favor dos elementos de ruptura foram mais representativas dos sujeitos ex-professores da UFSC cujas idades oscilavam entre os 52 e 60 anos. É interessante destacar que a temática “continuidade”, além de caracterizar um dos conteúdos das representações das pessoas maiores de 61 anos (sujeitos que participam do programa do NETI e sujeitos do Centro Vivencial para Idosos) ,

também esteve presente nas interpretações de dois sujeitos entre 52 e 60 anos do grupo de ex-professores da UFSC.

Por último, no diagrama 7 (p. 87) se apresentam as temáticas “unilateralidade” e “diversidade”, na interpretação do *self* no passado, no presente e no futuro. Os segmentos de conteúdo mostram como a representação do *self* pode ser estruturalmente multifacetada a partir da diversidade através de diversos elementos (seja a partir de características de personalidade, de elementos físicos, de atividades concretas, da auto-estima, a partir de elementos da moralidade, seja a partir de uma auto-reflexividade acerca de seu próprio *self* em função de como ele muda e se mantém acompanhando as transformações sociais do tempo moderno). Entretanto, a temática “unilateralidade” reflete uma interpretação estrutural do *self* baseada somente na realização concreta de algumas atividades (sobretudo a interpretação do *self* no passado e no futuro na base daquilo que estavam fazendo). As categorias de cada uma dessas temáticas aparecem ilustradas nitidamente nos segmentos de conteúdo extraídos dos discursos das entrevistas (segundo se observa no diagrama 6). Todas essas formas de interpretação caracterizam na sua totalidade os três grupos, porém existiu uma predominância da representação do *self* em função de elementos de moralidade no grupo de sujeitos de maior idade (acima de 75 anos), fundamentalmente no sexo feminino. Também se verificou uma alta frequência da representação do *self* em função de elementos de auto-reflexividade no grupo de professores aposentados da UFSC.

A seguir apresentar-se-á a penúltima parte dos resultados obtidos na pesquisa. Esses resultados abrangem a análise estatística efetuada, que utiliza o Teste χ^2 , o Coeficiente de Associação Phi e a Probabilidade Exata de Fisher, para determinar as associações mais significativas entre as categorias. Embora no capítulo da metodologia tenha sido explicada a forma como se procedeu para a realização desta análise estatística, relembremos aqui alguns dos passos que foram seguidos para a definição das variáveis processadas. Após a criação das Redes de Significação

associadas às palavras, segundo o que foi apresentado nos parágrafos anteriores, foram extraídas as principais categorias e temáticas que, dessa vez, seriam definidas como as variáveis do processamento estatístico. As mesmas foram dicotomizadas em função da sua presença ou ausência nos corpos lingüísticos dos entrevistados. Para proceder com essa identificação das variáveis nos discursos dos sujeitos, novamente as entrevistas foram lidas várias vezes. As categorias que foram analisadas estatisticamente são as seguintes:

◆ Categorias relacionadas com as representações sobre o envelhecimento e a velhice: - “representações sociais do envelhecimento como normalidade ou como anormalidade”; - “interpretação das perdas no envelhecimento como parciais ou como totais”; - “representações das limitações no envelhecimento como limitações parciais ou totais”; - “representações sociais da velhice como uma continuidade da vida ou como uma ruptura de vida”; - “manifestações de negativismo no momento de se referir à temática do envelhecimento” e - “referência às questões do corpo nas representações sociais do envelhecimento e da velhice”.

◆ Categorias relacionadas com as representações do *self*: - “representações diversificadas ou não diversificadas do *self*”; - “representação do *self* nos três tempos como se fosse um contínuo de vida ou o *self* interpretado na base da ruptura entre o passado, o presente e o futuro” e “reflexividade ou não reflexibilidade sobre o *self*”.

◆ Variáveis gerais que incluem a idade: o grupo foi dividido em três faixas etárias (52-60 anos / 61-74 anos / acima de 75 anos); sexo; escolaridade (primeiro grau/ segundo grau / universitário) e o tempo de aposentadoria (aposentados entre 2 e 5 anos / aposentados acima de 5 anos e donas de casa que nunca trabalharam).

Na continuação apresentamos o quadro 1, onde aparecem os coeficientes de associação entre as variáveis gerais e as variáveis referidas às representações.

Categorias	Idade				Sexo			Escolaridade				Tempo de aposentadoria					
	χ^2	gl	Fisher	Sig.	χ^2	gl	Fisher	Sig.	χ^2	gl	Fisher	Sig.	χ^2	gl	Fisher	Sig.	
Envelhecimento-processo normal	—	2		NS			0.49	NS				0.34	NS			0.65	NS
Envelhecimento como perdas (totais ou parciais)	0.83	2		NS			0.41	NS	0.23	2		NS			0.03	2	NS
Envelhecimento como limitações (totais ou parciais)	0.83	2		NS			0.41	NS	0.23	2		NS			0.03	2	NS
Velhice como continuidade da vida	0.62	1*		NS	0.12	1		NS	0.07	2		NS			0.07	2	NS
Negação da temática	2.22	1*		NS			0.29	NS	0.02	2		NS			3.51	2	NS
A questão corporal na representação da velhice	0.58	1*		NS			0.20	NS	0.87	2		NS			0.47	2*	* NS
Self diversificado	0.09	1*		NS			0.50	NS	2.05	2		NS			2.74	1**	NS
O Self num processo de continuidade	2.92	2		NS			0.41	NS	1.27	2		NS			1.13	2	NS
Reflexividade sobre si mesmo.	0.09	1*		NS			0.5	NS	2.05	2		NS			2.74	1**	NS

Legenda

* gl= 1 pelo critério de agregação da variável idade: um grupo entre 51 e 60 anos e outro grupo dos sujeitos maiores de 60 anos.

**gl=1 pelo critério de agregação da variável aposentadoria: um grupo com menos de 5 anos e outro que agrupa as pessoas com mais de 5 anos de aposentadoria e mulheres donas de casa.

Observa-se no quadro 1 que todos os coeficientes encontrados foram estatisticamente não significativos. Os resultados obtidos nesse quadro terão uma relevância para a análise dos coeficientes phi do próximo quadro no sentido de permitirem inferir o seguinte: nas situações em que as diferentes sub-amostras de

sujeitos tenham um tamanho aceitável e um grau de associação relevante, essas variáveis gerais nessas sub-amostras deverão comportar-se com as mesmas características com que elas se comportam na amostra em geral. Entretanto, nos casos atípicos discordantes com essas situações de associação geral, proceder-se-á à análise qualitativa para discutir a influência que têm essas variáveis na explicação dos coeficientes de associação, ou seja, para analisar qualitativamente por que esses casos atípicos não se comportaram de modo semelhante ao comportamento geral dos trinta e sete sujeitos.

No quadro 1 se observa também que existem quatro categorias cujos coeficientes de associação entre elas foram iguais. De uma parte estão: “interpretação das perdas no envelhecimento como parciais ou como totais”; e as “representações das limitações no envelhecimento como limitações parciais ou totais”. De outra, “as representações diversificadas ou não diversificadas do *self* e “a reflexividade ou não reflexividade sobre o *self*”. As concordâncias obtidas nos coeficientes dessas associações permitem inferir que ao parecer essas categorias avaliaram os mesmos tipos de conteúdos representacionais. No quadro 2 poder-se-á verificar que os coeficientes de associação entre elas foram igual a 1. Por essa razão, nas análises posteriores somente apresentaremos uma das duas formas. No caso das categorias das representações sobre o envelhecimento proceder-se-á ao trabalho com aquela que diz a respeito à “interpretação das perdas no envelhecimento como parciais ou como totais” e nas categorias relacionadas com as representações sobre o *self* somente será utilizada a relacionada com “as representações diversificadas ou não diversificadas do *self*”.

O quadro 2 mostra os coeficientes da associação entre todas as categorias que foram definidas. Em relação à associação entre a categoria “envelhecimento como normalidade” e “envelhecimento como perdas totais ou parciais”, observa-se um coeficiente phi de associação de 0.83. Isso indica que existe uma relação direta entre as duas categorias, ou seja, na medida em que o envelhecimento é interpretado

como um processo normal, as perdas resultantes desse envelhecimento são interpretadas como perdas parciais e, ao invés, quando o envelhecimento é representado como um processo anormal as perdas associadas a ele são interpretadas como perdas totais (para melhor compreensão do significado das perdas remetemos o leitor ao diagrama 4, apresentado em páginas anteriores). Destacamos que nessa associação direta encontrada, a variável geral “idade” explica um resultado interessante. Os sujeitos entre 52 e 60 anos representaram com maior frequência o envelhecimento como um processo anormal associado a perdas totais. Da totalidade dos entrevistados nessa faixa etária, 58.3% coincidiu com esse tipo de representação a respeito do envelhecimento, entretanto 25% estão entre 61 e 74 anos e 16.7% acima de 75 anos. Isso demonstra que na medida em que a idade diminui, aumenta a probabilidade de que o envelhecimento seja interpretado na base dessa relação entre anormalidade e totalidade das perdas. As restantes variáveis gerais apresentam um comportamento semelhante ao obtido na totalidade da amostra.

sociais do idoso, da velhice e do envelhecimento e as referidas as representações sobre o *self* nos três grupos de sujeitos . Florianópolis, 1997.

Categoria	Envelhecimento como processo normal	Envelhecimento como perdas totais ou parciais	Envelhecimento como limitações totais ou parciais	Velhice como continuidade da vida	Negação da temática	A questão corporal na representação da velhice	<i>Self</i> diversificado	O <i>self</i> num processo de continuidade	Reflexividade sobre si mesmo
Coefficiente									
Envelhecimento como processo normal	—	0.83**	0.83**	0.73**	0.41*	-0.53**	0.38*	NS	0.38*
Envelhecimento como perdas totais ou parciais	—	—	1**	0.80**	0.44**	NS	0.34*	0.32*	0.34*
Envelhecimento como limitações totais ou parciais	—	—	—	0.80*	0.44**	NS	0.34*	0.32*	0.34*
Velhice como continuidade da vida	—	—	—	—	0.33*	NS	0.38*	NS	0.38*
Negação da temática	—	—	—	—	—	NS	NS	NS	NS
A questão corporal na representação da velhice	—	—	—	—	—	—	NS	NS	NS
<i>Self</i> diversificado	—	—	—	—	—	—	—	NS	1**
O <i>self</i> num processo de continuidade	—	—	—	—	—	—	—	—	NS
Reflexividade sobre si mesmo	—	—	—	—	—	—	—	—	—

Legenda:

*=Nível de significação estatística ao 95%.

**=Nível de significação estatística ao 99.9%.

NS= Coeficiente Phi estatisticamente não significativo.

Observa-se que da associação entre as categorias “envelhecimento como processo normal” e “envelhecimento como limitações totais ou parciais” se obteve um coeficiente phi igual ao anterior (0.83) mas, em correspondência com o que já foi explicado, essa última categoria e a categoria referida às perdas avaliam o mesmo conteúdo representacional, pelo que não será comentada aqui.

Em relação à associação entre a categoria “envelhecimento como normalidade” e “velhice como uma continuidade de vida” observa-se que o coeficiente phi obtido é de 0.73. A relação entre as categorias é também direta porém, à associação anteriormente comentada, na qual o grupo de pessoas entre 52 e 60 anos apresentou um discreto aumento para se representar o envelhecimento como um processo anormal associado à interpretação da velhice em termos de ruptura de vida. Novamente aqui a idade é uma variável que explica uma porcentagem dessa variabilidade.

O coeficiente phi de 0.41 indica a associação existente entre as categorias “envelhecimento como normalidade” e “manifestações de negativismo no momento de se referir à temática do envelhecimento”. Novamente aqui, o sentido da associação é direto, ou seja, os sujeitos que interpretam o envelhecimento como um processo normal não explicitam comportamentos de negativismo para se referir à temática e, ao invés, os sujeitos que interpretam o envelhecimento como um processo anormal explicitam comportamentos de negativismo para se referir à temática. Somente 10 pessoas apresentaram um comportamento contrário (referir o envelhecimento como normalidade e comportamentos de negativismo para falar a respeito da temática). A única variável geral que aporta possíveis resultados para serem interpretados é o sexo, já que todos esses casos pertencem são mulheres.

A associação entre “envelhecimento como normalidade” e “referência às questões do corpo nas representações do envelhecimento e da velhice”, mostra um coeficiente phi = - 0.53. Nesse caso a associação é inversa, ou seja, 28 sujeitos referem-se ao envelhecimento como normalidade sem fazer referência às questões

do corpo nos elementos representacionais ou, ao invés, quando representam o envelhecimento como anormalidade fazem referências às questões do corpo. Somente nove entrevistados apresentam uma associação diferente da geral, interpretando o envelhecimento como normalidade e fazendo referências às questões do corpo. Nesse caso todos os indivíduos são do sexo masculino. Infere-se, pois, que o sexo pode explicar uma parte da variabilidade desse resultado, contrário da maioria da amostra.

O coeficiente phi (0.38) resultante da associação entre “envelhecimento como normalidade” e “diversificação sobre o *self*” representa uma relação direta entre as duas, ou seja, predomina uma interpretação do envelhecimento como normalidade associado com diversas referências no momento de representar o *self* e o contrário. Somente 11 pessoas (anexo 2) apresentam a associação inversa: normalidade do envelhecimento e não diversificação na representação do *self*, Nessa situação, as variáveis gerais não tiveram um peso na explicação do resultado.

Não foi encontrada uma associação estatisticamente significativa entre “envelhecimento como normalidade” e “representação do *self* nos três tempos como se fosse um contínuo de vida ou o *self* interpretado na base da ruptura entre o passado, o presente e o futuro”.

Por último, em relação ao coeficiente phi= 0.38 a respeito da reflexividade sobre o *self*, verifica-se que o coeficiente phi obtido coincide com o coeficiente da diversidade do *self*. Como foi explicado no início da descrição estatística dos dados, isso deve-se ao fato de que ambos estão medindo os mesmos conteúdos representacionais.

O coeficiente phi de 0.80 representa as associações entre “interpretação das perdas no envelhecimento como parciais ou como totais” e a categoria “velhice como continuidade de vida” O mesmo indica que a relação é direta, é dizer sempre que as perdas são interpretadas como parciais, a velhice é avaliada como uma continuidade de vida e, ao invés, quando as perdas são representadas como totais a

velhice é avaliada como ruptura de vida. Não existem casos que se comportem contrários a essa regularidade, o que foi estatisticamente significativo ao 99.9%.

O coeficiente $\phi=0.44$ mostra a associação entre “perdas no envelhecimento” e “manifestações de negativismo no momento de se referir à temática do envelhecimento”. A relação aqui é direta também, ou seja, a maior parte do grupo pode representar as perdas no envelhecimento como parciais, enquanto não manifestam elementos de negativismo para se referir à temática, ou representam as perdas no envelhecimento como totais, enquanto manifestam elementos de negativismo para se referir à temática.

Em relação ao coeficiente ϕ resultante da associação entre “envelhecimento como perdas” e “diversidade na representação sobre o *self*” observa-se que o mesmo foi de 0.34. Novamente, aqui, a relação é direta, é dizer, na medida em que as perdas no envelhecimento são interpretadas como parciais, existe maior diversidade na representação sobre o *self* e, ao invés, quando as perdas no envelhecimento são interpretadas como totais, não existe diversidade estrutural nas representações sobre o *self*. O resultado mais relevante aqui diz respeito às variáveis idade e escolaridade. Os sujeitos da faixa etária de 52 até 60 anos em nível universitário apresentam com maior frequência esses tipos de interpretações ao se referirem ao *self*.

Por último, em relação ao coeficiente ϕ de 0.32, resultante da associação entre “envelhecimento como perdas” e “representação do *self* nos três tempos como se fosse um contínuo de vida ou o *self* interpretado na base da ruptura entre o passado, o presente e o futuro”, verifica-se também uma relação direta, ou seja, existe uma tendência para que a maioria do grupo interprete as perdas no envelhecimento como parciais, ao mesmo tempo que representa seus *selves* através de um contínuo ao longo dos tempos pesquisados (passado, presente e futuro), ou de forma contrária, existe uma tendência para que a maioria do grupo interprete as perdas no envelhecimento como totais, ao mesmo tempo que representa seu próprio *self* a

partir de rupturas entre um e outro tempo (passado, presente e futuro). Somente sete sujeitos apresentam uma associação diferente da associação geral do grupo. Nesse caso são pessoas que têm idades entre 52 e 60 anos.

Os coeficientes phi referentes à categoria “envelhecimento como limitações” coincidem com os coeficientes obtidos na categoria “envelhecimento como perdas”, destacando que entre elas o coeficiente phi é 1, pelo que carece de sentido repetir a descrição anteriormente feita.

O coeficiente obtido entre a categoria “velhice como continuidade de vida” e a categoria “manifestações de negativismo no momento de se referir à temática do envelhecimento” apresenta um coeficiente phi de 0.33, o que indica a existência de uma relação direta, ou seja, a maior parte dos entrevistados que interpreta a velhice como uma continuidade de vida não manifesta comportamentos de negativismo no momento de falar a respeito da temática ou, de forma contrária, interpretam a velhice como uma ruptura de vida na medida em que manifestam comportamentos de negativismo no momento de falar a respeito da temática. Somente seis entrevistados interpretaram de forma diferente essa associação e também coincidiu com que eram sujeitos entre 52 e 60 anos aposentados entre 2 e 5 anos (grupo de professores da UFSC).

Em relação à associação entre “representações da velhice como uma continuidade da vida ou como uma ruptura de vida” e “representações diversificadas ou não diversificadas do *self*”, o coeficiente phi obtido foi de 0.38, o que indica uma relação direta entre ambas, quer dizer, a velhice é representada como uma continuidade de vida, da mesma forma que a avaliação que sobre o *self* eles fazem é mais diversificada e, ao invés, na medida que a velhice é representada como uma ruptura da vida, a avaliação que sobre o *self* eles fazem é menos diversificada.

Observa-se que dos coeficientes phi obtidos entre a categoria “manifestações de negativismo no momento de se referir à temática do envelhecimento” e as categorias: “referência às questões do corpo nas representações sociais do

envelhecimento e da velhice e aquelas referidas ao *self* as associações obtidas foram estatisticamente não significativas.

Nos coeficientes phi resultantes da associação entre a categoria “referência à questão corporal na representação do envelhecimento e da velhice” e as restantes categorias, verifica-se que somente resultou estatisticamente significativo o coeficiente phi da associação com a categoria “envelhecimento como normalidade”.

Com relação aos coeficientes phi das associações entre “representações diversificadas ou não diversificadas do *self*” e “o *self* num processo de continuidade” observa-se que não foi obtida uma associação estatisticamente significativa entre elas. Note-se como dado relevante, embora já foi exposto com anterioridade, que o coeficiente phi da última grade é 1, ou seja, verificou-se uma vez mais que parece ser que as categorias relacionadas com a diversidade da representação do *self* e a reflexividade expressam os mesmos conteúdos.

A seguir serão apresentados os principais conteúdos presentes nas representações sociais sobre o idoso, o envelhecimento, a velhice e as representações sobre o *self* dos três grupos de sujeitos entrevistados.

Grupo de sujeitos ex-professores da UFSC.

Conteúdos das representações sociais sobre o idoso:

- O idoso como pessoa que representa tanto ganhos quanto perdas: as perdas, em relação a: o idoso como problema para a família, como pessoa portadora de doenças, problemas de saúde e incapacidades. Os ganhos, em relação aos conhecimentos adquiridos ao longo da vida, à experiência, à sabedoria, etc.

- O idoso como pessoa que representa o ócio, a inatividade.

- O idoso como pessoa que representa o começo de limitações físicas.

- O idoso representando a perda do ritmo de trabalho e a perda do ritmo de atividades.

- O idoso representando o cansaço da vida.

Conteúdos das representações sociais sobre o envelhecimento:

- O envelhecimento como processo de perdas e de limitações totais físicas e psíquicas.

- O envelhecimento como o fim da vida.

- O envelhecimento como uma etapa de ruptura do processo ativo da vida.

- O envelhecimento representado a partir da chegada da aposentadoria.

- O envelhecimento representando a proximidade da morte e o descontrole frente à dita proximidade da morte.

- O envelhecimento como processo natural (esse conteúdo apareceu com menor frequência em comparação com os conteúdos em relação às perdas).

Conteúdos das representações sociais sobre a velhice:

- A velhice representada a partir da aposentadoria.

- A velhice como estado anormal associado somente a perdas e limitações totais.

- A velhice associada a mudanças corporais não desejadas (sobretudo nas representações dos sujeitos do sexo feminino).

- A velhice associada a mudanças corporais estéticas não desejadas, feias e desagradáveis (sobretudo nas representações dos sujeitos do sexo feminino).

Conteúdos das representações sobre o *self* no passado:

- Auto-avaliação do *self* em função de atividades concretas que eram executadas naquela época. Por exemplo, a constituição do matrimônio, a constituição da família, o trabalho, o estudo, etc.

- O *self* do passado explicado a partir da conquista de metas pessoais no curso de vida.

- O *self* representado através de características de personalidade. Por exemplo, maior perfeccionismo, maior rigidez, etc.

Conteúdos das representações sobre o *self* no presente:

- O *self* representado a partir de indicadores de obrigações sociais. Por exemplo, realização de atividades sem compromissos de horários.

- O *self* físico associado com a condição da aposentadoria no presente desses sujeitos.

- Representação do *self* no presente a partir de elementos de ruptura em relação ao passado. Predominam os conteúdos associados à aposentadoria, à proximidade da morte, etc.

- O *self* representado através de características de personalidade. Por exemplo, menor perfeccionismo, menor rigidez, menor teimosia, maior controle pessoal etc.

- O *self* representado em constante amadurecimento, construção e reconstrução.

- O *self* representado a partir de elementos de constante reflexividade e aperfeiçoamento para acompanhar as mudanças do século.

Conteúdos da representação do *self* no futuro:

- Representando o *self* físico no futuro, a partir de pessoas que provavelmente vão padecer algum tipo de doença e em consequência serão um problema para a família.

- O *self* físico representado a partir da inatividade.

- O *self* físico representado, no futuro, como o fim associado a sentimentos de angústia pela proximidade e chegada da morte.

- O *self* representado através de características de personalidade. Por exemplo, ser mais tolerante e conformista, etc.

- O *self* do futuro representado a partir da conquista de metas pessoais e projetos no curso de vida. Por exemplo, se dedicar mais à família, fazer tudo o que não pode fazer ainda, continuar com o mesmo nível de atividade, etc.

Grupo de sujeitos que participam do programa do NETI:

Conteúdos das representações sociais sobre o idoso:

- O idoso como pessoa que representa tanto ganhos quanto perdas: as perdas em relação aos seguintes elementos: o idoso como problema para a família, como pessoa portador de doenças, de problemas de saúde e de incapacidades. Os ganhos em relação aos conhecimentos adquiridos ao longo da vida, a experiência, a sabedoria, etc.

- O idoso como pessoa que representa toda uma vida de trabalho.

- O idoso como pessoa que sempre está em crescimento e desenvolvimento espiritual constantes.

Conteúdos das representações sociais do envelhecimento:

- O envelhecimento como processo de perdas e de limitações físicas e psíquicas parciais. Por exemplo, representar ao idoso como uma pessoa que ainda tem que trabalhar muito mais sua memória, seu corpo, etc.

- O envelhecimento como um processo natural e normal da vida.

- O envelhecimento representado como processo de perdas e de limitações físicas e psíquicas totais, no sentido das perdas nas capacidades funcionais.

- O envelhecimento representado a partir das mudanças corporais não desejadas (sobretudo nas representações dos sujeitos do sexo feminino).

Conteúdos das representações sociais sobre a velhice:

- A velhice representada como o fim da vida.

- A velhice como estado anormal de ruptura associado a perdas e limitações parciais.

- A velhice como estado desejado, preferível à morte precoce.

Conteúdos das representações sobre o *self* no passado:

- Auto-avaliação do *self* em função de atividades concretas que eram executadas naquela época. Por exemplo, a constituição do matrimônio, a constituição da família, o começo da vida no trabalho, o estudo, etc.

- O *self* do passado explicado a partir da conquista de metas pessoais no curso de vida.

- O *self* representado através de características de personalidade. Por exemplo, maior perfeccionismo, maior rigidez, etc.

Conteúdos das representações sobre o *self* no presente:

- O *self* físico representado a partir de mudanças corporais e estéticas não desejadas (conteúdos presentes nas representações dos sujeitos do sexo feminino).

- Representação do *self* no presente a partir de elementos de continuidade em relação ao passado.

- O *self* representado através de características de personalidade. Por exemplo, menor perfeccionismo, menor rigidez, menor teimosia, maior controle pessoal etc.

- O *self* representado em constante amadurecimento, construção e reconstrução.

Conteúdos da representação do *self* no futuro:

- O *self* do futuro representado a partir da conquista de metas pessoais e projetos no curso de vida. Por exemplo, se dedicar mais à família, fazer tudo o que não pôde fazer ainda, continuar com o mesmo nível de atividade, etc.

- Representando o *self* físico no futuro a partir da proximidade da morte, porém enfrentando dita morte com tranquilidade.

- O *self* do futuro representado como uma continuidade do que ele era no passado e no presente.

- Representar o *self* a partir da otimização e da exploração de capacidades.

Grupo de sujeitos institucionalizados no Centro Vivencial para Idosos.

Conteúdos das representações sociais sobre o idoso:

- O idoso como pessoa que representa tanto ganhos quanto perdas: as perdas em relação aos seguintes elementos: o idoso como problema para a família, o idoso como pessoa portador de doenças, de problemas de saúde, de incapacidades. Os ganhos em relação aos conhecimentos adquiridos ao longo da vida, a experiência, sabedoria, etc.

- O idoso como pessoa que representa a experiência da vida.

- O idoso representando um problema para a família

- O idoso representando uma pessoa em isolamento social.

- O idoso representando uma pessoa que necessita o carinho, o apoio e a compreensão das demais pessoas.

Conteúdos das representações sociais sobre o envelhecimento:

- O envelhecimento como processo natural e normal do curso de vida.

- O envelhecimento representado também como um processo anormal, no sentido das perdas e das limitações físicas e psíquicas que acontecem.

- O envelhecimento como a fase da vida das doenças e dos problemas de saúde.

- O envelhecimento como a etapa do sofrimento do corpo pelas doenças associadas a ele.

Conteúdos das representações sociais sobre a velhice:

- A velhice representada como uma fase do curso natural e normal da vida.
- A velhice como uma fase que representa a continuidade da vida.
- A velhice como expressão do cansaço pela vida e, associado com isso, a morte como descanso final, enfrentada com tranqüilidade. A velhice associada com a morte e com religiosidade como apoio no enfrentamento dessa morte.
- A velhice como um estado indesejado pelas doenças que tem associadas a ela.

Conteúdos das representações sobre o *self* no passado:

- Auto-avaliação do *self* em função de atividades concretas que eram executadas naquela época. Por exemplo, a constituição do matrimônio, a constituição da família, o começo da vida no trabalho (essa última de preferência nos sujeitos do sexo masculino)
- O *self* do passado explicado a partir da conquista de metas pessoais no curso de vida.
- O *self* representado através de características de personalidade. Por exemplo, maior introversão, maior retraimento, etc.
- Representação de características morais nos conteúdos do *self*. Por exemplo, normas sociais de comportamento no matrimônio enquanto a fidelidade, sinceridade, etc.

Conteúdos das representações sobre o *self* no presente:

- O *self* representado como mais experiente, com maior sabedoria.
- Representação de características morais nos conteúdos do *self*. Por exemplo, normas sociais de comportamento no matrimônio enquanto a fidelidade, sinceridade, etc.

- O *self* representado através de características de personalidade. Por exemplo, menor perfeccionismo, menor rigidez, menor teimosia, etc.

- Representação do *self* no presente a partir de elementos de continuidade em relação ao passado.

- O *self* representado em constante amadurecimento.

Conteúdos da representação do *self* no futuro:

- Representando o *self* físico no futuro a partir de pessoas que provavelmente serão um problema para a família pela presença de doenças e de incapacidades.

- Representação do *self* no presente a partir de elementos de continuidade em relação ao passado e ao presente.

- O *self* físico representado a partir das vivências do corpo e da mente, esperando tranqüilamente a morte em comunhão com Deus.

- O *self* do futuro representado a partir da conquista de metas pessoais e projetos no curso de vida. Por exemplo, se dedicar mais à família, fazer tudo o que não pôde fazer ainda.

- Projeção futura do *self* em termos de manutenção dos principais traços de personalidade.

5 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.

Com este capítulo temos a intenção de discutir, desde uma perspectiva psicossocial, os resultados obtidos a respeito das representações sociais do envelhecimento em geral e as representações do *self*. Para isso colocaram-se em integração dois referenciais teóricos: o Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido de Baltes (1990) e a Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1981).

No modelo proposto por Baltes (1990) a respeito de um envelhecimento bem sucedido são oferecidas sete pressuposições que, segundo o autor, podem explicar a natureza psicológica dessa fase do desenvolvimento humano. Baltes trabalha o dito modelo desde uma perspectiva de curso de vida que leva em conta fatores psicológicos, culturais, sociais e econômicos, entre outros. Entretanto, ele expõe que as pressuposições antes referidas somente se referem a um ponto de vista psicológico. A respeito disso o próprio autor diz:

“A concepção de envelhecimento bem sucedido necessita ser analisada num contexto amplo. Conseqüentemente nós derivamos um modelo proto-teórico de envelhecimento bem sucedido que, na nossa visão, é consistente com esse amplo contexto. As sete proposições são apresentadas desde o ponto de vista psicológico”(Baltes, 1990, p.7).

Na realidade, cada uma das sete pressuposições do modelo, elencadas no referencial teórico, podem motivar diferentes temas de pesquisa. Como já foi comentado, o estudo atual somente trabalhou sobre as últimas duas pressuposições:

“com o envelhecimento o balanço que o sujeito faz entre os ganhos e as perdas começa a ser menos positivo” e “o *self* como uma poderosa ferramenta de resiliência e de manutenção da integridade no envelhecimento”. As mesmas motivaram a execução deste trabalho numa perspectiva teórica de integração do Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido com a Teoria das Representações Sociais de Moscovici.

Em relação à primeira pressuposição, o autor defende o argumento de que, com o aumento da idade, as pessoas fazem um balanço da velhice muito centrado na questão das perdas e expectativas subjetivas negativas, que em inúmeras ocasiões sustentam crenças estereotipadas desfavoráveis em relação a essa fase do desenvolvimento.

É obvio que essa pressuposição, além de trabalhar com fatores de tipo psicológico, está fortemente comprometida com aspectos da ordem social. Baltes no seu modelo não explicita nenhum referencial teórico que possa servir como ponto de partida para esse tipo de análise. O conhecimento das representações que os grupos têm da realidade do envelhecimento pode oferecer, sem dúvidas, valiosas informações sobre como o indivíduo avalia a velhice em geral e como avalia a si mesmo quando chega a essa etapa da vida.

De outra parte, a segunda pressuposição sustenta-se numa análise que, em princípio, pode ser julgada como mais psico-personológica. Sabe-se, porém, segundo o revisado no referencial teórico, a abordagem do *self* pode ser atingida desde pontos de vista e níveis de análises diferentes; um dos mais interessantes, é justamente o ponto de vista social, tanto em nível macro quanto micro-social.

Baltes (1990) pontua no seu modelo que, embora as pessoas possam avaliar o envelhecimento só desde a perspectiva das perdas, a avaliação e a representação do *self*, em alguns domínios pode se manter protegida de algumas das contingências negativas da velhice. A causa desse fenômeno, segundo ele, deve-se ao fato de que a estrutura do *self* não é unitária, não é invariável e não é estática. Ao contrário, ela

deve mudar, da mesma forma que mudam as exigências do curso de vida. Daí a colocação do autor a respeito do caráter resiliente e protetor do *self*. Esse *self* pode ter, segundo Baltes (1990), uma capacidade substancial de ajuste e auto-perfeioamento que deve propiciar, de fato, uma velhice bem sucedida, independentemente de crenças negativas que possam existir em relação ao envelhecimento.

Nosso intuito de querer trabalhar com a Teoria das Representações Sociais de Moscovici é justamente ampliar o enfoque psicológico do modelo de Baltes, levando-o a uma perspectiva psicossociológica de análise. Devido a isso, os problemas que determinaram nosso estudo são discutidos sob a ótica de um enfoque psicossocial. Dessa maneira e com o propósito de analisar e discutir em nível empírico essas duas pressuposições, trabalhou-se o envelhecimento a partir de um enfoque psicossocial que nos permitisse compreender o fenômeno desde duas óticas representacionais: uma, direcionada às representações sociais da velhice em geral e a outra, sobre as representações do *self* em pessoas consideradas idosas ou muito próximas da velhice.

Existe uma articulação entre as duas formas representacionais. Como aponta Spink (1996), quando fala que ao focalizar qualquer prática discursiva das representações sociais deparamo-nos também com a processualidade das construções dos selves. De fato, o assunto que nos ocupa aqui é o envelhecimento em termos de representação social; da mesma forma, o assunto que nos ocupa são as representações do *self* em pessoas que estão atravessando essa fase da vida. A respeito da possível interrelação entre as duas em função do conceito de identidade social, Davies e Harré apontam:

“Um indivíduo emerge através dos processos de interação social, não como um produto final relativamente fixo, mas como um que é constituído através das várias práticas discursivas das quais participa. Os seres humanos são caracterizados tanto pela identidade pessoal continuada

como pela descontinuidade da diversidade pessoal”(Davies & Harré apud Spink, 1996, p.7).

Diante do exposto anteriormente, podemos inferir que o modelo de Baltes (1990) e a teoria de Moscovici (1981) possibilitam realizar esse estudo sob a base da confluência de conceitos sociológicos e psicológicos estreitamente relacionados.

Para facilitar a discussão dos resultados obtidos, tentar-se-á trabalhar analiticamente da seguinte maneira: primeiro, discutir os conteúdos referidos às representações sociais do envelhecimento, da velhice e do idoso; segundo, discutir as representações referidas ao *self* numa dimensão temporal (em função dos tempos pesquisados) e terceiro, discutir a relação que pode existir entre os conteúdos representacionais de ambos tipos de representações, ou seja, as referidas ao envelhecimento, ao idoso e à velhice, e as representações do *self* nos sujeitos entrevistados.

5.1 - Análise e discussão dos resultados referentes às representações sociais do envelhecimento, do idoso e da velhice.

Com esse estudo, buscou-se entender como os sujeitos entrevistados representam a realidade do envelhecimento em geral, o qual permite, de uma parte, identificar os significados atribuídos a esse assunto e, de outra, definir a relação que esses sujeitos estão tendo com a realidade da velhice no espaço e no tempo histórico que lhes correspondeu viver.

É interessante esclarecer aqui que qualquer processo de ancoragem ou de objetivação durante a produção das representações sociais é sempre um processo cognitivo regulado por fatores sociais. Toda representação social é produzida coletivamente a partir das interações e das comunicações no interior dos grupos, no indivíduo e na sociedade em geral.

Antes de passarmos à discussão propriamente dita dos resultados, gostaríamos de destacar um pensamento de Moscovici:

“Quando estudamos representações sociais, o que estamos estudando são seres humanos que pensam, e não apenas manipulam informação ou agem de uma determinada maneira. O que estamos estudando, para sermos precisos, são os esforços humanos para compreender, e não suas atividades propositadas: esta é a essência da cognição social”(Moscovici, 1981, p. 182-3).

Segundo a perspectiva psicossocial das representações, a atividade discursiva dos indivíduos nos grupos na tentativa de explicar os assuntos que lhes interessam, é muito mais do que uma simples atividade inter-individual; ela é uma prática social e histórica, onde os sentidos e as significações são produzidos essencialmente de uma forma dialógica.

Aqueles sujeitos que referiram as representações sociais da velhice e do envelhecimento na base de significados relacionados com perdas e limitações totais, também referiram como critérios de ditas perdas a impossibilidade física e funcional de desempenhar os papéis que executavam na juventude, pela alta probabilidade com que a velhice associa-se a doenças, a incapacidades e, em consequência, pelos problemas familiares que as ditas doenças provocam em termos de carga para outras pessoas, as quais deverão se encarregar do cuidado de idosos doentes.

Parece ser que para o grupo de sujeitos aposentados da UFSC a chegada da velhice significa uma progressão da vida muito diferente das projeções de vida da adolescência à idade adulta. Para eles, a velhice está direcionada para o declínio e para o fim da vida. Na gênese dessa representação existem fatores objetivos que não podem ser subvalorizados ou anulados. Por exemplo, a finitude da existência humana e a perda gradativa das energias físicas que, naturalmente, vão se manifestando com o percurso dos anos, o que vai tirando ao indivíduo as forças necessárias para viver da mesma forma como o fazia nas outras idades e, sobretudo, porque esse grupo de sujeitos foi educado numa ideologia social da perfeição e da autonomia, na qual, a questão dos limites e das doenças é vivenciada como um fenômeno muito indesejável. Parece que esse grupo, precisa de um processo de

adaptação que lhe possibilite ativar diferentes recursos psicológicos, entre eles, os recursos personológicos do conceito de si para garantir a adaptação ao envelhecimento.

Obviamente, esses recursos subjetivos não serão suficientes para esse processo de otimização de reservas se não existem mudanças em nível macro social. Refiro me aqui à mudança das representações sociais da velhice no cenário das comunicações interindividuais e à transformação social dos padrões que avaliam essa fase da vida.

Apesar do anterior, concordamos com o critério de que, embora o fim da vida durante a velhice seja um fato objetivo, o indivíduo não deve perceber o envelhecimento como uma fase onde prevaleçam somente as perdas e os problemas de saúde que, além disso, se constituem em perdas não desejadas, sobre as quais a pessoa nem sempre tem controle.

Nesse estudo outro dos significados atribuídos ao envelhecimento e a uma pessoa idosa em geral esteve relacionado com a visão de limitações. Em relação aos resultados obtidos aqui, a respeito da questão das perdas, devemos assinalar que muitos deles coincidem com outras pesquisas realizadas na área das representações sociais em contextos sociais da realidade brasileira. Citamos aqui os trabalhos de Medrado (1994) e Santos (1996). Em nível internacional, as pesquisas de Heckhausen (1989) e Heckhausen e Baltes (1991) também verificam que muitos dos significados atribuídos à velhice estão favorecidos pelo argumento das perdas em detrimento dos ganhos.

Os casos em que a representação continha elementos em relação a ganhos eram a respeito de domínios, tais como a experiência, o conhecimento da vida e a sabedoria. Esses conteúdos das representações sociais do idoso em relação aos ganhos correspondem a um dos aspectos da pragmática cognitiva do modelo de Baltes (1990). O diagrama 2, que mostra as redes de significação ao redor da

palavra “experiência”, explicita muitos dos domínios contidos na sabedoria, segundo o autor.

Baltes define o domínio da pragmática fundamental da vida na velhice, segundo critérios de sabedoria e de experiência da seguinte forma:

“a sabedoria é um dos poucos atributos no cenário mental sobre o envelhecimento, que tipifica objetivos e conquistas positivas na velhice”(Baltes,apud Neri, 1995, p.70).

Esses conteúdos representacionais a respeito da experiência e da sabedoria obtidos na nossa pesquisa, coincidem com os trabalhos de outros autores ao definir que dentre os atributos que caracterizam uma pessoa idosa encontra-se como fundamental a essa experiência de vida. Por exemplo, Clayton e Birren (1995) e Holliday e Chandler (1995).

Aquelas representações sociais centradas tanto na dimensão das perdas quanto na dimensão dos ganhos permitem significar de uma forma mais eqüitativa o processo do envelhecimento. Esse tipo de representação nos pode permitir avaliar essa fase do desenvolvimento de uma forma racional, de maneira tal que a velhice seja analisada sob o prisma da normalidade, como um processo biológico natural que representa um contínuo da vida e que, como outras fases do desenvolvimento, pode estar caracterizada por aspectos positivos e aspectos negativos.

Na nossa análise chamou a atenção que os sujeitos que majoritariamente representaram a velhice, o envelhecimento e o idoso essencialmente, na base da totalidade das perdas, foram os sujeitos mais jovens que por sua vez constituíam, fundamentalmente , os professores aposentados da UFSC. Na análise estatística realizada, a variável idade explicou uma parte considerável desses conteúdos representacionais centrados na questão da totalidade dessas perdas e na visão de limitações totais (Ver quadro 2). Impõe-se aqui uma reflexão de tipo psicossociológica, já que apesar de ter sido a variável idade, a que neste estudo

apontou as diferenças significativas, existem outros fatores de natureza sócio-psicológica que complexificam e ampliam a explicação do fenômeno.

O quadro social que é vivido na atualidade está caracterizado por uma estimulação constante da autonomia e da independência na sociedade. Esse panorama social moderno nem sempre oferece oportunidades ao idoso para que possa desenvolver-se com as condições típicas da velhice, sejam elas as perdas ou os ganhos. Com a chegada da velhice as pessoas podem vivenciar diversos sentimentos conflituosos em relação ao fato de serem, potencialmente, pessoas idosas, sobretudo se existe o estereótipo social negativo de que ser idoso significa essencialmente uma perda de energia e uma dependência sócio-familiar. Associado a isso está o fato da perda de papéis sociais que as pessoas da Terceira Idade enfrentam, algumas das quais estão determinadas pelo próprio contexto sócio-cultural e outras, pelo contexto micro-familiar.

É provável que o rigor da modernidade seja experienciado com maior intensidade no grupo mais jovem de sujeitos entrevistados, fato que pode explicar o resultado obtido em relação a que foram eles os que com maior frequência representaram o envelhecimento na base das perdas em detrimento dos ganhos. Logicamente, existe toda uma exigência social explícita que demanda do indivíduo a autonomia e que, por sua vez, se constitui numa autonomia amplamente praticada por ele ao longo de todo o curso de vida. Pode ser razoável, então, que ao se deparar com a velhice, a mesma seja representada dessa forma somente na base das limitações, já que é uma fase do desenvolvimento humano na qual o conceito de autonomia e de independência muda, sobretudo se temos em consideração que até os padrões para considerar um idoso saudável também mudam.

A respeito desse último aspecto da mudança de padrões de saúde se conhece na literatura gerontológica que um idoso não é considerado saudável pelo índice de morbidade e sim pela sua capacidade funcional para realizar as suas atividades da vida diária (Fernández, 1992; Kane, 1993). Isso quer dizer que um idoso pode ter até

três doenças crônicas, mas se elas não interferem na sua funcionalidade, a pessoa, então, é considerada uma pessoa sadia.

Imaginemos pois, as vivências desse grupo de professores que estão se aproximando da fase da velhice e que inexoravelmente têm que mudar seus padrões de avaliar um idoso ou de avaliar a velhice, sobretudo porque se trata de pessoas que quase sempre têm avaliado seu índice de autonomia a partir da vida social e profissional. É como se esse grupo de sujeitos aposentados ainda estivesse num processo de adaptação às novas exigências da velhice.

Outro dos resultados desse estudo foi o relacionado com a temática da representação da velhice e do envelhecimento como “processo normal e natural ou como processo anormal do desenvolvimento”. Na realidade, esse tema teve uma frequência relativamente alta em quase todos os corpos lingüísticos dos grupos, segundo foi mostrado no gráfico 3 (a frequência absoluta das palavras referentes à velhice como “processo natural ou anormal do desenvolvimento” foi de 354 vezes e 78 vezes nas representações sociais da velhice como “contínuo de vida”).

Novamente aqui, o grupo de pessoas que estão na faixa etária de 52 a 60 anos representaram a velhice desde a ótica da ruptura e da descontinuidade (no diagrama 3 aparecem essas redes de significações). O processamento estatístico também confirma esse resultado (Ver quadro 2).

Um dos resultados mais interessantes neste sentido foi o obtido no processamento estatístico dos dados. Nele se demonstrou que, quando as pessoas representavam a velhice e o envelhecimento majoritariamente sob o prisma da totalidade das perdas e das limitações, a velhice também ia ser representada como um momento de ruptura e de descontinuidade no desenvolvimento humano. Coincidiu nessa análise que a variável idade explicava esses resultados no sentido de serem os sujeitos mais jovens os que representavam a velhice a partir da ótica da anormalidade total e ao mesmo tempo da ruptura (esses tipos de representações

foram freqüentes tanto nos sujeitos professores da UFSC quanto nos sujeitos mais jovens que estudavam no curso do NETI).

Na realidade, a idade somente se constitui num fator que foi trabalhado neste estudo para viabilizar a análise estatística, porém, existe todo um quadro sociológico que explica com maior clareza esse fato. Esses professores ao se aposentar representam o envelhecimento desde a perspectiva das perdas e das limitações porque essa fase da vida tem implícita uma profunda crença social de inutilidade e de desengajamento social que, na sua grande maioria somente começa ser vivenciada a partir da aposentadoria. Alguns dos segmentos de conteúdo das entrevistas exemplificam nitidamente essas representações sociais.

“O envelhecimento somente são limitações e quando se chega a uma certa idade, aí está o fim da vida”(dsn 21).

“A velhice representa para mim um paralisia progressiva do corpo. É a perda do amor pela vida”(dsa 13).

“A velhice é o que está fora de tudo, [...] é quando as pessoas começam a usar artifícios para se proteger”(dsa 10).

Quando a velhice e o envelhecimento eram representados na base de conteúdos relacionados, tanto a partir das perdas quanto dos ganhos e, em consequência, através de uma visão de parcialidade nas limitações, a velhice, como outra fase do desenvolvimento, era avaliada na base de uma continuidade do curso de vida. Chamou nossa atenção que vários sujeitos do NETI referiam a parcialidade das perdas em função do próprio idoso, quer dizer, quando representavam a velhice sob a base de limitações e perdas parciais, colocavam argumentos em relação ao fato de que as perdas dependem muito mais da própria pessoa do que da velhice. Assim, referiam nos discursos conteúdos tais como:

“A velhice é quando não se trabalha o corpo na sua totalidade ou quando não se trabalha mais a memória”(dsn 18).

Vê-se aqui como nesses conteúdos estão implícitos elementos que têm a ver com a exploração de potencialidades para o desenvolvimento que, segundo Baltes (1991), se concretiza na exploração das capacidades de reserva. O autor trabalha

essas capacidades de reserva numa das pressuposições do Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido. A respeito disso, Baltes (1991) afirma que tradicionalmente o que mais caracterizou a pesquisa em geriatria foi o fato do declínio e paradoxalmente o fato da exploração de reservas é ainda um tema relativamente atual (de aproximadamente 40 anos de trabalho). Mesmo assim, diversas pesquisas já demonstraram que na velhice existem áreas em que as capacidades de reserva são impressionantes. Por exemplo, a aprendizagem, a memória e a sabedoria, entre outras (Featherman e Lerner, 1985; Baltes e Smith (1991) e, Holliday e Chandler, 1995).

Nos casos em que a velhice e o envelhecimento eram representados na base da parcialidade das perdas, os argumentos verificaram maior naturalidade no momento de avaliar a realidade da morte. É interessante destacar que os conteúdos referidos à normalidade do envelhecimento, à velhice como continuidade e à velhice como proximidade da morte apareciam integrados no momento de se representar o envelhecimento em geral.

Sabe-se que o envelhecimento leva inexoravelmente à morte, e mesmo assim ele é interpretado como um fenômeno natural que ainda pode ser analisado sob a ótica dos ganhos. Os sujeitos que marcadamente representaram o envelhecimento a partir desses conteúdos são os que pertencem ao Centro Vivencial para Idosos. Parece-nos que aqui a questão religiosa pode estar influenciando tais representações. Em muitos dos corpos lingüísticos analisados fala-se a respeito da credibilidade em Deus como mecanismo de ajuda para enfrentar tranquilamente a morte e a velhice. Na realidade, esses tipos de representações também foram explícitos em alguns dos sujeitos do NETI que, além de estar acima de 74 anos, também praticavam algum tipo de religião, de preferência a católica. Alguns exemplos podem ilustrar o anterior:

“A velhice significa o cansaço da vida e por isso a morte é seu descanso”(dsv 34).

“O envelhecimento tem coisas boas e coisas ruins. Uma coisa ruim é ter que enfrentar a morte, mas eu acho que acreditar em Deus ajuda enfrentar a morte tranqüilamente”(dsn 32).

Outra das significações da velhice e do envelhecimento esteve concretizada no corpo (Ver gráfico 1 e diagrama 5). Os sujeitos que referiram marcadamente a questão corporal foram mulheres. O corpo constitui um elemento de interesse peculiar para representar o que é consequência do passo dos anos. A respeito Santos assinala:

“A velhice é, assim, melhor apreendida e explicitada na medida em que é tornada concreta no corpo. É através do corpo, elemento concreto da natureza, que pode-se objetivar esse estado físico e psicológico do envelhecimento”(Santos, 1996, p.10).

Assim, nos discursos dos sujeitos do sexo feminino, a palavra “corpo” apareceu 48 vezes para se referir à velhice como momento das transformações e mudanças corporais físicas feias e desagradáveis sobre as quais o homem não tem controle, ou simplesmente para se referir às mudanças do corpo desde um sentido neutro.

A chegada do envelhecimento foi representada por muitas mulheres como o declínio da beleza corporal, como o começo das rugas, da flacidez ou como o momento das transformações físicas e da contraposição mente-corpo. Nossos resultados coincidem com os obtidos por Santos (1996). A seguir são apresentados alguns segmentos relacionados com a concretização da velhice no corpo:

“O envelhecimento é quando o corpo começa a ficar flácido e cheio de rugas”(dsa 7).

“O corpo na velhice vai ficando horrível [...]. As pessoas dizem que é bonito ficar velho, mas eu acho uma grande hipocrisia. A gente fica horrível. As vezes nem te reconheces mais”(dsv 27).

“Aquele corpo não obedece aquilo que você queria ser e a imagem que tens é que o sonhos estão acontecendo, mas o corpo não obedece”(dsn 24).

Para comparar esses segmentos de conteúdos obtidos por nós com os da pesquisa efetuada por Santos, colocamos em continuação dois discursos referidos pela autora:

“Vê que tá ficando[...] as carnes vai se acabando, se acabando[...] o corpo, né, vai se acabando”(Santos, 1996, p.10).

“O cabelo vai ficando branco, velho. Vai ficando toda feia, velha, toda franzida”(Santos, 1996, p.10).

A idéia de velhice associada ao corpo tem como fundo explicações biológicas, sociais e psicológicas. A biológica refere-se ao fenômeno fisiológico do envelhecimento, que naturalmente é intrínseco ao próprio organismo; por exemplo, a atrofia muscular, as doenças, a perda de elasticidade, a perda de agilidade física, etc.

Em relação às explicações social e psicológica, lembramos aqui o termo “tecnologia de saturação social” a que Gergen (1991) faz referência para falar a respeito de toda uma multiplicidade de instrumentos que manipulam e controlam o homem moderno. Sabe-se, por exemplo, que a rádio, a televisão e a imprensa constantemente estimulam um modelo jovem de mulher estilizada no qual o envelhecimento não tem mais lugar. Ainda mais, o dito modelo de beleza sempre é comercializado através de uma mulher jovem. Por essa razão, na sociedade, os parâmetros de beleza são incompatíveis com a mulher idosa e fala-se muito mais a respeito dos parâmetros físicos da beleza que da beleza no sentido espiritual.

O explicado anteriormente reforça os argumentos de Santos (1996) quando comenta que, com a velhice, as mulheres percebem que as mudanças do corpo podem ser vividas como uma perda da atração física que pode atingir a estima de si mesma, dificultando a própria aceitação de si.

5.2 Análise e discussão dos resultados referentes às representações sobre o *self*.

Passamos, agora, a analisar alguns dos conteúdos representacionais do *self* nos discursos dos sujeitos. A palavra *self*. evoca sempre uma certa noção de singularidade, é como se fosse o conceito de si que caracteriza o sujeito enquanto unidade singular e diferenciada das outras pessoas, mas que ao mesmo tempo tem uma relação de continuidade com o *self* dos indivíduos do entorno social.

Reconhecer a existência do *self*, isto quer dizer, um conceito próprio de si permite ao ser humano ter um sentimento de unidade pessoal que é reconhecido socialmente no grupo ao qual pertence. Esse conceito de si, expressado no construto teórico do *self*. abrange todas as crenças que o indivíduo sustenta em relação a quem ele foi, como ele é ou como gostaria de ser em termos ideais. Todas essas crenças que definem, de alguma maneira, a sua personalidade, foram adquiridas, entre outros fatores, através da relação com outras pessoas que lhe são significativas. Assume-se aqui que o *self* tem implícito um profundo caráter de processualidade, o que deixa emergir a possibilidade de construção de inúmeras versões do *self*.

O intuito de verificar essa processualidade do *self* através de três tempos condicionou-se a partir de um pressuposto teórico de Spink (1996) a respeito da constituição histórica e cultural dos selves. Nesse sentido, a autora apresenta três conceitos de tempo.

O **tempo histórico ou tempo longo** representa os conteúdos do imaginário social e cultural de uma dada época. Sobre isso Spink aponta:

“É nesse tempo que podemos apreender os repertórios disponíveis que serão moldados pelas contingências sociais da época”(Spink, 1996, p.5)

O **tempo vivido** é entendido a partir dos processos de socialização, ou seja, representam-se nele aqueles conteúdos que povoam as práticas discursivas que

são compartilhadas por diferentes pessoas, sejam conteúdos representacionais que pertencem ao passado, sejam conteúdos que prevalecem no presente (Spink, 1996).

Por último, a autora chama de **tempo curto** ao foco na funcionalidade das práticas discursivas na perspectiva da produção de sentido. Spink comenta que nesse tempo estão em pauta, concomitantemente, a possibilidade da compreensão da comunicação e a construção discursiva de nossos *selves* (Spink, 1996).

A focalização da representação do *self* pesquisada no estudo através da referência ao passado, ao presente e ao futuro está atravessada, de alguma maneira, pela concepção de temporalidade dos *selves* que Spink faz a respeito da produção dos discursos representacionais do indivíduo.

Lembrando o pressuposto de Baltes (1991) a respeito do *self* como uma ferramenta de resiliência e de manutenção da integridade no envelhecimento, podemos colocar em discussão os nossos resultados sobre a representação do *self* com o objetivo de verificar se ao menos em nível das práticas discursivas, o dito processo de representação do *self* teve mudanças ao longo do tempo, no sentido de uma transformação em função das novas exigências da velhice e do processo do envelhecimento.

Em relação à representação do *self* no passado, impõe-se uma análise sócio-histórica, já que a maior parte dos conteúdos presentes nos discursos estiveram ligados a papéis sociais que na época eram assumidos e às atividades sociais que, em consequência, eram desenvolvidas. No gráfico 2 aparecem altas frequências a respeito da vida no trabalho, a representação do *self* a partir da conquista de metas pessoais, conteúdos relacionados com o desempenho do papel de mãe, de pai, de esposo, de esposa ou, em geral, em relação à constituição da família. Esses conteúdos apareceram na totalidade dos sujeitos entrevistados.

Na nossa visão, esses conteúdos da representação do *self* no passado foram apresentados a partir de uma certa unilateralidade. Quer dizer, nos discursos do *self*,

no tempo passado, nem sempre prevaleceu a polissemia de significados que em geral caracterizam a representação do *self*. segundo coloca Spink (1996). A alta frequência dos conteúdos obtidos aqui coincidem com o estudo de McGuirre (1976) a respeito do *self*.no desempenho de papéis sociais.

De fato, parece ser que o desempenho de papéis úteis à sociedade é valorizado pelas pessoas independentemente da idade, sexo, nível de escolaridade ou da experiência de vida passada ou atual. Dá a impressão de que o *self*. vai se constituindo também em torno das atividades e do projeto social no quadro sócio-cultural em que os indivíduos estiveram inseridos. Uma vez mais aqui pode ser observada a estreita relação que existe entre o conceito de identidade e o conceito de *self*, a respeito do desempenho de papéis sociais.

Essa influência social dos papéis básicos e das atividades da vida quotidiana também foi obtida numa pesquisa sobre representação social da velhice no Brasil no contexto de Carnaíba do Sertão. Esse foi um estudo que também trabalhou alguns aspectos da identidade social do passado em sujeitos idosos. A seguir colocamos o segmento de um dos discursos:

“Naquela época eu só gostava de trabalhar. Só isto mesmo, trabalhar. Me divertia só com o trabalho” (Medrado, 1994, p. 54).

A representação do *self*. no tempo presente, apresentou diferenças importantes em função da experiência de vida passada e atual dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

No caso dos professores aposentados da UFSC chamou nossa atenção a referência nos discursos de conteúdos explícitos ao redor das temáticas: “aposentadoria” e “horários e compromissos”.

Segundo Santos (1990), a aposentadoria significa, no mínimo, um momento de mudança concreta e real na vida dos sujeitos. Ela é a interrupção de um ritmo de vida que dura quase quarenta anos. Dessa forma, o indivíduo ao longo da sua vida

no trabalho, assume e constrói um *self* social profundamente marcado pelo desempenho de papéis relacionados com o trabalho. Fora desse âmbito, nem sempre a pessoa encontra sentido no seu conceito de si, sobretudo quando o sujeito somente definiu a sua vida através do trabalho. Chegada a aposentadoria, ela representa um momento de redefinição da vida à luz do que Guillermand chama de “morte social”(Guillermand, apud Santos, 1990, p.12).

O sentido negativo da aposentadoria pode chegar a ser muito intenso nos indivíduos que a vivenciam, a tal ponto que ela pode significar uma ruptura na representação do *self* ou do conceito de si depois que a mesma acontece, sobretudo quando esse *self* e essa identidade pessoal dependem diretamente da identidade sócio-profissional. Apontemos o que Santos diz a respeito:

“O sujeito aposentado perdeu seu poder social. Mesmo na família (se ela existe). Se um certo poder é uma parte fundamental da imagem positiva de si mesmo, pode-se deduzir que a perda, ao menos parcial, desse poder, acarretará uma mudança de identidade pessoal”(Santos, 1990, p.26).

Sobre as conseqüências da aposentadoria na identidade pessoal Santos também comenta:

[...] Se o sujeito sempre confundiu sua personalidade com seu papel, seu “ser” com seu “fazer”, a aposentadoria será para ele um vazio, uma “massa enorme de minutos”, sem nenhum sentido, sem projetos que a preencham”(Santos, 1990, p.28).

É uma fase da vida que, segundo os próprios discursos dos sujeitos, pode ser considerada como uma época de crise, como uma fase preta. Porém, como qualquer outra crise, ela deve ser passageira e temporal. Na maioria dos sujeitos professores da UFSC, parece ser que o trabalho profissional docente exigiu deles uma dedicação e um esforço constante, muitas vezes impedindo-os de desenvolver outras formas de vida e de lazer que diversificassem seu convívio do dia a dia. Verificou-se aqui que esses argumentos a favor da aposentadoria como uma crise na representação do *self* significam uma espécie de desengajamento social, que exige

deles uma volta para si mesmos que nunca antes tinham vivenciado devido ao forte engajamento social que tinham com o trabalho.

A aposentadoria tem uma significação importante, também, nos discursos das representações sociais, sendo associada à chegada do envelhecimento e da velhice. Esse resultado é diferente aos resultados obtidos em pesquisas com grupos populacionais rurais, onde a aposentadoria significa o alívio e o descanso depois de longos anos de forte trabalho físico (Santos, 1996).

De outra parte, apareceram nos discursos desses sujeitos referências à representação do *self* no presente em função do tempo livre e do tempo sem horários e sem compromissos. A auto-avaliação do *self* nessa dimensão esteve relacionada com aqueles padrões sociais de rigidez temporal no momento de assumir as tarefas quotidianas, especificamente no momento de ministrar as aulas; atividade à qual eles se dedicaram durante muitos anos.

O *self* no grupo de professores aposentados da UFSC é representado no presente como um reencontro com o tempo livre, que no seu início, pode ser preenchido facilmente por tudo aquilo que a pessoa não teve tempo de fazer na vida do trabalho, mas que, logo pode fazer emergir um sentimento de inutilidade e tornar-se um presente envenenado. É interessante destacar que em alguns dos discursos dos sujeitos do sexo feminino apareceram argumentos em relação ao desejo de reiniciar aqueles papéis tradicionais da mulher em relação ao trabalho dentro de casa, que foram perdidos com o trabalho profissional. Esse resultado coincide com o trabalho sobre a aposentadoria feito por Santos (1990).

Esse tempo livre, também, foi referenciado em muitos dos discursos dos sujeitos de maior idade que estudam no NETI e nos que moram no Centro Vivencial. Dessa vez, o tempo livre significa poder ter um projeto de vida planejado segundo os interesses de cada qual, sem que isso possa gerar conflitos ou sentimentos negativos de inconformidade. Chama a atenção, dentre os conteúdos

mais freqüentes encontrados, a projeção de metas e planos futuros de vida e a realização de atividades que ainda desejam fazer.

Na realidade, poderia ser surpreendente que pessoas de idade avançada, como as que foram entrevistadas nesse estudo, ainda representem o conceito de si mesmas na base de projeções futuras de vida. A questão de plano de vida futuro também foi encontrada no grupo de sujeitos professores da UFSC, só que na maioria das vezes desde a perspectiva de querer continuar os mesmos planos e ritmos de trabalho que levavam antes da aposentadoria.

O parágrafo anterior confirma o argumento de Baltes (1991), a respeito do pressuposto do *self*, como uma forma de resiliência na velhice, na medida em que garante a manutenção da integridade e o crescimento no envelhecimento. Os conteúdos de muitas das representações do *self* nos sujeitos acima de 65 anos (na sua maioria do NETI ou do Centro Vivencial), tanto no presente quanto no futuro, estavam relacionados com papéis e projetos sintonizados com as atuais condições de vida que eles têm, sobretudo no que diz respeito a sua saúde. No caso dos sujeitos mais jovens, professores aposentados da UFSC, nem sempre foi possível encontrar esse ajuste nos níveis de aspiração das metas sociais, já que muitas vezes referiam o desejo de continuar, no futuro, com o mesmo ritmo de atividades do presente, sem levar em consideração o efeito de inúmeros fatores característicos do envelhecimento, como por exemplo, as doenças, a perda natural de energia física, etc.

Portanto, de um modo geral, parece que o efeito resiliente do *self*, enquanto seleção de metas, prioridades e ajuste nos níveis de aspirações, segundo Baltes (1990), pode ser característico somente naquelas práticas discursivas representacionais do *self* de pessoas propriamente idosas (acima de 65 anos, sobretudo em idades superiores aos 74 anos). Entretanto, nas pessoas que estão a caminho da velhice (na faixa etária de 51 a 60 anos) não se encontraram tais conteúdos resilientes do *self*, ao menos segundo o que foi obtido nesse estudo.

Assim, a partir desta pesquisa parece ser a idade que explica uma parte da variabilidade obtida no caráter resiliente do *self*.

Em sentido geral, os conteúdos representacionais do *self*, a partir da realização pessoal e da projeção constante de metas de vida, indicam, também, um certo caráter de continuidade processual do *self* ao longo dos três tempos estudados (o passado, o presente e o futuro), quer dizer, ao longo da vida do indivíduo, o que confirma os nossos pressupostos teóricos a respeito da perspectiva multifacetada e contínua que tem o *self* na vida, sem que o dito caráter processual impeça um crescimento e um ajuste em dependência das novas exigências que as pessoas enfrentam durante a velhice. No diagrama 6 se confirma esse resultado a partir dos segmentos de conteúdos dos corpos lingüísticos das entrevistas.

Outro indicador de ruptura entre as representações do *self* nos tempos passado, presente e futuro, foi a questão da morte. Para vários sujeitos do grupo de professores aposentados da UFSC e alguns do grupo do NETI, a morte é uma realidade vivenciada negativamente que provoca um sentimento de descontinuidade com a chegada da velhice (Ver diagrama 6). Para outros, embora seja a mesma realidade do fim da vida, a mesma não era representada de maneira tão negativa. Nessa colocação a respeito da morte, nas práticas discursivas aparece uma referência clara ao conceito de *self* material que James coloca (James apud Levin, 1992). Assim, o significado atribuído à palavra “morte” foi diferente nos três grupos estudados.

Por exemplo, no momento de representar o futuro do *self* material ou físico, o grupo de idosos institucionalizados no Centro Vivencial referiam a proximidade da morte como uma certeza quase absoluta depois de uma vida vivida, só que esse significado não acarretava para eles um sentimento negativo. Ao contrário, para muitos, a morte significava o descanso final após o cansaço da vida. A avaliação relativamente neutra encontrada aqui dependeu muito das crenças religiosas que os sujeitos têm, que servem de suporte emocional para falar a seu respeito. Esses

resultados a respeito do tempo futuro do *self* físico em função de uma crença religiosa coincidem com os encontrados por Medrado (1994) na sua pesquisa. A seguir são expostos dois segmentos de conteúdo dos discursos de três sujeitos, a saber: dois deles provenientes de nosso estudo e o outro, do trabalho de Medrado.

“Eu agora só quero agradecer a Deus o curso da minha vida no futuro”(dsv 35).

“[...]Eu já estou pronta até a hora da morte chegar para mim”(dsn 15).

“A velhice traz de bom a morte [...]. Se a gente morrer e Deus der o céu *prá* gente, é até bom”(Medrado, 1994, p.59).

A representação do *self* físico no futuro, através de um enfrentamento tranquilo da morte, também foi encontrada em vários sujeitos que estudam no curso do NETI. Nesse último caso, a meu ver, a justificação pode estar na prática da religião que eles colocaram e até pelos próprios conhecimentos que eles adquirem nas aulas do curso que fazem na universidade.

A seguir gostaríamos de refletir acerca de alguns conteúdos representacionais do *self* no presente e no futuro do grupo de sujeitos mais jovens (nesse caso, na sua maioria, professores aposentados da UFSC).

Sabe-se que a reflexividade é uma característica que, por excelência, define a ação humana. Segundo Giddens:

“A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz da informação renovada sobre essas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter [...]. O que é característico da modernidade não é uma adoção do novo por si só, mas uma suposição da reflexividade indiscriminada- que é claro, inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão”(Giddens, 1990, p.45-6).

Foi interessante poder confirmar nos discursos representacionais do *self*, no tempo presente, alguns elementos da autorreflexividade que Giddens (1990) aponta, que, além de se relacionar com a prática e a ação social propriamente ditas, estão

presentes também no momento de refletir sobre si mesmos, acompanhando as mudanças da modernidade.

Na realidade, os elementos anteriores somente foram encontrados no grupo de sujeitos da faixa etária de 52 até 60 anos e em dois sujeitos acima de 60 anos, só que todos eles tinham em comum o fato de serem professores da UFSC, recentemente aposentados (entre 2 e 5 anos). Um dos dilemas sobre o *self* de Giddens (1993), expostos no referencial teórico, poderia explicar a necessidade de reflexão sobre si próprios que os sujeitos colocaram. O dilema diz respeito a: “impotência *versus* apropriação”, que consiste num certo sentimento de impotência que o indivíduo pode sentir frente à multiplicidade de apropriações que tem que fazer de um mundo que está em constante movimento e transformação.

Alguns segmentos de conteúdo podem exemplificar o antes exposto:

“Eu me vejo aproveitando ao máximo o tempo e mantendo as antenas ligadas. Essas antenas têm que ser renovadas constantemente para não perdê-las, sobretudo neste mundo que nunca vai parar”(dsa 9).

“Eu me vejo como alguém muito ativa, que quer pensar e usufruir do mundo muito mais do que já usufrui. Quero ainda me conhecer melhor e viver o mundo intensamente [...]. Hoje vivemos num mundo que exige muito de nós e eu tenho que acompanhar esse mundo”(dsn 19).

Os discursos anteriores confirmam, de alguma maneira, o projeto reflexivo do *self* ao qual Giddens (1993) faz referência, no sentido de uma contínua reformulação do *self* na modernidade.

Nos discursos dos sujeitos de maior idade não prevaleceram conteúdos representacionais do *self* a favor dessa constante reformulação desde uma perspectiva presente e futura de vida. Em nossa opinião, a idade pode estar explicando esse resultado, já que são pessoas que, além de estarem objetivamente mais próximas da morte, ao menos manifestaram, nas práticas discursivas, que as metas e planos futuros de vida têm sido reajustados em função de fatores tais como

o estado de saúde física, a história anterior de vida e sobretudo em função da idade, pelo que não existe nelas uma projeção constante de querer refletir sobre si mesmas de acordo com as mudanças do século. À guisa de comentário, nos parece que a reflexão nesses sujeitos estaria fundamentalmente em função de novas prioridades a serem atingidas de acordo com as condições físicas e materiais do *self*, utilizando alguns dos conceitos fornecidos por James na sua teoria do *self* (James, apud Levin, 1992).

Por último, gostaríamos de discutir um resultado que na nossa opinião foi muito interessante no que concerne à representação do *self* no tempo presente dos sujeitos do sexo feminino. Houve uma palavra que apareceu frequentemente nos discursos desses sujeitos: “espelho” (Ver gráfico 6). A mesma era referida, segundo as mulheres, para acreditar no seu novo *self* físico, quer dizer, elas explicavam que muitas vezes sentiam a necessidade de se colocar frente a um espelho para dar crédito a seu “novo corpo envelhecido” com o passar dos anos.

Conhece-se na literatura psicológica do *self* que uma das técnicas mais interessantes que têm sido utilizadas para estimular a aquisição da consciência individual de si, diferenciada e, ao mesmo tempo, semelhante à existência das outras pessoas, é justamente a técnica do espelho. Novamente aqui, nas práticas discursivas de mulheres idosas ou próximas da velhice, aparece o espelho como um auxiliar no reconhecimento da nova imagem física. Só que desta vez é para proporcionar um certo grau de confiabilidade às transformações corporais típicas do envelhecimento que, além disso, foi um dos conteúdos mais frequentes das representações sociais da velhice em termos de “mudanças corporais não desejadas” nas mulheres dos três grupos entrevistados. É de destacar aqui, que esse fenômeno do espelho teve uma frequência discretamente maior nas mulheres que estavam entre 52 e 65 anos.

A respeito deste fenômeno psicológico e a sua relação com a linguagem, que no nosso caso está representada nos discursos dos sujeitos, o próprio Moscovici assinala:

“Palavras fazem mais do que representar coisas, elas criam coisas e passam suas propriedades às mesmas. Neste caso a linguagem tem um poder comparável ao do espelho, que tem a vantagem extraordinária de destacar a aparência da realidade”(Moscovici, 1981, p.202).

A seguir, discutiremos a relação que pode existir entre os conteúdos de ambos tipos de representações, ou seja, as referidas ao envelhecimento, o idoso e a velhice e as representações do *self* nos sujeitos entrevistados.

5.3 - Relação entre as representações sociais do envelhecimento em geral e as representações do *self* numa perspectiva de curso de vida e de desenvolvimento na velhice.

Baltes (1991) desenvolve um modelo teórico que tenta trabalhar, desde uma perspectiva psicológica, múltiplas pressuposições, que demonstram que na velhice pode existir um desenvolvimento. Na realidade, seu modelo estuda a ótica do envelhecimento num sentido pragmático, já que resgata diversas possibilidades no intuito de explorar capacidades de reserva no idoso. Toda a teorização de Baltes está marcada por um enfoque mais amplo, relacionado com o Modelo de Curso de Vida.

O Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido de Baltes (1991) trabalha no sentido de explorar na velhice determinadas potencialidades de reserva como perspectivas para a mudança das capacidades adaptativas em função das transformações e exigências do envelhecimento. Uma vez mais, trabalha-se aqui com o velho conceito da plasticidade, só que dessa vez o autor oferece o termo de resiliência para referir-se a um tipo especial de plasticidade.

Baltes utiliza no modelo o conceito de resiliência e não o conceito de plasticidade, porque esse último abrange mudanças na capacidade adaptativa no sentido da diminuição, do aumento ou da manutenção. A resiliência, pelo contrário, somente diz respeito àquele potencial para a manutenção e a recuperação dos níveis normais de adaptação (Staudinger e Baltes, 1993).

Parece que as capacidades sociais e cognitivas podem afetar também as capacidades adaptativas resilientes do *self*. Por exemplo: nos domínios da manutenção de metas e de prioridades em função das mudanças típicas da velhice, na possibilidade de ativar novos *selves* através de novas identidades e no ajuste dos níveis de aspirações em relação a novas condições físicas de saúde e de autonomia funcional, entre outras.

No Modelo de Envelhecimento Bem Sucedido, Baltes (1991) coloca duas pressuposições, que na nossa opinião contêm elementos que puderam ser estudados desde uma ótica representacional. Só que o enfoque oferecido pelo autor é, segundo ele mesmo, um enfoque essencialmente psicológico. Assim, ao utilizar nesse estudo a Teoria das Representações Sociais de Moscovici, foi ampliado o estudo para uma perspectiva de análise psicossocial.

Tanto o *self* quanto o envelhecimento são objetos ou assuntos que podem ser conhecidos através das práticas discursivas dos sujeitos. Conhece-se também, através de outros estudos, que podem ser comparados o conceito que o indivíduo tem do seu próprio *self* e o conceito que esse mesmo sujeito pode ter do homem médio, do homem em termos ideais ou de outras categorias similares (Rogers apud Anastasi, 1970).

Justamente nesse marco de análise é que esse trabalho pretendeu chegar, estudando, por uma parte, as representações sociais de alguns assuntos de relevância em pessoas idosas ou próximas da velhice, e de outra, o conteúdo da representação do *self* nessas mesmas pessoas. A nossa focalização nessas duas formas de

representação tem como intuito definir a relação que pode existir entre ambas em função do sucesso e da resiliência proposta no modelo de Baltes (1991).

Buscando entender a natureza dessa relação, também foi feito o processamento estatístico dos dados, o qual visava calcular o grau de associação entre as categorias das representações sociais sobre a velhice e o envelhecimento, e as que foram obtidas a partir dos discursos da representação do conceito de si (*self*).

Segundo foi mostrado no quadro 2, as representações sociais do envelhecimento e da velhice, em termos de processo normal e natural, condicionado pela própria natureza do ser humano, associou-se significativamente com a categoria que diz respeito à diversificação de conteúdos no momento de se referir aos três tempos do *self*. Quando aqui se fala de diversidade do conceito do *self*, estamos nos referindo à capacidade que pode ter o sujeito de falar de si mesmo através de diversos aspectos. Por exemplo, de papéis sociais desempenhados, de aspectos morais, do *self* em função das outras pessoas, de características corporais ou físicas, de traços de personalidade, etc. Essa diversidade no conceito de si está intimamente relacionada com o sentido subjetivo afetivo que tem a representação do conceito de si para o próprio sujeito. É justamente aqui, nesta relação, onde os aspectos cognitivos e afetivos da representação podem ser identificados em interrelação.

Na realidade, analisando os conteúdos representacionais do *self* em cada um dos três grupos, chama a atenção, em função dos aspectos do parágrafo anterior que, os discursos do grupo de sujeitos de maior idade (acima de 65 anos), se caracterizaram por uma polissemia maior, em comparação aos discursos dos sujeitos de menor idade (entre 52 e 64 anos). Além disso, esses últimos sujeitos entrevistados também foram quem mais representaram o envelhecimento e a velhice na base da totalidade das perdas ou das limitações em detrimento dos ganhos.

Como já foi discutido em relação às representações do *self*, na medida em que aumenta a idade nos sujeitos entrevistados, diminuem as possibilidades de referir nos discursos elementos da resiliência do *self*, segundo o que Baltes expõe no modelo. Quer dizer, esses sujeitos falam a respeito de metas e de aspirações no futuro sem ter em conta possíveis fatores peculiares da velhice que podem acontecer, como por exemplo, as variações no estado de saúde. Associado com isso, representam a velhice e o envelhecimento marcadamente a partir de diversos significados negativos (“fim da vida, limitações totais, descontrole frente à proximidade da morte, inatividade”, etc), sem colocar também como aspectos prioritários os ganhos do envelhecimento.

Esses sujeitos de menor idade entrevistados no estudo são pessoas que tiveram ao longo de seu curso de vida um comprometimento social importante através do desempenho de diversos papéis no trabalho. E pelo alto sentido subjetivo que o dito trabalho tem para eles, tentam manter o engajamento social praticado por quase 35 anos o que os impede de expandir as suas prioridades de vida em função de outras atividades intelectuais ou de lazer. Além disso, é importante destacar que muitas destas pessoas todavia não são indivíduos idosos, propriamente ditos, o que também pode influir na forma como representam seus *selves* no presente e no futuro.

Também foi obtida uma associação significativa ($\phi=0.32$) entre a categoria “envelhecimento como perdas totais ou parciais” referida às representações sociais do envelhecimento e a categoria “representação do *self* nos três tempos como se fosse um contínuo de vida ou o *self* interpretado na base da ruptura entre o passado, o presente e o futuro”.

Segundo o coeficiente ϕ obtido parece que a metade dos sujeitos entrevistados associa o envelhecimento a uma fase de perdas totais, enquanto representam seu *self* através de rupturas entre os três tempos estudados, e a outra metade o faz de modo contrário.

Este resultado, de alguma maneira, apóia o explicado nos parágrafos anteriores. Dessa vez, a categoria relacionada com as perdas nas representações sociais do envelhecimento apresentou uma relação muito estreita com o pressuposto de Baltes trabalhado na pesquisa, a saber: com o envelhecimento, o balanço que as pessoas fazem entre os ganhos e as perdas começa a ser menos positivo”. No estudo, a representação social da velhice em termos de negatividade das mudanças comportou-se mais marcadamente nos sujeitos próximos da terceira idade do que naqueles que já são idosos. É possível que com aumento da idade se ativem alguns elementos psicológicos do *self* como o sentido da auto-estima, do controle pessoal e do bem-estar subjetivo, o que pode garantir as possibilidades para a manutenção da integridade psicossocial, independentemente da condição de idosos. Essa reflexão foi comprovada empiricamente num estudo realizado por Lachman (Apud Baltes, 1991).

Os resultados desta pesquisa demonstram que os estudos de tipo psicossocial na área das representações são de fundamental importância, na medida em que eles fornecem ferramentas para estudar as formas de pensar das pessoas em relação a determinados assuntos, ou em relação a seu próprio *self* face à realidade do envelhecimento.

Esta pesquisa permitiu questionar não só o relacionado ao assunto do envelhecimento e da velhice, enquanto última fase da vida, mas também nos possibilitou definir, por uma parte, a valorização social que ela pode estar tendo, através dos discursos de indivíduos que já são idosos ou estão próximos da Terceira Idade e, da outra, a representação do conceito de si (*self*) que esses mesmos indivíduos tiveram, têm e terão nessa última fase da existência humana.

Finalmente temos que considerar, contrário ao anterior, que a velhice, nestas pessoas que estão próximas da Terceira Idade, ainda pode ser conceitualizada de uma maneira estereotipada, muito mais na base de perdas do que sobre critérios de ganhos. Paradoxalmente, as pessoas idosas que já estão atravessando essa fase da

vida podem valorizar melhor o envelhecimento e, junto com isso, ter um conceito mais apropriado de si, do seu *self* em função de como é e de como gostaria de ser.

Também nos parece que, dita valorização social da velhice nos discursos representacionais do grupo de indivíduos de maior idade, pode funcionar, em nível de comunicação de grupo, como um amortecedor positivo da desvalorização que a velhice apresenta em nível macro-social. Novamente aqui, poderíamos inferir a existência, nas práticas comunicacionais, de certos mecanismos de resiliência que contribuem favoravelmente com o enfrentamento da velhice.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Antes de expor as minhas considerações finais, gostaria de colocar aqui um pensamento de Selye (Apud Alvarez, 1986, p.89) quando escrevia sua obra "*Stress*":

"Nós não acreditamos que uma teoria possa ser mais explícita do que lhe permitem as suas observações comprovadas"

Qualquer aproximação e generalização que seja feita das informações obtidas nesse estudo somente será considerada dentro dos limites do alcance dos dados.

✕ Ao longo da sua história, a psicologia social tem demonstrado que para o desenvolvimento do indivíduo não são essenciais nem determinantes as normas biológicas, e sim as normas sociais de interação e de comunicação.

A escolha do tema das representações sociais acerca do envelhecimento e as representações do conceito de si ou o *self*, tornou-se um problema de pesquisa para mim ao tentar instrumentalizar, em nível empírico, dois pressupostos balteanos que defendem a tese de uma velhice bem sucedida, já que acredito que um dos problemas mais cruciais da investigação da personalidade é, justamente, se deparar com o estudo do *self*. A representação que um indivíduo tem do conceito de si está atravessada por todo um conjunto de processos sócio-culturais materializados nas relações sociais e nas práticas dialogizantes da vida diária.

✕ Ao privilegiar nesse trabalho duas abordagens representacionais sob a ótica de um modelo que valoriza o sucesso no envelhecimento, foi possível recolocar a cognição e a afetividade na interface entre as práticas sociais do curso de vida e as

produções discursivas representacionais constituídas historicamente em nível de grupos.

É possível apontar alguns aspectos que chamam a atenção nessa investigação e revelam determinadas especificidades de como as pessoas estão se apropriando e compreendendo o fenômeno da velhice, da mesma forma que definem o conceito de si ao longo do curso de vida, fundamentalmente no momento da chegada da Terceira Idade.

A realidade representacional obtida nesse estudo encontra-se profundamente marcada por padrões cognitivos de natureza psicossociológica que ainda desvalorizam o idoso, onde o envelhecimento não se constitui numa fase do desenvolvimento desejado e ainda mais, numa fase que é avaliada, muitas vezes, como uma anormalidade de dito desenvolvimento.

O intuito desse trabalho foi tentar compreender se o conceito de si ou *self* pode manter uma certa imunidade na velhice ou próxima dela, face as representações sociais do envelhecimento, relativamente cristalizadas. Para isso buscou-se no trabalho identificar elementos que caracterizassem as representações sociais do envelhecimento dos sujeitos em função de contextos sócio-históricos de vida comuns. A colocação dessas questões integraria a pesquisa num nível psicossocial onde pode ser recolocada a relação sociedade-indivíduo e indivíduo-sociedade.

Desde essa perspectiva psicossocial comprovou-se que a velhice é representada, nos discursos do grupo de professores aposentados da UFSC, sob a base prioritária de perdas e limitações. Isso comprova a rejeição social que está implícita na compreensão do fenômeno do envelhecimento. Nossa cultura, à diferença das culturas dos séculos XVIII e XIX, não valoriza o idoso. Na realidade, esse fato representa um paradoxo. Pela primeira vez na história da humanidade, o homem está podendo ultrapassar as fronteiras da longevidade, porém esse homem não quer assumir a condição de idoso dentro dos padrões naturais com que a dita condição se manifesta. Na realidade, os padrões sociais atravessam as representações que os

grupos podem ter acerca de determinados assuntos, que no nosso caso é a velhice. Assim, os resultados obtidos neste trabalho confirmam o anterior.

O processo de mudança de uma representação social depende das práticas sociais e das práticas discursivas sobre essas práticas sociais que os grupos desenvolvem. Não me é permitido aqui fazer inferências de que o obtido caracteriza as representações do envelhecimento e do *self* em nível macrossocial. Entretanto, parece-nos que existem prioridades de pesquisa na gerontologia que podem ser abordadas a partir da psicologia social. As pesquisas de integração podem fornecer, nesse sentido, resultados promissores. Porém, de alguma forma podemos inferir que, as representações da velhice e do *self* dos três grupos pesquisados materializam a própria prática dos indivíduos na sociedade. Assim, essas representações exteriorizam o início de uma evolução que deverá ter o envelhecimento no momento em que o mesmo é avaliado pelos grupos sociais.

Como elo fundamental desse trabalho, acredito que o processo de construção do conceito de si, representado teoricamente na palavra *self* está em constante reconstituição em função das demandas do ambiente social. Dessa forma, pareceria que, ao menos ao nível teórico, o *self* deveria se reajustar e se manter em crescimento constante com o avanço dos anos, embora a representação social da velhice esteja marcada pelas perdas. Mas, segundo esse trabalho, a verdadeira reconstrução do *self* de acordo com as exigências do envelhecimento somente acontece quando o indivíduo é um idoso propriamente dito, de preferência um “idoso idoso” ou “*old old*”, termo mundialmente referenciado na literatura gerontológica.

Do anterior se deduz, ao parecer, que exista uma relação muito estreita entre as representações sociais sobre a velhice e as representações sobre o *self*. Não estamos nos referindo aqui uma relação de continuidade, já que uma representação não se constitui numa extensão mecânica da outra, mas a partir dos resultados obtidos verificou-se que vários conteúdos das representações sociais estão presentes nos

discursos das representações do *self*, ou ao invés. Isso demonstra o poder que tem, sobre a conformação do conceito de si ou *self*, a prática discursiva dialogizante dos grupos tentando explicar e construir as suas teorias sobre os objetos dos quais falam ou vivenciam, como é o caso aqui do envelhecimento.

χ Desde um ponto de vista psicossocial nossa pesquisa tornou-se interessante pelas seguintes questões:- é necessário chegar à idade dos 60 anos para que a velhice seja valorizada de maneira positiva pelos indivíduos?, - A partir de quando o indivíduo deverá reconstruir seu *self* em função dos novos ajustes que demanda o envelhecimento?, - Como equilibrar o velho paradigma da contraposição entre o sujeito e a sociedade?, - Encontra-se a Psicologia Social em condições de assumir diferentes fenômenos da subjetividade, da afetividade e da personalidade como ferramentas na explicação de diversos fenômenos representacionais, tanto em nível macrossocial quanto microssocial?

Este estudo não esgota todas as dimensões do problema representacional do envelhecimento e do *self*. Penso que na realidade, muitas dessas questões suscitadas a partir do trabalho exigem estudos interdisciplinares exaustivos nos que se trabalhe com amostras populacionais maiores, não só em quantidade, mas também em diversidade.

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLPORT, G. W. Becoming. Apud: KILHSTROM, J F & CANTOR, N: Mental Representations of the self. *Advances in Experimental Psychology* 17: 1-47, 1984.
- AMSTERDAM, B. Mirror self-image reactions before age two. *Developmental Psychology* 5: 297-305, 1972.
- BALTES, P B. Theoretical propositions of life-span developmental psychology: on the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology* 5: 611-626, 1987.
- BALTES, P B & BALTES, M M. Successful aging. Perspectives from behavioral sciences. Cambridge: Science European Foundation, 1990.
- BALTES, P B. The many faces of human aging. Toward a psychological culture of old age. *Psychological Medicine* 21: 837-854, 1991.
- BALTES, P B & SMITH, J. The Psychology of wisdom and its ontogenesis. Apud: BALTES, P B. The many faces of human aging. Toward a psychological culture of old age. *Psychological Medicine* 21: 837-854, 1991.
- BALTES, P B. Envelhecimento Cognitivo: Potencialidades e Limites. *Gerontologia* 2: 23-44, 1994.
- BALTES, P B & SMITH, J. Psicologia da Sabedoria: Origem e Desenvolvimento. In LIBERALESSO, N, A (Org). Psicologia do Envelhecimento. São Paulo: Papirus, 1995.
- BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Persona, 1977.
- BERGER, P L & LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BOTWINICK, J. Intellectual abilities. Apud: FERNANDEZ, R.B, et al. Evaluación e Intervención en la Vejez. Madrid: Martínez-Roca, 1992.

- BÜLHER, Ch & MASSARIK, F. The Course of Human Life. New York: Springer, 1968.
- CANTOR, N & KIHSTROM, J F. Cognitive and social processes in personality. Apud: KIHSTROM, J F & CANTOR, N: Mental Representations of the self. Advances in Experimental Psychology 17: 1-47, 1984.
- CATTELL, R B. Abilities: Their structure, growth and action. Apud: BALTES, P B. The many faces of human aging. Toward a psychological culture of old age. Psychological Medicine 21: 837-854, 1991.
- CENTER OF DISEASE CONTROL & PREVENTION-CDC. A Word Processing Database and Statistical Programm of Public Health. World Health Organization-Version 6.04. Switzerland, 1996.
- CICERON, M T. Cato Mayor. Tratado de la Senectud. Madrid: Obras Famosas de la Literatura Universal, 1937.
- CLAYTON, V & BIRREN, J W. The development of wisdom across the life span: a reexamination of ancient topic. Apud: LIBERALESSO, N, A (Org). Psicologia do Envelhecimento. São Paulo: Papyrus, 1995
- COOLEY, C H. Human nature and the social order. Apud: LEVIN, J D. Theories of the self. New York: Taylor & Francis, 1992.
- COSTALAT, F. Representation Sociale, Representation de Soi, une question epistemologique. Textes Sur Les Representations Sociales. Espace of Discussion 4 (1): 53-60, 1995.
- DAVIES, B & HARRÉ, R. Positioning-the discursive production of selves. Apud: SPINK, M J P. O discurso como produção de sentido. Manuscrito não publicado apresentado no VI Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP em Teresópolis. Rio de Janeiro. Pontificia Universidade Católica de São Paulo, 1996.
- Diretoria de Planejamento-Gerência Estatística da Secretaria de Saúde do Estado de Santa Catarina, 1995.
- DURKHEIM, E. Representations individuelles et representations collectives. Apud: FORGAS, J P. Social Cognition. Perspectives on everyday understanding. New York: Academic Press, 1981.
- EDELMAN, G M. Neural Darwinism: The theory of Neuronal Group Selection. Apud: BALTES, P B. The many faces of human aging. Toward a psychological culture of old age. Psychological Medicine 21: 837-854, 1991.
- EPSTEIN, S. The self-Concept. Manuscrito apresentado no Congresso da Associação

- de Psicologia de Canada. Montreal: June, 1972.
- ERIKSON, E H. Childhood and Society. Apud: CAMPBELL, J. Adulthood and Aging. Na interdisciplinary developmental view. Canada: John Wiley & Sons, 1980.
- FEATHERMAN, D C & LERNER, R M. Ontogenesis and Sociogenesis: problematics for theory and research about development and socialization across the life span. American Sociological Review 50: 659-676, 1985.
- FERNANDEZ, R.B, et al. Evaluación e Intervención en la Vejez. Madrid: Martínez-Roca, 1992.
- FORGAS, J P. Social Cognition. Perspectives on everyday understanding. New York: Academic Press, 1981.
- FRIES, J F. Aging well. Apud: LIBERALESSO, N, A (Org). Psicologia do Envelhecimento. São Paulo: Papyrus, 1995.
- GALLUP, G G. Self-recognition in primates: A comparative approach to the bidirectional properties of consciousness. American Psychologist 32: 329-338, 1977.
- GECAS, V. The self-concept. Ann Rev Sociology 8: 1-33, 1982.
- GERGEN, K J. The saturated self. New York: Basic Books, 1991.
- _____. The Social Constructionist Movement in Modern Psychology. Apud: FILHO, S E J. Varius multiplex Mutiformes: O self nas Terapias Modernas. Projeto de Tese de Mestrado: Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.
- GIDDENS, A. As Conseqüências da Modernidade. São Paulo: UNESP, 1990.
- _____. Modernity and Self-Identity. Cambridge: Polity Press, 1993.
- GRUNDY, E. Epidemiology of aging. In: BROCKLLHURST, J C & TALLIS, R. Textbook of Geriatric Medicine and Gerontology. New York: Churchill Livingstone, 1992.
- GUILLERMARD, A M. La Retraite: Une mort sociale. Apud: SANTOS, M F S. Identidade e Aposentadoria. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1990.
- HECKHAUSEN, J; DIXON, R A & BALTES, P B. Gains and Losses in development throughout adulthood as perceived by different adult age groups. Development Psychology 25: 109-121, 1989.
- HECKHAUSEN, J & BALTES, P B. Perceived controllability of expected

- psychological change across adulthood and old age. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences* 46: 165-1173, 1991.
- HOLLIDAY, S G & CHANDLER, M. Wisdom: explorations in adult competence. Apud: LIBERALESSO, N, A (Org). Psicologia do Envelhecimento. São Paulo: Papyrus, 1995.
- HORN, J L. Organization of data on life-span development of human abilities. Apud: BALTES, P B. The many faces of human aging. Toward a psychological culture of old age. *Psychological Medicine* 21: 837-854, 1991.
- JAMES, W. The self. Apud: Apud: LEVIN, J D. Theories of the self. New York: Taylor & Francis, 1992.
- _____. The self. Apud: Apud: BURKE, P J. The self: Measurement Requirements from na Interactionist Perspective. *Social Psychology Quarterly* 43 (1): 18-29, 1980.
- JODELET, D. Representationsn Sociales: un domaine en expansion. Apud: VALA, J & MONTEIRO, M B. Psicologia Social. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- JUNG, C G. The stages of life. Apud: CAMPBELL, J. Adulthood and Aging. Na interdisciplinary developmental view. Canada: John Wiley & Sons, 1980.
- KANE, R L & KANE, R A . Evaluación de las necesidades en los ancianos. Madrid: Fundación Caja de Madrid, 1993.
- LACHMAN, M E. Personal control in later life: stability change, and cognitive correlates. Apud: BALTES, P B. The many faces of human aging. Toward a psychological culture of old age. *Psychological Medicine* 21: 837-854, 1991.
- LEVIN, J D. Theories of the self. New York: Taylor & Francis, 1992.
- LIDESMITH, A R & STRAUSS, A L. Social Psychology. Apud: BURKE, P J. The self: Measurement Requirements from na Interactionist Perspective. *Social Psychology Quarterly* 43 (1): 18-29, 1980.
- McGUIRRE, W J & PADAWER, A S. Trait salience in the spontaneous self-concept. *Journal of Personality and Social Psychology* 33: 743-754, 1976.
- MARKUS, H & NURIUS, P. Possible selves. *American Psychologist* 41(9): 954-969, 1986.
- MARKUS, H & SMITH, J. The influence of self-schemas on the perception of others. Apud: KILHSTROM, J F & CANTOR, N: Mental Representations of the self. *Advances in Experimental Psychology* 17: 1-47, 1984.

- MEAD, G H. Espíritu, persona y sociedad. Buenos Aires: Paidós, 1972.
- MEDRADO, B D. "Caindo prá idade". A vivência da velhice em um contexto rural nordestino. Tese de Mestrado. Recife-PE, 1994.
- MOOS, R H. The human Context: Enviromental Determinants of Behavior. Apud: FERNANDEZ, R.B, et al. Evaluación e Intervención en la Vejez. Madrid: Martínez-Roca, 1992.
- MOSCOVICI, S. On Social Representations. In: FORGAS, J P. Social Cognition. Perspectives on everyday understanding. New York: Academic Press, 1981.
- _____. Notes towards a description of Social Representations. European Journal of Social Psychology 18: 211-250, 1988.
- _____. Social Representations. Apud: PEREIRA, S C. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: BOCK, A M B (Org). O conhecimento no cotidiano. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- NELSON, E A & DANNEFER, D. Aged heterogeneity: Fact and fiction?. The fate of diversity in gerontological research. Gerontologist 32: 17-23, 1992.
- NEUGARTEN, B L & HAGESTAD, G D. Age and the life course. In: BINSTOCK, R & SHANAS, E (Eds). Handbook of aging and the social sciences. New York: Van Nostrand-Reinhold, 1976.
- ORGANIZACION MUNDIAL DE LA SALUD: Aplicaciones de la Epidemiología al estudio de los ancianos: Informe de un Grupo Científico de la OMS sobre la Epidemiología del Envejecimiento. Ginebra-OMS. Serie de Informes Técnicos-706, 1984.
- OSGOOD, C C ; et al. The measurement of meaning. Apud: BURKE, P J. The self: Measurement Requirements from na Interactionist Perspective. Social Psychology Quarterly 43 (1): 18-29, 1980.
- ROGERS, C R. Measuring personality adjustment in children nine to thirteen years of age. Apud: ANASTASI, A Tests Psicológicos. La Habana: Rvolucionaria, 1970.
- _____. Client-centered therapy. Apud: KILHSTROM, J F & CANTOR, N: Mental Representations of the self. Advances in Experimental Psychology 17: 1-47, 1984.
- ROSE, A M. A systematic summary of Symbolic Interaction Theory. Apud: BURKE, P J. The self: Measurement Requirements from na Interactionist Perspective. Social Psychology Quarterly 43 (1): 18-29, 1980.

- SANTOS, M F S. Identidade e Aposentadoria. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1990.
- _____. A velhice na zona rural. Representações Sociais e Identidade.
Manuscrito não publicado. Laboratório de Interação Social Humana-LABINT.
Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, 1996.
- SELYE, H. Stress. Apud: ALVAREZ, M A Stress: un enfoque psiconeuroendocrino.
La Habana: Científico-Técnica, 1986.
- SMITH, J & BALTES, P B. Wisdom-related knowledge: age cohort differences in
response to life-planning problems. *Development Psychology* 26: 494-505, 1990.
- SNYGS, D & COMBS, A W. Individual behavior. Apud: KILHSTROM, J F &
CANTOR, N: Mental Representations of the self. *Advances in Experimental
Psychology* 17: 1-47, 1984.
- SPINK, M J P. O discurso como produção de sentido. Manuscrito não publicado
apresentado no VI Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP em
Teresópolis. Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.
- STAUDINGER, U M; BALTES, P B & MARSISKE, M. Resilience and levels of
reserve capacity in later adulthood: Perspectives from life-span theory.
Development and Psychology 5: 541-566, 1993.
- STAUDINGER, U M; MARSISKE, M & BALTES, P B. Resiliência e níveis de
capacidade de reserva na velhice: Perspectivas da Teoria de Curso de Vida. In:
LIBERALESSO, N, A (Org). Psicologia do Envelhecimento. São Paulo: Papyrus,
1995.
- WALLON, H. Objectivos e Métodos da Psicologia. Lisboa: Estampa, 1973.
- WEBER, M. The theory of Social and Economic organization. Apud: FORGAS, J P.
Social Cognition. Perspectives on everyday understanding. New York: Academic
Press, 1981.
- WEGNER, D M & WALLACHER, R R. The self in Social Psychology. New York:
Oxford University Press, 1980.

ANEXO 1.

Roteiro de perguntas da entrevista.

1. O que representa para você a palavra idoso?
2. Que representação você tem do envelhecimento?
3. Que representa para você a velhice?
4. Como você representa a si mesmo trinta anos atrás? No caso de tratar-se de pessoas acima de 65 anos o número de anos para fazer a pergunta era de quarenta anos.
5. Como você representa a si mesmo agora, na atualidade?
6. Como você representa a si mesmo no futuro?

ANEXO 2.

Quadro 1. Coeficientes de associação entre a categoria “envelhecimento como processo normal” e as categorias restantes. Florianópolis, 1997.

Categorias	χ^2	Graus de liberdade	Prova Exata de Fisher	Significação	Coefficiente Phi
Envelhecimento como perdas (totais ou parciais)	—	—	0.000006	99.9%	0.83
Envelhecimento como limitações (totais ou parciais)	—	—	0.000006	99.9%	0.83
Velhice como continuidade da vida	19.96	2	—	99.5%	0.73
Negação da temática	—	—	0.02	95%	0,41
A questão corporal na representação da velhice	—	—	0.007	99%	-0.53
<i>Self</i> diversificado	5.31	1		95%	0.38
O <i>Self</i> num processo de continuidade	—	—	0.29	NS	—
Reflexividade sobre si mesmo.	5.31	1	—	95%	0.38

Quadro 2. Coeficientes de associação entre a categoria “envelhecimento como perdas (totais ou parciais)” e as categorias restantes. Florianópolis, 1997.

Categorias	χ^2	Graus de liberdade	Prova Exata de Fisher	Significação	Coeficiente Phi
Envelhecimento como processo normal	—	—	0.00006	99.9%	0.83
Envelhecimento como limitações (totais ou parciais)	—	—	0.000	99.9%	1
Velhice como continuidade da vida	23.58	1	—	99.9%	0.80
Negação da temática	—	—	0.01	99%	0.44
A questão corporal na representação da velhice	—	—	0.10	NS	—
<i>Self</i> diversificado	—	—	0.04	95%	0.34
O <i>Self</i> num processo de continuidade	—	—	0.05	95%	0.32
Reflexividade sobre si mesmo.	—	—	0.04	95%	0.34

Quadro 3. Coeficientes de associação entre a categoria “envelhecimento como limitações (totais ou parciais)” e as categorias restantes. Florianópolis, 1997.

Categorias	χ^2	Graus de liberdade	Prova Exata de Fisher	Significação	Coefficiente Phi
Envelhecimento como processo normal	—	—	0.0000006	99.9%	0.83
Envelhecimento como perdas (totais ou parciais)	—	—	0.00000	99.9%	1
Velhice como continuidade da vida	23.58	1—	99.9%	0.80
Negação da temática	—	—	0.01	99%	0.44
A questão corporal na representação da velhice	—	—	0.10	NS	—
<i>Self</i> diversificado	—	—	0.04	95%	0.34
O <i>Self</i> num processo de continuidade	—	—	0.05	95%	0.32
Reflexividade sobre si mesmo.	—	—	0.04	95%	0.34

Quadro 4. Coeficientes de associação entre a categoria “velhice como continuidade da vida” e as categorias restantes. Florianópolis, 1997.

Categorias	χ^2	Graus de liberdade	Prova Exata de Fisher	Significação	Coefficiente Phi
Envelhecimento como processo normal	19.96	1		99.9%	0.73
Envelhecimento como perdas (totais ou parciais)	23.58	1		99.9%	0.80
Envelhecimento como limitações (totais ou parciais)	23.58	1	99.9%	0.64
Negação da temática	—	—	0.05	95%	0.33
A questão corporal na representação da velhice	1.97	1		NS	—
Self diversificado	5.45	1		95%	0.38
O Self num processo de continuidade	—	—	0.07	NS	—
Reflexividade sobre si mesmo.	5.45	1	—	95%	0.38

Quadro 5 Coeficientes de associação entre a categoria “negação da temática” e as categorias restantes. Florianópolis, 1997.

Categorias	χ^2	Graus de liberdade	Prova Exata de Fisher	Significação	Coefficiente Phi
Envelhecimento como processo normal	—	—	0.02	95%	0.41
Envelhecimento como perdas (totais ou parciais)	—	—	0.01	99%	0.44
Envelhecimento como limitações (totais ou parciais)	—	—	0.01	99%	0.44
Velhice como continuidade da vida	—	—	0.05	95%	0.33
A questão corporal na representação da velhice	—	—	0.58	NS	—
Self diversificado	—	—	0.25	NS	—
O Self num processo de continuidade	—	—	0.53	NS	—
Reflexividade sobre si mesmo.	—	—	0.25	NS	—

Quadro 6. Coeficientes de associação entre a temática “a questão corporal na representação da velhice” e as categorias restantes. Florianópolis, 1997.

Categorias	χ^2	Graus de liberdade	Prova Exata de Fisher	Significação	Coefficiente Phi
Envelhecimento como processo normal	—	—	0.007	99%	0.53
Envelhecimento como perdas (totais ou parciais)	—	—	0.10	NS	—
Envelhecimento como limitações (totais ou parciais)	—	—	0.10	NS	—
Velhice como continuidade da vida	1.97	1		NS	—
Negação da temática	—	—	0.58	NS	—
<i>Self</i> diversificado	—	—	0.40	NS	—
O <i>Self</i> num processo de continuidade	—	—	0.11	NS	—
Reflexividade sobre si mesmo.	—	—	0.40	NS	—

Quadro 7. Coeficientes de associação entre a categoria “*Self* diversificado” e as categorias restantes. Florianópolis, 1997.

Categorias	χ^2	Graus de liberdade	Prova Exata de Fisher	Significação	Coefficiente Phi
Envelhecimento como processo normal	5.31	1	—	95%	0.38
Envelhecimento como perdas (totais ou parciais)	—	—	0.04	95%	0.34
Envelhecimento como limitações (totais ou parciais)	—	—	0.04	95%	0.34
Velhice como continuidade da vida	5.45	1	—	95%	0.38
Negação da temática	—	—	0.25	NS	—
A questão corporal na representação da velhice	—	—	0.40	NS	—
O <i>Self</i> num processo de continuidade	—	—	0.40	NS	—
Reflexividade sobre si mesmo.	37	1	—	99%	1

Quadro 8. Coeficientes de associação entre a categoria “O *Self* num processo de continuidade” e as categorias restantes. Florianópolis, 1997.

Categorias	χ^2	Graus de liberdade	Prova Exata de Fisher	Significação	Coeficiente Phi
Envelhecimento como processo normal	—	—	0.29	NS	—
Envelhecimento como perdas (totais ou parciais)	—	—	0.05	95%	0.32
Envelhecimento como limitações (totais ou parciais)	—	—	0.05	95%	0.32
Velhice como continuidade da vida	—	—	0.07	NS	—
Negação da temática	—	—	0.53	NS	—
A questão corporal na representação da velhice	—	—	0.11	NS	—
<i>Self</i> diversificado	—	—	0.29	NS	—
Reflexividade sobre si mesmo.	—	—	0.29	NS	—

Quadro 9. Coeficientes de associação entre a categoria “Reflexividade sobre si mesmo” e as categorias restantes. Florianópolis, 1997.

Categorias	χ^2	Graus de liberdade	Prova Exata de Fisher	Significação	Coefficiente Phi
Envelhecimento como processo normal	5.31	1	—	95%	0.38
Envelhecimento como perdas (totais ou parciais)	—	—	0.04	95%	0.34
Envelhecimento como limitações (totais ou parciais)	—	—	0.04	95%	0.34
Velhice como continuidade da vida	5.45	1	—	95%	0.38
Negação da temática	—	—	0.25	NS	—
A questão corporal na representação da velhice	—	—	0.40	NS	—
<i>Self</i> diversificado	37	1	—	99.9%	1
O <i>Self</i> num processo de continuidade.	—	—	0.29	NS	—